



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO EM ESTUDOS DA RELIGIÃO**

**CARLOS EDUARDO DOS SANTOS SIMAS**

**Vulnerabilidade e Pandemia:**

**Estudo das dinâmicas católicas na Europa do Sul (2019-2021)**

**Dissertação final**

**sob a orientação de:**

**Professor Doutor Alfredo Teixeira**

**Lisboa  
2024**



«Em cada dia é-nos oferecida  
uma nova oportunidade, uma nova etapa.  
Não devemos esperar tudo daqueles que nos governam;  
seria infantil» (*Fratelli Tutti*, 77).



## **DEDICATÓRIAS E AGRADECIMENTOS**

Quero expressar a minha gratidão a Deus, pelo dom da inspiração e da sabedoria que Ele me dá como instrumento da sua Graça.

Agradeço ao Professor Doutor Alfredo Manuel Matos Alves Rodrigues Teixeira, que me orientou no decorrer deste estudo com paciência, dedicação e zelo.

Aos meus pais e aos meus irmãos, pelo amor, carinho, atenção e paciência que Tiveram para comigo no decurso deste trabalho.

Também agradecer às minhas comunidades paroquiais de Lomba da Maia e de São Brás, da ilha de São Miguel, Diocese de Angra, onde todos os dias exerço a minha função de sacerdote e, que ao longo da pandemia, me acompanharam em todos os momentos como uma família gerada por Deus para meu cuidado.



## ÍNDICE

DEDICATÓRIAS E AGRADECIMENTOS .....	5
RESUMO .....	8
INTRODUÇÃO .....	10
1. ENQUADRAMENTO SOCIAL, ECONÓMICO POLÍTICO E RELIGIOSO NO CONTEXTO PANDÉMICO .....	11
1.1. Os fatores que descrevem a crise pandémica .....	11
1.2. Identificação de alguns contributos interpretativos para a experiência da pandemia.....	18
1.3. O contributo do Papa Francisco para a leitura da crise como oportunidade de transformação .....	28
2. PENSAMENTO E AÇÃO PASTORAL DA IGREJA NO ARCO GEOGRÁFICO DO SUL DA EUROPA, NO CONTEXTO PANDÉMICO .....	36
2.1. Conferência Episcopal Italiana.....	36
2.2. Conferência Episcopal Francesa .....	47
2.3. Conferência Episcopal Espanhola.....	54
2.4. Conferência Episcopal Portuguesa.....	61
3. A PANDEMIA COMO OPORTUNIDADE: UMA APROXIMAÇÃO CONTEXTUALIZADA .....	73
3.1. A pandemia uma oportunidade de viragem.....	73
3.2. Uma abordagem contextual.....	76
3.2.1. Contexto Económico .....	76
3.2.2. Contexto Social .....	79
3.2.3. Contexto Religioso.....	84
CONCLUSÃO .....	89
BIBLIOGRAFIA .....	92

## RESUMO

O estudo tem como base fundamental a Pandemia provocada pela COVID-19 que assolou todos os estrados da sociedade. O epicentro do nosso olhar nesta temática irá debruçar-se nos países da Europa do Sul: Itália, França, Espanha e Portugal. Mas não podemos esquecer as informações experimentadas e partilhadas nos variados cantos do globo. A busca de respostas face a um vírus desconhecido faz surgir várias inseguranças que suscita questões que requerem respostas rápidas das várias instituições governamentais e religiosas. É importante termos presente as questões sobre as consequências que surgiram, as políticas utilizadas como linhas orientadoras, os impactos e as desigualdades. Perante o clima pandémico e, para além da busca de soluções, é necessário olharmos para a vulnerabilidade e para a fragilidade como temas importantes que acabam por contribuir para o estudo das tensões e respostas nos vários sectores; na economia, na política, na sociedade, nas instituições religiosas. Num mundo onde a globalização nos entra pela porta adentro ficamos submetidos às mudanças de paradigma entre o mundo físico e o digital; nas políticas o nível nacional e supranacional e na sociedade entre liberdade e controlo.

**Palavras-chave:** Pandemia. Covid-19. Vulnerabilidade. Desigualdades. Globalização. Crise. Estado. Igreja.

## ABSTRACT

The study is fundamentally based on the Pandemic caused by COVID-19 that has devastated all levels of society. The epicenter of our focus on this topic will focus on the countries of Southern Europe: Italy, France, Spain and Portugal. But we cannot forget the information experienced and shared in different corners of the globe. The search for answers in the face of an unknown virus gives rise to several insecurities that raise questions that require quick responses from various government and religious institutions. It is important to keep in mind the questions about the consequences that arose, the policies used as guidelines, the impacts and inequalities. In the face of the pandemic climate and, in addition to the search for solutions, it is necessary to look at vulnerability and fragility as important themes that end up contributing to the study of tensions and responses in the various sectors, in the economy, in politics, in society, in religious institutions. In a world

where globalization enters our doors, we are subjected to paradigm shifts between the physical and digital worlds, in politics at the national and supranational level and in society between freedom and control.

**Keywords:** Pandemic. Covid-19. Vulnerability. Inequalities. Globalization. Crisis. State. Church.

## INTRODUÇÃO

Nesta exposição tentarei explicar o surgimento da pandemia, provocada pelo vírus SARS-COV-2, que provoca a doença da COVID-19. Terei em conta o impacto pandémico no arco geográfico do Sul da Europa, não esquecendo a informação relativa aos outros países do globo. Neste sentido será foco deste estudo, a busca de orientações e respostas que foram surgindo ao longo da evolução da pandemia.

Debruçar-me-ei nas perguntas: que políticas surgiram; como a pandemia afetou a economia; ao nível social, que respostas surgiram e, até que ponto as desigualdades sociais agravaram e provocaram uma maior vulnerabilidade nos mais variados sectores: político, económico, social e religioso. As questões tomam um sentido pertinente nas várias dimensões.

Até que ponto contribuiu a globalização para a rápida disseminação do vírus por todo o globo? Serão, os nossos governantes, capazes de responder com as políticas atuais aos desafios provocados pela pandemia? Estará a economia na linha de estabilidade de modo a impedir uma nova crise na ordem dos desempregos, e na subida da inflação? A sociedade terá de enfrentar e conviver com o agravamento das desigualdades? Estará as instituições de saúde organizadas e preparadas para lidar com uma pandemia que coloca em risco a vida humana, sendo o vírus de muito fácil contágio? Em que medida responderá a ciência para o surgimento de medicamentos para dar resposta aos sintomas do novo vírus? Como irão lidar, as várias instituições e que respostas darão para superar a pandemia? Até que ponto o digital funcionou enquanto resposta para uma regularização do estado funcional da sociedade no decorrer da pandemia? Terá a pandemia funcionado como um momento de se pensar em novos paradigmas nos mais variados estratos das nossas sociedades?

A partir de um conjunto de documentos, que permitem uma aproximação às dinâmicas socioreligiosas, no período da pandemia, e alguns dos seus intérpretes, espera-se que este trabalho, contribua para uma tomada de consciência dos efeitos dessa experiência no curso do nosso tempo.

# 1. ENQUADRAMENTO SOCIAL, ECONÓMICO POLÍTICO E RELIGIOSO NO CONTEXTO PANDÉMICO

## 1.1. Os fatores que descrevem a crise pandémica

As sociedades, antes de terem conhecimento da existência de um novo vírus, estavam configuradas pela experiência da globalização. Esta, estaria a funcionar como aspeto proveitoso, às grandes agências de poder económico e político e, caminhava no sentido de uma «globalização da indiferença e cultura do descartável».<sup>1</sup> Davam-se a conhecer estilos de vidas hedonistas<sup>2</sup>, cuja ideia debruçava-se na aceitação de «sacrifícios em nome de uma distribuição mais equitativa, de possibilidades e de bens, entre todos considerada anacrónica e irrelevante»<sup>3</sup>. Este estilo de vida, estava a ser de tal ordem, ao ponto de se chegar, à interrogação do que seria o presente e o futuro de grande parte da humanidade.

É no despontar do ano dois mil e vinte, mais propriamente, no mês de janeiro, o presidente chinês, Xi Jinping, deu a conhecer, à opinião pública mundial, que um novo vírus identificado como oriundo da família do coronavírus, havia deflagrado na cidade de Whuan, província de Heibei, na República Popular da China.<sup>4</sup>

O recente vírus, pertencente a um grupo de vírus de genoma de RNA simples, de sentido positivo já era conhecido desde o ano de 1960. Estes vírus acabam por ser responsáveis por infeções respiratórias leves a moderadas e, de curta duração. A sigla RNA – *RiboNucleic Acid* – em português Ácido Ribonucleico, diz respeito a uma macromolécula essencial para várias funções biológicas. Dentre desta estirpe, advém também o vírus causador da forma de pneumonia atípica grave, conhecido como SARS – sigla em inglês – *Severe Acute Respiratory Syndrom* – que na sua tradução significa «Síndrome Respiratória Aguda Grave». Através desta composição, surge a estrutura do novo vírus anunciado: o Sars-Cov-2, que provoca a doença da Covid-19. Xi Jinping anunciou que o mesmo havia deflagrado e, estaríamos perante uma situação de contágio público do coronavírus,

---

<sup>1</sup> Bruno Forte, «A fé no Deus de Jesus Cristo e a pandemia», em *Demolição e Reconstrução*, ed. Walter Kasper, George Augustin (Prior Velho: Paulinas, 2020), 29.

<sup>2</sup> O hedonismo aqui é referido no sentido de dar maior importância à busca das realizações momentâneas, no sentido do efémero, em vez da prioridade nas realizações a longo prazo.

<sup>3</sup> Bruno Forte, «A fé no Deus de Jesus Cristo e a pandemia», 30-31.

<sup>4</sup> Cf. Organização Mundial da Saúde, «Histórico da Pandemia de Covid-19». Acedido a 16 de outubro de 2022, <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>.

explicando que, o perigoso vírus era transmissível entre o contacto humano. Este comunicado foi, em certa medida, desvalorizado pelo ocidente, pois acreditou-se que seria um vírus que rapidamente ficaria isolado no continente asiático. Não havia notícias, até à data, que o mesmo já se havia difundido pelos diversos continentes do globo. Esta “crença” foi rapidamente invertida, ao notar-se o rápido alastramento do mesmo que, acabaria por limitar a liberdade das pessoas, que viram a sua saúde colocada em risco. A Covid-19 rapidamente se expandiu, espalhando pelo mundo medo e terror.<sup>5</sup> A facilidade da mobilidade global foi a causa que contribuiu para a rápida difusão do vírus, pelos vários continentes<sup>6</sup>. Estamos perante um vírus que, rapidamente se instala no seu hospedeiro, sem que este dê conta, pois os sintomas só surgem ao fim de cinco dias, após um leque variado de meios de transmissão, próprios dos coronavírus. Perante este quadro vivencial, o mundo deparou-se com a trágica evidência de que, o ser humano encontra-se face a face com a sua equitativa vulnerabilidade. A pandemia acaba por afetar pessoas tanto de países ricos, como de países pobres, desvendando a igualdade comum a todos.<sup>7</sup> O aparecimento do coronavírus surpreendeu-nos como «uma tempestade inesperada»<sup>8</sup>, alterando, por completo, a realidade e a rotina das nossas vidas: familiar, laboral e pública.

Num ápice surgiu a informação, da Organização Mundial de Saúde, apresentando anteriormente, que estaríamos num estado de pandemia.

A palavra pandemia, experienciada em outros acontecimentos anteriores, como a Peste Negra e a Gripe Espanhola<sup>9</sup>, na sua etimologia significa uma crise que atinge todo (*pan*) o povo (*demos*), isto é, a todos em geral e, cada um em particular. Enfrentar uma pandemia revela uma interrupção do estilo, dos hábitos de vida e das certezas da vida anteriormente pensadas e construídas. Um facto que para a História não era desconhecido. Toda esta situação evidenciou, «de um modo novo, a vulnerabilidade e a fragilidade do

---

<sup>5</sup> George Augustin, «Dar testemunho da vida num mundo mortal, 43.

<sup>6</sup> João Manuel Duque, «Religião, imunidade e hospitalidade», *REVER* 22, n.º 1 (2022): 49, <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2021vol22ila4>.

<sup>7</sup> Duque, «Religião, imunidade e hospitalidade», 49.

<sup>8</sup> Francisco, «Homilia da Bênção *Urbi et Orbi*», acedido a 27 de outubro de 2022, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papa-francesco\\_20200327\\_urbi-et-orbi-epidemia.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papa-francesco_20200327_urbi-et-orbi-epidemia.html).

<sup>9</sup> A Peste Negra, também conhecida como Peste Bubônica, tratava-se de uma doença contagiosa que atingiu grande parte da população. Trata-se de uma doença aguda, acompanhada de febre tóxica, com características venenosa, que atinge o coração através do ar, espalha-se pelas veias e corrompe o sangue atingindo o pulmão provocando expeção com sangue. Esta doença assolou a Ásia e a Europa entre os anos de 1346 a 1352, permanecendo em estado endêmico na Europa, acabou por ser superada por as pessoas conseguirem desenvolver anticorpos para se defender da doença. A Gripe Espanhola surgiu em 1918, através do vírus influenza, provavelmente nos Estados Unidos, acabou por se espalhar pelo mundo. A primeiras vítimas surgiram em Filadélfia. Esta doença acabaria por atingir mais jovens – entre os vinte e os trinta anos –. Esta gripe matou mais pessoas do que a Peste Negra, no período de um ano.

homem, as suas limitações e a sua impotência frente às forças da natureza».<sup>10</sup> Nesta linha de pensamento, João Manuel Duque, inspira-se na visão de Jean-Luc-Nancy ao referir que este «vírus pode ser compreendido como “revelador – ou mesmo desconstrutor – do estado frágil e incerto da nossa civilização racional e operatória”»<sup>11</sup>. É uma “porta aberta” para termos presente o impacto socio antropológico da pandemia tendo ainda presente as ideias de Duque que nos refere que:

Em causa está, sem dúvida, o conflito entre a necessidade de cuidar da saúde (e da vida) dos cidadãos, numa modalidade biopolítica muito própria dos estados modernos e contemporâneos, e salvaguarda da liberdade de ação, que inclui a intervenção no espaço público.<sup>12</sup>

Nesta medida, para enfrentar a pandemia, teremos de ter presente que o campo de ação deverá ser equilibrado, tendo em conta que por detrás do zelo da vida humana, existem direitos que coabitam com as leis e, não poderão ser violadas por uma imposição, limitando a liberdade de ação em todos os contextos, desde os sociais até aos religiosos. Afinal, já se havia vivido a experiência da pandemia, na Peste Negra e na Gripe Espanhola, embora em épocas diferentes, foi-nos deixado relatos em como agir perante uma situação de pandemia. Assim e nesta linha de enquadramento, João Manuel Duque, nos ajuda a perceber a importância de termos presente, o cruzamento de três conceitos no contexto pandémico:

[O] conceito de cidadania, que coloca em jogo a questão da imunidade política, jurídica e mesmo social; o conceito de mobilidade, que a procura de certa imunidade biológica parece colocar em questão, afetando por isso a dimensão política e jurídica; e o conceito de religião, entre uma articulação sociopolítica da imunidade que separa e exclui, porque se baseia numa noção de sagrado como exclusão, e uma eventual abertura ao transcendente e desconhecido, mesmo com o risco de contaminação.<sup>13</sup>

E, por outro lado, Bruno Forte afirma:

Os direitos humanos fundamentais, como a liberdade de movimento, a liberdade de contatos pessoais e a liberdade de reunião» estiveram extremamente limitados, sem deixar de parte «a interdição da prática pública comum da religião nas suas formas habituais.<sup>14</sup>

---

<sup>10</sup> Augustin, «Dar Testemunho da vida num mundo mortal», 43.

<sup>11</sup> Duque, «Religião, imunidade e hospitalidade», 48.

<sup>12</sup> Duque, 50.

<sup>13</sup> Duque, 51.

<sup>14</sup> Forte, «A fé no Deus de Jesus Cristo e a pandemia», 29.

É que nem na segunda grande guerra se viveu tanta privação. Em dois mil anos de História da Igreja, jamais tinha acontecido que até à Páscoa, inclusive em Roma, não houvesse cerimónias comunitárias públicas.

No que respeita ao confinamento, por intervenção e imposição estatal, acabou por provocar, em alguns sectores da sociedade, um desconforto e uma tensão, levando à contestação pública, por se ver “violado” o direito à cidadania. A limitação da mobilidade fez com que as populações assistissem, de braços atados, à limitação da liberdade de circulação, pois a rápida difusão do vírus deveu-se à facilidade de mobilidade que se vive na atualidade. Por se falar na mobilidade, também se coloca a questão, sobre se um estado laico terá legitimidade para condicionar a prática religiosa. Parar a prática religiosa, segundo, Giorgio Agamben, será passar a possibilidade da vivência de uma esperança pura, praticada pela caridade em carne e osso, com o medo de contágio, para a ciência. Aqui se estaria a colocar em causa o direito à cidadania religiosa.<sup>15</sup>

No contexto português, prevaleceu o pensamento de enfrentar a pandemia, conscientes dos riscos, a todos os níveis. O Estado não deixou de se valer do seu poder para impor regras, limites e fronteiras territoriais, para minimizar o contágio entre a população. Não há dúvidas que a emergência sanitária, que se viveu, levou a uma interrupção abrupta dos diversificados estilos de vida, acabando por confinar a “liberdade” ao espaço doméstico. Uma ordem imperiosa que afetou a liberdade pública e, por conseguinte, a liberdade da prática religiosa.

Num primeiro momento, o confinamento deu-se de março a maio de 2020, período no qual se viveu uma «intensa limitação da realização da liberdade de culto».<sup>16</sup>

A secularidade pesa quando há decisões a serem tomadas. Tenhamos em conta o pensamento de Bruce, pois afirma que o resultado que limitou, sem qualquer preocupação a liberdade do culto religioso, foi o facto de vivermos num ambiente de secularismo:

[...] um mundo no qual a religião gradualmente vai tendo menos relevância nas diferentes esferas sociais, onde o consenso e a autoridade em torno de valores e práticas seculares são maiores e onde o isolamento religioso tem um custo social alto e que a maioria das pessoas não está disposta a pagar.<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> Duque, «Religião, imunidade e hospitalidade», 50.

<sup>16</sup> Jorge Botelho Moniz, «Pandemia na era secular: Liberdade religiosa em Portugal nos inícios do surto da COVID-19», *Revista angolana de ciências* 3, n.º 2 (2021): 278-79, <https://doi.org/10.54580/R0302.02>.

<sup>17</sup> Moniz, «Pandemia na era secular», 280.

Não há dúvidas que vivemos numa época secular. Isto é, que se vive numa era em que todas as ordens: cósmica, social e até moral, estão imersas num contexto, como se não houvesse uma coabitação com o sagrado. Não há crença de que a vivência religiosa seja o ponto central para se manter a ordem social. Nota-se então um retrocesso da religião face ao espaço público, que olha para a religião como algo do passado, incapaz de criar impacto nas ações de cada um.<sup>18</sup> Para o filósofo Byung-Chul Han, no mundo de hoje, falta o simbólico, o que faz com que a força da experiência diminua. Para Han vivemos numa pressão, que não nos deixa saborear a durabilidade do simbólico. No seu pensar encontramos,

No vazio simbólico, as imagens e as metáforas geradoras de sentido e fundadoras de comunidade que dão estabilidade à vida perdem-se. A experiência da duração diminui. E a contingência aumenta radicalmente.<sup>19</sup>

Han acrescenta ainda:

Os ritos são no tempo o que a morada é no espaço. Pois é bom que o tempo que transcorre não nos dê a sensação de que nos gasta e nos perde, como ao punhado de areia, mas nos realiza.<sup>20</sup>

Com esta ideia vamos tendo a consciência que, numa sociedade de cariz secular, a religião vai perdendo força e, de forma gradual, vai perdendo terreno nos diferentes contextos sociais. Os Estados acabam por não se prender aos princípios e práticas religiosas, mas a elevar os princípios da democracia. Neste ponto de vista, estas sociedades vivem de referências seculares, o que leva a uma diminuição do conhecimento religioso, que acaba por limitar o papel das religiões nas suas práticas quotidianas. Faz-nos presenciar, cada vez mais, o acentuar de um mundo mais orientado para a produção neoliberal. Automatiza-se a sociedade com a finalidade de haver uma exploração voluntária da pessoa, que é levada a acreditar que, desta forma, se está a realizar.<sup>21</sup>

No que respeita ao Estado português, este com a proclamação da República, entra num ambiente de “rutura” com a religião, mais propriamente a católica. Ao longo dos vários anos da República, foram vários os momentos em que Estado e Igreja, se foram “tolerando” a partir do respeito mútuo, na sua própria esfera político-social e religiosa.

---

<sup>18</sup> Moniz, 279.

<sup>19</sup> Byung Chul Han, *Do desaparecimento dos Rituais* (Lisboa: Relógio D'Água, 2020), 12.

<sup>20</sup> Han, 12.

<sup>21</sup> Han, 15.

Assumindo, o Estado português, a neutralidade e a igualdade no que respeita à separação do Estado e das confissões religiosas e, por outro lado, tendo em conta, a Declaração dos Direitos Humanos n.º 18, que estabelece a liberdade da manifestação religiosa, estamos perante um Estado que não se poderá pronunciar sobre os assuntos de cariz religiosos:<sup>22</sup>

A Lei da Liberdade Religiosa – LLR – no n.º 1 do artigo 4, afirmou o princípio da não confessionalidade do Estado, ou seja, a não adoção de qualquer religião por parte do Estado e o seu não pronunciamento sobre assuntos religiosos.<sup>23</sup>

A partir deste ponto, é de considerar que, em nenhum caso, o Estado poderá afetar a liberdade de consciência ou na prática da religião. Desta forma a liberdade da manifestação pública ou privada da religião, tendo como base os direitos pessoais, não pode ser afetada por intervenção do Estado, mesmo em situações extremas como por exemplo, o estado de emergência. Desta forma, podemos constatar um desequilíbrio legislativo-religioso no decreto de 20 de março de 2020, quando o Estado estabeleceu a proibição da realização de celebrações de cariz religioso, que evitavam aglomerações de pessoas, nas práticas celebrativas. Esta prática permitiu que Botelho Moniz relembresse o que anteviam Wohlrab-Sahr e Burchardt, numa aplicação da secularidade em nome de questões de saúde pública. Indo mais além, Botelho Moniz nos apresenta o pensamento de Freire que refere as «escolhas de hierarquização efetuadas pelo Estado, através do sistema de (des)confinamento, “não são neutras”». <sup>24</sup> Assim os valores religiosos foram considerados como os menos importantes em plena pandemia. Mesmo quando se regressou à abertura dos vários sectores económicos, que não se consideravam essenciais, mesmo que estes provocassem aglomeração de pessoas, os contextos culturais permaneceram fechados.

Em Portugal, a Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), acabou por antecipar as orientações, tanto as do Governo de 18 de março, como as que a Santa Sé viria a emanar a 19 de março. Estas medidas foram alvo de crítica por parte do constitucionalista Bacelar Gouveia, no qual se fundamentou Botelho Moniz, destacando a ideia do constitucionalista que afirmou que:

---

<sup>22</sup> Cf. Moniz, «Pandemia na era secular», 284.

<sup>23</sup> Moniz, 284.

<sup>24</sup> Cf. Moniz, 286.

A Igreja Católica não esteve bem, porquanto foi mais drástica do que o poder político, tomando e até antecipando uma proibição que nem o próprio Estado teve a ousadia de aplicar com tanta severidade.<sup>25</sup>

Com esta ideia, percebemos que em Portugal, antes de ter surgido qualquer decreto governamental, foi a Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), a tomar iniciativa, numa Nota do Conselho Permanente, do dia 2 de março de 2020, «onde se pedia aos fiéis que seguissem “estritamente as indicações e normas da Direção Geral de Saúde”, alertando para algumas “medidas de prudência” em celebrações e espaços litúrgicos».<sup>26</sup> Tendo presente o Comunicado da mesma CEP sobre a pandemia provocada pela COVID-19, este veio determinar que os «sacerdotes suspendam a celebração comunitária da Santa Missa até ser superada a atual situação de emergência».<sup>27</sup> No mesmo comunicado de 13 de março de 2020, não só são suspensos todos os atos de culto, como também reuniões, encontros de catequeses.

Se tivermos presente, por exemplo, a Comunidade Islâmica de Lisboa, esta só se pronuncia para o cumprimento das recomendações das autoridades, somente no dia 20 de março, colocando «a hipótese de se “repensar” as “práticas e procedimentos habituais” do Sagrado mês do Ramadão». Já a comunidade israelita faz o seu comunicado no dia 19 de março afirmando «que procederá a “uma inevitável adaptação” dos seus serviços e estrutura comunitária, bem como à “suspensão” das suas principais atividades». Assim se encerrou tanto a sinagoga como se suspendeu também todos os serviços religiosos.<sup>28</sup>

Apesar de toda esta diferenciação de tomadas de posição, nas medidas, face ao multiplicar do aparecimento do número de casos em Portugal, Jorge Moniz Botelho, não deixou de apresentar as mesmas críticas que Wohlrab-Sahr e Burchardt;

O poder de agência sobre culturas de secularidade – neste caso, em favor de questões de saúde pública – está centrado nas autoridades públicas seculares. Na *era secular*, esse fenómeno promove uma competição religioso-secular cujo terreno de jogo é desnivelado a favor de princípios duma ordem moral moderna secular.<sup>29</sup>

---

<sup>25</sup> Moniz, «Pandemia na era secular», 288.

<sup>26</sup> Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, «Nota do Conselho Permanente da CEP sobre a situação provocada pelo Coronavírus», acessado a 23 de outubro de 2022, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/nota-do-conselho-permanente-da-cep-sobre-a-situacao-provocada-pelo-coronavirus/>.

<sup>27</sup> Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, «Covid-19 – Comunicado da Conferência Episcopal Portuguesa», acessado a 23 de outubro de 2022, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/covid-19-comunicado-da-conferencia-episcopal-portuguesa/>.

<sup>28</sup> Cf. Moniz, «Pandemia na era secular», 289.

<sup>29</sup> Moniz, «Pandemia na era secular», 290.

Para Gorski, esta ideia já é vista como um «modelo de conflito sociopolítico», enquanto para Stolz, trata-se de uma «batalha silenciosa», vista como um duelo onde, sobretudo as igrejas cristãs acabam por ser as que perdem forças. No pensamento crítico de Jorge Botelho Moniz, no caso português, não foi o Estado a impor o seu poder político, mas sim a Igreja, em Portugal, a promover uma «auto-secularidade» subordinando as suas práticas de culto à esfera política.

Numa outra visão podemos ter em conta que, por sugestão da CEP, como medidas de “substituição”, das práticas presenciais dos atos de culto para a esfera digital, corre-se o risco desta prática, resultar numa “diluição das comunidades religiosas”, é o que nos diz Fraca Martins & Fernandes. Esta visão, também é alvo de discussão por Wilson, Hervieu-Léger e Moniz, pois defendem que elas resultam numa tendência na quebra dos vínculos com a comunidade religiosa tradicional, levando à sua desagregação e acomodação.<sup>30</sup> Encontramos uma contraposição ao pensamento anterior no artigo de Stephanini & Brotto, que vêem a pandemia da COVID-19 como uma oportunidade para que haja uma quebra de paradigma das religiões, buscando novas formas de presença e de ação e interação na sociedade.<sup>31</sup>

## **1.2. Identificação de alguns contributos interpretativos para a experiência da pandemia**

Colocou-se a esperança de que, a medicina, com o seu conhecimento e desenvolvimento tecnológico, rapidamente desenvolvesse uma cura, por forma a solucionar a vida de todos. Uma medicina que entregasse a todos a solidez das suas vidas. Mas o certo é que isto não aconteceu! Tudo se tornou demasiado frágil perante o inesperado aparecimento viral:

A primeira pergunta que assomou aos corações e às mentes de muitos foi, então, a pergunta universal suscitada pela dor e pela morte, quando estas se aproximam das nossas casas e tocam diretamente os nossos afetos e as nossas pessoas: porquê? Para quê todo este mal? Porquê toda esta dor? Para muitos foi rápida a passagem destas interrogações para a pergunta radical: se Deus existe e é justo, porquê este vírus mortífero?<sup>32</sup>

---

<sup>30</sup> Cf. Moniz, 290.

<sup>31</sup>Valdir Stephanini, Julio Cezar de Paulo Brotto, «A quebra de paradigmas religiosos em tempos de pandemia: dos templos para as casas e para as mídias», *PLURA* 12, n.º 1 (2021): 63, <https://doi.org/10.29327/25>.

<sup>32</sup>Bruno Forte, «A fé no Deus de Jesus Cristo e a pandemia», 32.

Com a invasão do coronavírus, a situação torna-se «catastrófica», até ao ponto de muitos chorarem a morte de parentes e amigos queridos. A situação torna-se grave, de tal ordem que, os familiares daqueles que morrem, ficam impedidos de gerar o seu luto, no acompanhamento dos respetivos funerais. Não era um momento novo na História da humanidade, até porque, recuando no tempo temos os relatos da peste negra em que:

O destino que se dava aos defuntos era desesperador. Num primeiro momento, enquanto eram poucos os infetados, a população manteve os rituais de sepultamento [...]. Quando o número de óbitos se multiplicou, esses rituais foram abandonados.<sup>33</sup>

Após aquela vivencia cruel, que ficara marcada na História, foi a vez do aparecimento da Gripe Espanhola, que surgiu imersa de uma guerra mundial e, acabara por atingir mais idosos e crianças. Uma pandemia que se prolongou por dois anos. Será importante, para uma realidade presente da atual pandemia da COVID-19, o que nos escreve Barry baseado em Clifford Adams: «As pessoas foram impedidas de comunicar, de ir a igrejas, as escolas fechadas [...] todos os bares fechados [...] tudo estava quieto».<sup>34</sup> Esta ideia de Clifford Adams, da qual beberam Stephanini e Brotto, pode ser vista como uma consciencialização de que as pandemias podem ser vistas como uma boa oportunidade para a quebra de paradigmas.

Voltando, à peste negra, podemos constatar uma mudança na celebração dos rituais fúnebres:

[O] falecido era conduzido à igreja que escolhera momentos antes de morrer. Os seus pares levavam-no aos ombros, com pompa fúnebre, de velas e de cantos. Tais cerimónias quase se extinguíram, no todo ou parcialmente, quando principiou o furor da peste. E muitas novidades vieram substituí-las [...]. Fazia-se raro caso daqueles que tinham, indo para a igreja, para o cortejo de dez ou doze de seus vizinhos. O féretro destes era carregado, não por honrados e prestimosos cidadãos, porém por uma espécie de padioleiros, que se originaram da gente mais humilde, que recebiam o título de coveiros, e que apenas usavam seus préstimos por um preço combinado com antecedência [...]. Os padioleiros caminhavam atrás de quatro o cinco clérigos, com raras velas; as mais das vezes iam mesmo sem nenhum clérigo.<sup>35</sup>

Toda esta situação leva à quebra de paradigmas, não somente provocando uma mudança de mentalidade, mas também à mudança das práticas, tanto sociais como religiosas. Deixa-se para trás aquilo que já não faz “sentido”, mas também, por outro lado,

---

<sup>33</sup> Stephanini, Brotto, «A quebra de paradigmas religiosos em tempos de pandemia», 65.

<sup>34</sup> Stephanini, Brotto, 68.

<sup>35</sup> Stephanini, Brotto, 69-70.

conduz-se ao surgimento de novos paradigmas, que acabaram por surgir como respostas adequadas a novos tempos, fruto de uma reflexão imposta num ambiente pandémico, e que levou a que, tanto na esfera social como religiosa, houvesse esta mudança de paradigmas. Não podemos esquecer, que este fator de «isolamento social», também fez-se refletir naqueles que frequentavam, com regularidade, as celebrações litúrgicas nas igrejas. O facto foi que, estas pessoas, experimentaram a crise de forma diferente daqueles que não a frequentam. Este facto permite-nos ter, aqui presente, a reconfiguração das crenças. Neste caso a crença não desaparece, simplesmente desdobra-se e diversifica-se. Com esta ideia salienta-se que hoje, vive-se uma livre escolha no campo religioso. Diga-se que se assiste a uma religiosidade modular, isto é, «constrói narrativamente a sua experiência em confronto com uma linhagem religiosa que se identifica pessoalmente»<sup>36</sup>.

A pandemia acaba por nos atingir, não somente na vida individual, mas também na vida coletiva, desembocando numa paralisação, que não tinha sido experimentada nas últimas décadas.

Os mais variados espaços, que anteriormente, eram de grande afluência de multidões como por exemplos, as grandes cidades, os aeroportos, os centros desportivos e de diversão, transformaram-se, num ápice, como que lugares mortos. Um deserto de encontros, vozes e sentimentos. Lugares vazios!

O trabalho realizado em casa e o distanciamento social, num primeiro momento, eram vistos como algo até benéfico, que nem todos podiam beneficiar. Olhando para os mais vulneráveis, estes acabavam por ser contados entre os mortos. Os lares consciencializaram-se da sua fragilidade e, incapacidade, em proteger os seus doentes e idosos, cujos, alguns acabaram mortos por contraírem o vírus, pelas mais diversas formas; internamentos obrigatórios ou contacto com assistentes operacionais contaminados pelo vírus. Para proteger os mais vulneráveis, residentes em lares ou em hospitais, os familiares foram obrigados a acompanharem-nos, somente via chamadas telefónicas, videochamadas ou numa visita personalizada, limitada à distância do jardim ou, à barreira da janela. Um encontro, do qual, as lágrimas surgiam e a interrogação, sobre a segurança e o dia de amanhã, eram colocados numa dúvida angustiante. Um sofrimento, provocado pela ausência de contacto físico e relacional, do qual, o ser humano é “pré-configurado” e, para o qual, não estava preparado.

---

<sup>36</sup> Danièle Hervieu-Lèger, *O peregrino e o convertido – a religião em movimento* (Petrópolis: Editora Vozes, 2008), 89.

Acabamos por perceber que, com as pandemias, as rotinas, nas mais variadas esferas, sofreram mudanças. No que respeita ao estrato religioso, as celebrações litúrgicas deixaram de ser vividas nos templos, desafiando as casas a se tornarem Igrejas domésticas, voltando às suas origens, isto é, à prática dos cristãos na Igreja nascente. No artigo de Stephanini e Brotto, podemos ter acesso ao pensamento em que Snyder nos diz:

[T]eologicamente a Igreja não precisa mais de templos. Edifícios não são essenciais para a verdadeira natureza da igreja, pois o tabernáculo simboliza a habitação de Deus, e Deus já habita dentro da comunidade humana dos crentes cristãos.<sup>37</sup>

Com isto, vemos que a pandemia levou, claramente, a que as instituições religiosas se adequassem aos novos tempos, bebendo às suas origens, isto é, à vivência das primeiras comunidades cristãs. Nesta linha, a busca de novos paradigmas, passou a ser uma realidade urgente. A presença das religiões, no ciberespaço, foi um passo necessário para a perpetuação da presença da religiosidade e da proximidade das instituições, com as suas comunidades. É como escreve Freire:

[Os] milhares de sites, blogs e perfis em redes sociais que tem a religião como tema fundador, oferecem, basicamente, discursos nos formatos mais diversos, desde textos e vídeos até aplicativos e imagens animadas, porém, em nossa percepção, os espaços virtuais que mais caracterizam os ciber-templos seriam páginas que possibilitam a participação e interação com os fiéis.<sup>38</sup>

Os encerramentos dos espaços públicos e religiosos, contribuíram para a quebra de paradigmas e, desafiaram à mudança na rotina das comunidades. Com isto, vemos que a pandemia levou a que, as religiões se adaptassem e se reinventassem, de modo a permanecerem próximas dos seus seguidores. Surgiram novas práticas e se reconstruíram diferentes estilos de vida e, por outro lado, novas formas de se praticar a religiosidade. As igrejas cristãs, buscaram novos meios de presença, para continuarem a responder às necessidades das suas comunidades. O uso das novas tecnologias foi o caminho, não só para apresentarem o contacto com as celebrações, mas de uma forma muito próxima, acabaram por se desenvolver projetos de solidariedade. Contudo, nem todos mostraram agrado sobre a transição do culto das igrejas para o ciberespaço. É o que se pode ler na opinião de França:

---

<sup>37</sup> Stephanini, Brotto, «A quebra de paradigmas religiosos em tempos de pandemia», 71.

<sup>38</sup> Stephanini, Brotto, 72.

[T]ornam-se (a ciência e a tecnologia) no marco imanente subjacente à ordem social contemporânea que, por defeito, leva as pessoas a optar por valores e práticas seculares, afastando-se, assim, das esferas religiosas [...]. Com a transição do religioso para a esfera digital, tendência que se tem vindo a afirmar como complemento das práticas religiosas, as novas tecnologias podem constituir um elemento de “diluição das comunidades religiosas”.<sup>39</sup>

Nesta linha de pensamento, com a passagem dos vínculos praxistas que, anteriormente tinham lugar nos templos, igrejas, sinagogas, mesquita etc, corre-se o risco de se verificar um decréscimo da participação dos fiéis nas práticas religiosas, principalmente pelo desvanecer dos vínculos institucionais, pela desagregação e acomodação dos próprios fiéis. Algo que veio a confirmar-se, com o regresso das celebrações, após estado de pandemia. Talvez seja importante termos aqui presente o pensamento Byung-Chul Han:

No âmbito do ritual, as coisas não são consumidas ou exauridas, mas usadas. Por isso podem também envelhecer, tornar-se antigas. No entanto, sendo coagidos a produzir comportamo-nos com as coisas, e mesmo com o mundo, consumindo em vez de usando. Em contrapartida, elas usam-nos, desgastam-nos, consomem-nos.<sup>40</sup>

Neste tópico, a opinião de Byung-Chul Han, mostra-se em oposto ao mundo digital, quase que “imposto” como alternativa às mudanças de paradigma. Os rituais, para Han são sagrados, pois na sua perspetiva vocacionam o mundo para objetivos de referência, contrariando a vivencia do subjetivo. Segundo o seu pensamento, a rápida alternância, típica do mundo digital, não é convidativa a que demoremos, apreciando com tempo o belo e o relacionamento com as coisas. Nesta perspetiva olha-se para o mundo digital como mecanismo destruidor da durabilidade da vida:

A arte de viver significa escapar de si mesmo em busca de formas de vida e de jogo ainda sem nome. Hoje viver não significa nada além do produzir [...]. A vida empobrece-se, petrificada numa mera sobrevivência.<sup>41</sup>

Nesta mesma perspetiva, salienta ainda que o estilo de vida, que se vive hoje, é reflexo de uma sociedade obcecada com a produção, que se torna incapaz de perceber a morte como intensidade de vida. Vive-se com medo da morte, porque se deixou de sacralizar a vida.

---

<sup>39</sup> Moniz, «Pandemia na era secular» 290-91.

<sup>40</sup> Han, *Do desaparecimento dos Rituais*, 15-16.

<sup>41</sup> Han, 57.

Com a clausura forçada nas casas e, as imagens de inúmeros caixões, levados para valas, crematórios ou encontrar sepultura, nenhum de nós permaneceu indiferente. Foi, desta forma, que muitos tomaram consciência da sua vulnerabilidade e fragilidade; dissiparam-se muitas das suas pretensas seguranças, e o seu estilo de vida foi colocado em casa, desde a sua raiz, numa esperança de que tudo passaria com brevidade. O confronto com a limitação e a fragilidade da própria vida, suscitou uma reflexão e um medo/temor perante o futuro, que até agora desconhecíamos ou ignorávamos. Um medo que, segundo Esposito, que comunga da mesma ideia de Norbert Elias, relata este medo como artificial face a algo soberano, seja divino ou humano e, que para o superar, “obriga” a uma organização da sociedade, através de uma relação direta de cada indivíduo da comunidade, com o soberano e não com a própria comunidade.<sup>42</sup> Toda esta situação dramática mostrou-nos, de forma muito clara, a nossa vulnerabilidade, fragilidade, inconsistência e necessidade de resgate, enquanto seres humanos, pondo em questão muitas certezas, planos e projetos<sup>43</sup>. Mas, segundo Alexandre A. Martins, nem todos experienciaram a pandemia com a mesma sorte.

A pandemia impacta a todos, mas não da mesma forma, revelando assim desigualdades e injustiças estruturais das sociedades em um mundo globalizado. Dessa forma a crise sanitária criada pela COVID-19 revela a existência de uma crise latente que faz questionar as estruturas que sustentam o modelo dominante das relações socioeconómicas no mundo contemporâneo.<sup>44</sup>

Esta ideia nos ajuda a perceber que, uma das situações que contribuiu para a rápida difusão do vírus, colocando-nos numa situação pandémica, foi o fenómeno da globalização. Este fenómeno provocou, em muita gente, o sentimento de angústia, medo, pânico, expectativas pessimistas e, até, apocalípticas. Mas, para superar tudo isto, Edgar Morin apresenta a “desglobalização parcial” como uma via de garantir uma vida mais humana de modo a garantir uma melhor sustentabilidade do planeta.<sup>45</sup>

O coronavírus transformou-se num desafio sanitário, económico, humano e espiritual, mudando radicalmente a nossa vida e que, marcou várias gerações, cujas se irão lembrar durante anos, mas não afetando a todos da mesma forma.<sup>46</sup> Claro que não podemos ter dúvidas, que este fenómeno pandémico, trata-se de um desafio radical imposto ao

---

<sup>42</sup> Duque, «Religião, imunidade e hospitalidade», 51-52.

<sup>43</sup> Cf. Augustin, «Dar testemunho da vida num mundo mortal», 44.

<sup>44</sup> Martins, «Desafios éticos de uma crise mundial», 13.

<sup>45</sup> Cf. Duque, «Religião, imunidade e hospitalidade», 49.

<sup>46</sup> Cf. Augustin, «Dar testemunho da vida num mundo mortal», 44.

homem, pois mostrou-nos de forma extremamente clara, que o nosso mundo é uma comunidade que partilha o mesmo destino, para o bem e para o mal, mas nem todos tiveram, à sua disponibilidade, os mesmos recursos e condições para atravessar este quadro pandémico. Apesar das desigualdades, vividas anteriormente, estas não deixaram de continuar presentes ao longo da pandemia, tornando ainda mais vulnerável e frágil a condição e o contexto superativo, de quem já vivia exposta a um quadro mais vulnerável. Prova disto é termos presente que, em «alguns países conseguiram mitigar de forma melhor o avanço do coronavírus e cuidar dos enfermos com COVID-19 melhor que outros». Ficou claro, que o vírus, não escolhe as suas vítimas, mas, a injustiça social acaba por nos mostrar, como a maior parte delas ficaram abandonadas à sua sorte.<sup>47</sup>

Esta crise funcionou como um alarme, a que Boaventura de Souza Santos intitulou de «A Cruel Pedagogia do Vírus»<sup>48</sup>, cuja nos permite refletir sobre onde colocamos as raízes mais profundas, que nos sustentam a todos no meio de uma grande tempestade. Recorda-nos também, que temos esquecido e desleixado alguns aspetos importantes da vida e, se apresenta como uma oportunidade a refletirmos o que realmente é importante e necessário. Visto desta forma, para Leonardo Boff:

[O] modo como habitamos a casa comum é nocivo à sua natureza. A lição que nos transmite soa: é imperioso reformar a nossa forma de viver sobre ela, enquanto o planeta vivo [...]. Caso contrário, a própria Terra irá se livrar de nós, seres excessivamente agressivos e maléficos ao sistema-vida.<sup>49</sup>

Neste contexto, Boff faz um apelo à sensibilização de um despertar de novos critérios político-sociais, culturais, económicos e de espiritualidade, de modo a reestruturar a sustentabilidade da vida e do mundo. Nesta ordem de ideias, é importante termos em conta, que «o planeta parou e se colocou em postura de urgência e de revisão das suas práticas económicas, políticas e culturais».<sup>50</sup> Será importante, também termos em atenção, mais uma vez, os dois conceitos de Alexandre A. Martins que podem ser lidos à luz da pandemia:

*Out-crise*, a pandemia como manifestação de algo mais profundo; e a *in-crise*, a crise latente do sistema neoliberal que, apesar de ignorada por muitos, é real na vida dos

---

<sup>47</sup> Martins, «Desafios éticos de uma crise mundial», 16.

<sup>48</sup> Cf. Boaventura de Souza Santos, *A Cruel Pedagogia do Vírus* (São Paulo: Boitempo, 2020).

<sup>49</sup> Ribeiro, «A Pandemia vista no contexto das necropolíticas e das espiritualidades libertadoras», *Ephata* 3, n.º 2 (2021): 45, <https://doi.org/10.34632/ephata.2021.9647>.

<sup>50</sup> João Décio Paços, *A Pandemia do Coronavírus: Onde estivemos? Para onde vamos?* (São Paulo: Paulinas, 2020) 232.

mais vulneráveis e permitiu que algo devastador como a pandemia de COVID-19 aconteça»<sup>51</sup>

A pandemia tratou-se de um tempo de prova e de opções, para que orientássemos a nossa vida de modo renovado, quer numa perspetiva humana, quer espiritual, gerando novas sensibilidades, tendo como pilar supremo o valor da vida.<sup>52</sup> Assim o mito do «*homo emancipator*»<sup>53</sup>, senhor do seu destino e dono das suas forças, vitorioso sobre tudo, é aqui posto em causa a partir dos seus fundamentos. Nisto vemos que a pandemia veio revelar-se como um processo transformador de um tempo novo. «Tempo de novos paradigmas éticos, sociais, políticos, filosóficos e espirituais».<sup>54</sup> Com esta mentalidade toma-se consciência de uma profunda «reavaliação dos modelos económicos, políticos e ambientais, cujos desajustes foram agora explicados numa pandemia»<sup>55</sup>.

Com o desenrolar da pandemia, foi-se sentindo o crescimento de um sentimento de temor-pânico, de um medo generalizado e indistinto, capaz de suscitar identificações simplistas do inimigo a temer, e de gerar sentimentos de rejeição pelos outros. Fruto deste medo foi, para muitos, a experiência de uma solidão profunda, na qual tendiam a fechar-se, na defensiva, quase como se o outro fosse apenas um perigo do qual fugir, ou um inimigo do qual tinham de se proteger.

Muitas pessoas viveram em dificuldades económicas e, outras, perderam o emprego. O teletrabalho tornou-se obrigatório, por uma questão de segurança sanitária de todos. As ruas tornaram-se desertas e as residências em “prisões” humanas, de quem procurava escapar ao mortífero vírus. Uma situação que levou à intervenção do Estado, na imposição de normas, levando ao confinamento sociedades inteiras. Este ato não passou despercebido, pois, coloca em causa o direito à cidadania, e acabou por criar tensões e reações controversas:

[O] negacionismo total de certas teorias da conspiração que acusam os governos de terem inventado a pandemia; passando pelos que reconhecem a sua existência, mas consideram o recurso ao estado de exceção um claro ataque ao sistema democrático;

---

<sup>51</sup> Alexandre A. Martins, «Desafios éticos de uma crise mundial», 14.

<sup>52</sup> Ribeiro, «A Pandemia vista no contexto das necropolíticas e das espiritualidades libertadoras», 49.

<sup>53</sup> A pandemia do coronavírus revela segundo Bruno Forte, no livro “Demolição e Reconstrução”, que o mito do *homo emancipator*, senhor do seu destino e dono das suas forças, vitorioso sobre tudo, é colocado em questão a partir dos seus fundamentos.

<sup>54</sup> Manuel Ribeiro, «Eis o desafio», acessido a 03 de junho de 2022, <https://diocesebm.pt/noticias/eis-o-desafio-artigo-de-opiniao-do-pe-manuel-ribeiro>.

<sup>55</sup> Maurício G. Righi, «Pandemia e Civilização: Reflexões sobre a religiosidade latente dos contágios», *Ephata* 3, n.º 2, (2021): 74, <http://doi.org/10.34632/ephata.2021.9707>.

até aos que aceitam a intervenção, ao ponto, mas consideram que exagera na eliminação das liberdades individuais.<sup>56</sup>

Com a intervenção negacionista, olhou-se para a intervenção do Estado, como uma invasão à liberdade humana, que acabava por colocar em causa o “conflito entre a necessidade de cuidar da saúde (e da vida) do cidadão”, mas também “a salvaguarda da liberdade de ação, que inclui a intervenção no espaço público”. As medidas estatais eram tidas como um exagero, que acabaram por resultar numa forte contestação face a alguns sectores, sobretudo nos países europeus.<sup>57</sup> Para Righi, o objetivo negacionista era claro:

[B]uscaram prejudicar, ao máximo a legitimidade dos organismos tradicionais de gestão e controle sanitários, difamando as políticas públicas de isolamento e os esforços de contenção [...]. Busca-se impor o prejuízo moral aos organismos de controle sanitário, desmerecendo-lhes as estratégias de contenção, questionando-lhes legitimidade e idoneidade [...]. Nessa abordagem de “guerra cultural”, promovida, sobretudo, nas chamadas mídias sociais, quase não há espaço para a solidariedade, num esforço comum (e necessário) de aprendizado e desenvolvimento conjunto de modos de tratamento e cura.<sup>58</sup>

Com esta «guerra cultural», entre negacionistas e os organismos estatais, viveu-se um desgaste moral, que surgiu pelo sentimento de se remar em sentido contrário. Nesta altura, certamente, sentiu-se o desejo do surgimento de adoção de outros modelos, que pudessem levar à renovação e superação de uma «crise comum», que a todos acabara por afetar. Ao fim de contas, estávamos perante uma pandemia que é tão biológica quanto social.<sup>59</sup>

Num outro sentido, Duque afirma que, o vírus também veio afetar o sentido vivencial e da identidade da comunidade:

[A] pretensa imunidade comunitária, quando sacraliza o “próprio” ou a identidade que distingue e exclui – ou então que sacraliza a lei, em si mesma – acaba por sacrificar a própria comunidade a essa sacralização, aplicando o sistema de imunização protetora de si mesma, autodestruindo-se.<sup>60</sup>

Neste sentido o caminho estaria traçado. Para evitar a autodestruição comunitária, consiste, segundo Duque, em a comunidade se deixar contaminar, uns aos outros, de modo a superar a imunidade. Partindo deste ponto de vista, uma comunidade com este estilo de

---

<sup>56</sup> Righi, «*Pandemia e Civilização*», 74.

<sup>57</sup> Cf. Righi, «*Pandemia e Civilização*», 74

<sup>58</sup> Righi, 78-79.

<sup>59</sup> Cf. Righi, 78

<sup>60</sup> Duque, «*Religião, imunidade e hospitalidade*», 52.

pensamento, acaba por não se fechar ao sentido individualista, mas por superá-lo. A mesma ideia é partilhada por Esposito, que revela a imunidade como um ganho que não resulta por fugir do “inimigo”, mas numa adaptação à sua presença. Ou seja, é ter a consciência que o “inimigo” também terá de acabar por fazer parte da comunidade. Nesta ordem de ideias, a clausura forçada, não foi o caminho ideal para o sentido de constituição e manutenção das comunidades, mas sim um caminho destrutivo. O ideal certamente estaria na responsabilidade comum, próprio da construção de comunidades saudáveis, onde cada sujeito é mantido não pela invasão da sua liberdade, mas no sentido da sua responsabilidade.

No entanto, não poderá ficar atrás alguns incentivos, que foram surgindo no desenrolar da pandemia, como palavras e gestos de altruísmo, despertados pelo sentimento de empatia, assim como a consciencialização e valorização dos da “linha da frente”, como médicos, enfermeiros, auxiliares hospitalares, bombeiros, militares, todos que se uniram em prol do bem comum.

A primeira mensagem, que nos chegou, foi daqueles que, trabalharam com coragem e generosidade, no cuidado com os doentes, na assistência, inclusive espiritual, prestada às comunidades, na proteção dos sãos e na garantia dos serviços essenciais para a vida civil. Esta crise, faz-nos tomar dolorosamente consciência de muitas limitações da nossa vida. As limitações devidas ao respeito das distâncias, o chamado «distanciamento social», as limitações no interior das famílias, que perpassam gerações, e os diversos perigos que correm, as fronteiras nacionais, repentinamente fechadas. Com as limitações nasce a distância entre semelhantes, «tal experiência faz-nos prestar atenção a um aspeto mais profundo da vida humana: as fronteiras da vida, o caráter limitado dela e a sua fragilidade»<sup>61</sup>.

Não pode ser ignorada a desilusão, sentida por muitos, frente a uma Europa tão afastada do ambicioso projeto de construir a «Casa Comum», (PP. Francisco, *Laudato Sí*), de todos os europeus. Não é difícil observar que a fragmentação e o isolamento egoísta, continuam a caracterizar muitas sociedades evoluídas do «Velho Continente». Com isto, não devemos ignorar que, a União Europeia é chamada a uma profunda revisão de vida, colocando os olhos nos princípios de responsabilidade e de solidariedade. Por isto, o desafio primário e prioritário, durante a pandemia, consistiu em «levar à prática estes motivos inspiradores ao serviço da defesa da vida e da saúde de todos, a começar pelos

---

<sup>61</sup> Augustin, «Dar testemunho da vida num mundo mortal», 50.

mais débeis»<sup>62</sup>. Da forma como se estruturou a Europa, nas últimas décadas, foi clara a desilusão sentida por muitos, perante a utopia de uma Europa tão afastada do ambicioso projeto de construir a «casa comum» de todos os europeus. Ao analisar este fator, não é difícil observar que, a fragmentação e o isolamento, continuam a caracterizar muitas dinâmicas no Velho Continente, dificultando as lógicas de solidariedade:

[F]alta uma alma comum, uma identidade partilhada, um impulso de generosidade generalizado, que permita alimentar sonhos e projetos de longo alcance para o bem comum». Pois para o teólogo, por relação à economia europeia, esta atualmente não traduz a construção de um programa político que leve à unidade, daí que se torna insuficiente para as respostas necessárias e para o tempo atual. Acrescenta ainda que a Europa corre o risco de perder o comboio da História.<sup>63</sup>

Este contexto nos permite falar de uma experiência que nos fez presumir que, no interior das pessoas, escondem-se muitas vivências, muito mais do que se possam pensar e, que acabam por ser um impulso, para despertar uma esperança que é necessariamente urgente.<sup>64</sup> Com esta ideia, perspetiva-se que depois da crise, provocada pela pandemia, nada será como antes.

É certo que, com esta crise, provocada pelo coronavírus, foram desencadeadas repercussões económicas a longo prazo, com os respetivos efeitos sociais e políticos. Há uma consciência de que todos ficamos mais pobres, a todos os níveis, o que conduziu a fraturas sociais e conflitos políticos. A crise terá, por consequência, a derrocada das nossas certezas sobre a civilização, sobre a comunidade, sobre a sociedade e sobre a cultura. E quase ninguém poderá prever, com exatidão, quais as futuras consequências. Esta crise é um convite, feito a cada um, a redescobrir o bem comum, como também, se torna um apelo ao homem a sair do seu individualismo.<sup>65</sup>

### **1.3. O contributo do Papa Francisco para a leitura da crise como oportunidade de transformação**

No fim da Quaresma, a vinte e sete de março de dois mil e vinte, o Papa Francisco, acabou por nos dar um exemplo inspirador de oração, e de testemunho, perante humanidade

---

<sup>62</sup> Forte, «A fé no Deus de Jesus e a pandemia», 40.

<sup>63</sup> Forte, 40.

<sup>64</sup> Cf. Kasper, «O coronavírus como interrupção: demolição e edificação», 12.

<sup>65</sup> Cf. Augustin, «Dar testemunho da vida num mundo mortal», 63.

assolada pela pandemia, tanto para crentes como para não crentes, que esperavam do Papa impulso de esperança, com as quais se identificavam. O acontecimento da bênção *Urbi et Orbi*, sobre a cidade e o mundo, tratou-se de um momento extraordinariamente vazio de presenças, mas cheio de palavras. O mundo parou naquele dia e viu, o Papa a subir sozinho a escadaria da Praça de São Pedro, completamente vazia, num anoitecer que chuviscava e o seu semblante pesaroso, de quem parece brotar o sofrimento de toda a humanidade.

De facto, num acontecimento seguido por milhões de pessoas, através dos meios de comunicação social, o Santo Padre faz ecoar, nas suas primeiras palavras, a união a todos os que o acompanham. Dizia-nos o Sumo Pontífice:

Há várias semanas que parece ter caído a noite. Trevas cerradas adensaram-se sobre as nossas praças, ruas e cidades; apoderam-se das nossas vidas, enchendo tudo com um silêncio ensurdecedor e um vazio desolador, que tudo paralisa à sua passagem. [...] Sentimo-nos amedrontados e perdidos. Como os discípulos do Evangelho, fomos apanhados de repente por uma tempestade inesperada e furiosa [...] que desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto aquelas falsas e supérfluas seguranças com que construímos as nossas agendas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades [...]. É tempo de recentrar a rota da vida em ti, Senhor, e nos outros. E podemos olhar para tantos companheiros de viagem exemplares que, mesmo no medo, reagiram dando a própria vida [...]. Não apaguemos a torcida que ainda fumeja (cf. Is 42,3), que nunca adoece, e deixemos que ela reacenda a esperança [...]. A nossa fé é débil e nós sentimos temor. Mas Tu, Senhor, não nos deixes à mercê da tempestade. Repete mais uma vez: “Não tenhais medo” (Mt 8,5). E que nós, juntamente com Pedro, possamos confiar-te todas as nossas preocupações, porque Tu cuidas de nós (cf. 1Pe 5,7).<sup>66</sup>

Nas palavras de Francisco, Deus não pode ser definido como um espectador indiferente perante a dor e a alegria das suas criaturas. Antes pelo contrário, Deus é, para aqueles que n’Ele confiam, um Deus que ama e que, perante a dor do ser humano, também Ele bebe do mesmo sofrimento. Ao centrarem o seu olhar na Cruz de Cristo, como o lugar em que Deus fala no silêncio e na dor, é de compreender que também Deus experimentou a dor no momento da Cruz.<sup>67</sup> Sobre a Cruz, o Filho de Deus também entrou no abismo de debilidade, da fragilidade, da dor, da solidão e das trevas, que tantos têm experimentado e continuam a experimentar à conta da pandemia. É passando pela dor que o ser humano, também se aproxima da dor de Deus, relembrando, na sua vida, a dolorosa Sexta-feira Santa. É neste quadro de sofrimento, que o ser humano constata que «o Senhor crucificado está ao nosso lado». Nesta perspetiva, o ser humano tem a perceção que, com Cristo, torna-

---

<sup>66</sup> Francisco, «Homilia da Bênção *Urbi et Orbi*», acedido a 27 de outubro de 2022, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papa-francesco\\_20200327\\_urbi-et-orbi-epidemia.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papa-francesco_20200327_urbi-et-orbi-epidemia.html).

<sup>67</sup> Cf. Forte, «A fé no Deus de Jesus Cristo e na pandemia», 33-34.

se possível fazer do sofrimento uma jornada de fé. Este caminho nos ajuda a vencer o mal, a transformar a dor em amor, o sofrimento em oferenda, a doença em cura, a vulnerabilidade em força, mesmo perante o flagelo deste vírus devastador. Desta forma, Deus fala-nos através desta dramática pandemia.<sup>68</sup>

O Papa realçou ainda o aspeto que todos sentiam: «o homem se encontra agora sozinho, perdido no vasto mundo, que nem sempre é propriamente seu amigo. É então invadido pelo medo ... O medo é uma sensação de fundo do homem moderno»<sup>69</sup>.

Nesta perspetiva, Francisco apresenta, na imagem do homem só, uma Humanidade solitária com necessidade de ser mais solidária. Acaba por ser um apelo a que todos se coloquem ao serviço da proteção e da saúde de todos, sobretudo dos mais débeis, com a consciência de que «ninguém se salva sozinho». É claramente, intensão do Papa, que nem a Igreja Católica, nem ele, possuem as respostas para, como soluções mágicas, enfrentar a crise pandémica, mas que uma das soluções, tem de passar por um compromisso assumido por toda a humanidade, como uma comunidade global de solidariedade. Este, no Pensamento do Sumo Pontífice, será um caminho benéfico para todos enfrentarem a crise<sup>70</sup>. Nestas poucas palavras retoma-se o vigor e a força da Igreja que, não se encerra por os templos estarem fechados, mas permanece aberta através da solidariedade, porque é esta a sua vocação primordial, como podemos ler no pensamento de Matheus Bernardes:

A Igreja não fecha não porque os templos permanecem abertos; ela não fecha porque a humanidade possui uma vocação à solidariedade que sobrepassa as limitações impostas pelo transcurso da história [...]. não uma Igreja de pedras, mas em uma Igreja viva, uma comunidade de mulheres e homens que partilham as mesmas “alegrias e as esperanças, as tristezas e angústias de toda a humanidade”<sup>71</sup>.

O autor prolonga, com estas palavras, o pensamento do Papa Francisco, que não se restringe em fazer uma leitura espiritual, mas envergar pela profundidade e assertividade. A solidariedade que se fala, como princípio a seguir, coloca-nos todos juntos a zelar por um futuro mais seguro e equitativo. Ao olharmos para as palavras do Santo Padre, sentimos que estas, tiveram sabor em cada realidade, independentemente da sua condição social ou

---

<sup>68</sup> Bruno Forte, «A fé no Deus de Jesus e a pandemia», 35-36.

<sup>69</sup> Francisco, «Homilia da Bênção *Urbi et Orbi*», acedido a 27 de outubro de 2022, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papa-francesco\\_20200327\\_urbi-et-orbi-epidemia.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papa-francesco_20200327_urbi-et-orbi-epidemia.html).

<sup>70</sup> Martins, «Desafios éticos de uma crise mundial», 29.

<sup>71</sup> Matheus da Silva Bernardes, «A Igreja Católica na pandemia», *Pensar-Revista Eletrônica da FAJE* 11, n.º 2 (2020): 64.

religiosa. O Sumo Pontífice fala numa Igreja que não fecha portas, mas que está presente em todo os homens e mulheres que fazem das suas vidas o Evangelho encarnado, em tantas ações e mãos disponíveis, em prol da valorização do outro em dignidade, acabando por contrariar o percurso crescente da «cultura do descartável». Nesta ordem de ideias, acabamos por nos debruçar sobre a sensibilidade perante o sofrimento que, deve ser um trabalho contínuo e, não somente típico de momentos críticos como o da pandemia. Esta sensibilidade deve ser vista e aproveitada, como uma oportunidade de mudança de paradigmas, não só para a sociedade, mas também para a Igreja católica, levando a uma reflexão, cuja preocupação tenha sempre em vista a opção pelo pobre, ou seja, pelos mais vulneráveis, muitas vezes esquecidos nas periferias, tanto geográficas como existenciais da vida. Diz-nos ainda o Santo Padre que «a tempestade desmarcara a nossa vulnerabilidade e deixa descoberto as falas e supérfluas seguranças com quem construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades»<sup>72</sup>.

É na figura do sucessor de Pedro, homem de branco, que caminha numa tarde densa e escura, tanto física como espiritual, que emerge uma nova luz. Um novo brilho no meio da escuridão existencial e espiritual, parece tomar parte dos corações de todos. É nesta figura solitária, que caminhou naquela praça, naquele final de tarde, que acaba por transmitir uma esperança pelo ensinamento sábio de Deus na boca do seu eleito.

É na imagem da tempestade atroz que, parece inundar a barca da humanidade, surge um desafio na confiança depositada num Jesus que descansa tranquilamente aos pés do leme e que, despertado do sono, mostra o controlo de Deus no tempo certo e, o resgate da humanidade de uma situação que parece não haver controlo (Mc 4, 35-41). Nesta ordem de ideias, no discurso de Francisco, estamos perante uma mensagem que revigora a esperança e as forças de todos. Um desafio é colocado a toda a Igreja. Estar presente no mundo como empreendimento de risco. Só é Igreja se for Igreja para os outros, a favor dos outros. O seu futuro está no regresso das Igrejas à diaconia, é ser «hospital de campanha», isto é, em pleno serviço de comunhão e em prol do próximo, ou seja, uma «Igreja dos pobres»<sup>73</sup>.

A mensagem que o Papa transmitiu, a partir da Praça de São Pedro, na cidade do Vaticano, tem um cariz universal e, transparece a ideia sobre que Igreja quer o Santo Padre.

---

<sup>72</sup> Francisco, «Homilia da Bênção *Urbi et Orbi*», acedido a 27 de outubro de 2022, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papafrancesco\\_20200327\\_urbi-et-orbi-epidemia.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papafrancesco_20200327_urbi-et-orbi-epidemia.html).

<sup>73</sup> Bernardes, «A Igreja Católica na pandemia», 70.

Como escreve Moltman, «a Igreja é católica na sua missão». A partir deste ponto de vista, Matheus Bernardes, desenvolve esta opinião escrevendo que «a esperança no Reino, que há-de vir, não permite à Igreja abandonar ninguém, nem mesmo o menor fragmento da Criação; a meta da missão da Igreja é universal»<sup>74</sup>. Bernardes descreve bem a intensão de Francisco para o surgimento de uma Igreja, cuja sua missão expressa, quer nas suas palavras, quer nos seus gestos, seja capaz de ir ao encontro de uma «Igreja pobre dos pobres»<sup>75</sup>. Refere ainda o Santo Padre na sua homilia no entardecer daquele dia primaveril:

Abraçar a sua cruz significa encontrar a coragem de abraçar todas as contrariedades da hora atual, abandonando por um momento a nossa ânsia de onipotência e possessão, para dar espaço à criatividade que só o Espírito é capaz de suscitar. Significa encontrar a coragem de abrir espaços onde todos possam sentir-se chamados e permitir novas formas de hospitalidade, de fraternidade e de solidariedade. Na sua cruz, fomos salvos para acolher a esperança e deixar que seja ela a fortalecer e sustentar todas as medidas e estradas que nos possam ajudar a salvaguardar-nos e a salvaguardar. Abraçar o Senhor, para abraçar a esperança. Aqui está a força da fé, que liberta do medo e dá esperança<sup>76</sup>.

Muitos foram aqueles que viveram a experiência do sofrimento pelas mais variadas formas. O sofrimento leva-nos sempre a questões existenciais e espirituais, pois é um tema universal que acompanha o homem ao longo da vida, e coexiste com ele no mundo. É na vivência do sofrimento que, todos nos tornamos mais semelhantes. É no sofrimento que surge o desafio à comunhão e à solidariedade. No entanto é na experiência do sofrimento, que acaba por surgir a derradeira pergunta: porquê e para quê o sofrimento? Esta questão surge sempre como direcionada não ao mundo, mas a Deus. O livro de Job é expressão disto, «o homem justo, que sem culpa alguma da sua parte, é provado com inúmeros sofrimentos» (Job 19, 13-25). A consciência do sofrimento vem como que, uma pena por uma culpa cometida contra o Criador. Mas a contrapartida do sofrimento, surge como um cariz educador que leva o homem à conversão. Do meio do sofrimento irrompe a imagem de Jesus sofredor, como exemplo do sofrimento, onde o amor surge como a fonte para a resposta à pergunta acerca do sofrimento. É neste sentido que somos desafiados a olhar para Cristo, como aquele que está próximo do mundo e do sofrimento humano, como nos mostra João Paulo II na Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, «as palavras da oração de Cristo

---

<sup>74</sup> Bernardes, «A Igreja Católica na pandemia», 72.

<sup>75</sup> Bernardes, 74.

<sup>76</sup> Francisco, «Homilia da Bênção *Urbi et Orbi*», acedido a 27 de outubro de 2022, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papafrancesco\\_20200327\\_urbi-et-orbi-epidemia.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papafrancesco_20200327_urbi-et-orbi-epidemia.html).

no Getsémani provam a verdade do amor mediante a verdade do sofrimento [...] o sofrimento consiste em suportar o mal, diante do qual o homem estremece»<sup>77</sup>.

Podemos compreender o sofrimento como algo absoluto, único e individual, porque cada ser humano acaba, também ele, por ser único, mas também perante a provação do sofrimento, acaba por desmascarar e se mostrar vulnerável. Esta linha de pensamento acaba por ser selada com as palavras do discurso do Papa Francisco:

Com a tempestade, caiu a maquilhagem dos estereótipos com que mascaramos o nosso “eu” sempre preocupado com a própria imagem; e ficou a descoberto, uma vez mais, aquela (abençoada) pertença comum a que não nos podemos subtrair: a pertença como irmãos<sup>78</sup>.

Nisto, a pandemia veio mostrar a vulnerabilidade da humanidade e, a necessidade de «cultura do encontro». Isto é, a afirmação de um cuidado que abrange todas as dimensões da realidade humana. Um cuidado que, leva também à dimensão relacional com Deus. Na continuidade desta ideia, poderemos ter em conta a parábola do bom samaritano (Lc 10, 30-37), deixa o seu caminho para socorrer um homem doente. Neste ato destaca-se a imagem de Cristo, «que encontra o homem necessitado de salvação e cuida das suas feridas»<sup>79</sup>. Nesta perspetiva, todos somos chamados a dar testemunho e a nos tornarmos testemunha que cura, principalmente daqueles que se apresentam como os mais fracos e, portanto, vulneráveis<sup>80</sup>. A vulnerabilidade veio lembrar que somos dependentes e, esta dependência acaba por nos colocar à disposição uns dos outros, como forma de resposta a Deus<sup>81</sup>. Somente desta forma adquire-se um olhar contemplativo sobre a vida no seu todo, isto é, um olhar de quem não pretende apoderar-se da realidade da vida, mas em acolhê-la tal como ela é. Neste sentido, a «cultura do encontro», que nos fala o Papa Francisco, nos leva ao cuidado do próximo, faz-nos abandonar a «cultura do descartar». Esta cultura viola os princípios dos direitos humanos, principalmente dos mais frágeis, que correm os riscos de seres descartados, em prol de uma sociedade que vive apressadamente, sem a

---

<sup>77</sup> João Paulo II, «*Salvifici Doloris*», acedido a 30 de fevereiro de 2023, [http://www.vaticano.va/content/johnpaulii/pt/apost\\_letters/1984/documents/hf\\_jpii\\_apl\\_11021984\\_salvifici-doloris.html](http://www.vaticano.va/content/johnpaulii/pt/apost_letters/1984/documents/hf_jpii_apl_11021984_salvifici-doloris.html).

<sup>78</sup> Francisco, «Homilia da Bênção *Urbi et Orbi*», acedido a 27 de outubro de 2022, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papafrancesco\\_20200327\\_urbi-et-orbi-epidemia.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papafrancesco_20200327_urbi-et-orbi-epidemia.html).

<sup>79</sup> Luís Ladaria, «Carta *Samaritanus Bonus*», acedido a 27 de agosto de 2023, [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20200714\\_samaritanus-bonus\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20200714_samaritanus-bonus_po.html).

<sup>80</sup> Cf. Ladaria, *Samaritanus Bonus*», s.p.

<sup>81</sup> Cf. Ladaria, s.p.

preocupação de parar e olhar as necessidades que surgem à sua volta. Precisamos parar para sabermos tornar sagradas, não somente as coisas, mas as pessoas. Nesta ordem de ideias diz-nos Byung-Chul Han que «o que une são aquelas coisas e aqueles valores que dão vida a uma comunidade», pois para o filósofo «o homem não pode aproximar-se do seu Deus quando ainda leva em si as marcas de uma vida profana». Podemos, tendo em conta os tempos de hoje, em que notamos um maior individualismo, ver neste pensamento de Han que, enquanto o homem estiver fechado em si próprio e, portanto, longe do seu próximo, deste ser vulnerável, necessitado de ajuda, estará também longe de Deus<sup>82</sup>.

Esta pandemia veio, sobretudo, fazer-nos parar, provocar um “*reset*” nas nossas vidas, virar-nos para o nosso interior e, encontrarmos, em cada um de nós, um ser vulnerável, independentemente de idades ou doenças. Somos alheios àquilo que nos poderá acontecer a qualquer momento. Fomos obrigados, talvez, a dar importância a algumas coisas, que já não as considerávamos como uma prioridade, sobretudo os laços que nos ligam àqueles que estão ao nosso redor, particularmente os mais fragilizados, como os idosos, os doentes e, ainda, os que vivem em extrema exclusão, nas várias dimensões da existência. É perante a angústia que, segundo o Santo Padre, cada ser humano poderá questionar a sua fé, diz-nos, portanto:

Procuremos compreender. Em que consiste esta falta de fé dos discípulos, que se contrapõe à confiança de Jesus? Não é que deixaram de crer N’Ele, pois invocam-No; mas vejamos como O invocam: «Mestre, não Te importas que pereçamos?» (4, 38) *Não Te importas*: pensam que Jesus Se tenha desinteressado deles, não cuide deles. Entre nós, nas nossas famílias, uma das coisas que mais dói é ouvirmos dizer: «Não te importas de mim». É uma frase que fere e desencadeia turbulência no coração.<sup>83</sup>

Face à realidade da morte, o homem desenvolve uma angústia de cariz existencial. Toma consciência de que é um ser mortal e que a morte, torna apenas extremamente evidente o mistério da vida. Face a face com a morte, o ser humano torna-se interrogação. Perante esta interrogação, toma consciência que a morte está impregnada na vida humana e, faz parte dela. Ela é de ordem natural como o da existência humana. É, pois, nesta ordem de ideias que, a morte acaba por ser uma realidade que liga o ser humano a todos os outros seres vivos. Nada é tão certo como a realidade da morte! De modo que, os que estão vivos, vão conhecendo a realidade da morte, daqueles que a experimentam. Vive-se no concreto

---

<sup>82</sup> Byung-Chul Han, *Do Desaparecimento dos Rituais*, 43-47

<sup>83</sup> Francisco, «Homilia da Bênção *Urbi et Orbi*», acedido a 27 de outubro de 2022, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papafrancesco\\_20200327\\_urbi-et-orbi-epidemia.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papafrancesco_20200327_urbi-et-orbi-epidemia.html).

científico a tentativa de adiar ou eliminar aquele momento. Desta forma procura-se constatar a certeza de que todos temem a morte! O medo da morte dos nossos familiares, mas também da nossa própria morte<sup>84</sup>. O medo não salva ninguém da morte. Viver acaba por ser um processo onde, para alguns, o sofrimento de perceber a nossa mortalidade começa somente no processo de morrer. É pertinente afirmar que não morremos no dia da nossa morte, mas sim quando nos abandonamos<sup>85</sup>.

Acreditar na vida além da morte, nestes momentos, acaba por ser, para os que creem, um sustento para uma esperança inquebrantável. A vida, cujo cumprimento é a vida eterna, tem por fundamento a relação profunda entre o ser humano, que é totalmente mortal, e Deus<sup>86</sup>.

A morte é uma porta que nós atravessamos. É uma mudança de vertente em relação à vida terrena: «Senhor para os que creem em vós a vida não é tirada, mas transformada. E desfeito o nosso corpo mortal, é-nos dado, nos Céus, um corpo imperecível»<sup>87</sup>. Enquanto seres vulneráveis e, portanto, frágeis, devemos aprender a aceitar as nossas limitações, abandonando ao transcendente a nossa impotência<sup>88</sup>.

---

<sup>84</sup> George Augustin, «Dar testemunho da vida num mundo mortal», em *Demolição e Reconstrução*, ed. Walter Kasper, George Augustin (Águeda: Artipol: Artes Tipográficas, Lda, 2020), 54.

<sup>85</sup> Ana Arantes, *A morte é um dia que vale a pena viver*, (Alfragide: Oficina do Livro, 2019), 71.

<sup>86</sup> George Augustin, «Dar testemunho da vida num mundo mortal», em *Demolição e Reconstrução*, ed. Walter Kasper, George Augustin (Águeda: Artipol: Artes Tipográficas, Lda, 2020), 56.

<sup>87</sup> Missal Romano, Prefácio I dos Defuntos

<sup>88</sup> George Augustin, «Dar testemunho da vida num mundo mortal», em *Demolição e Reconstrução*, ed. Walter Kasper, George Augustin (Águeda: Artipol: Artes Tipográficas, Lda, 2020), 64.

## **2. PENSAMENTO E AÇÃO PASTORAL DA IGREJA NO ARCO GEOGRÁFICO DO SUL DA EUROPA, NO CONTEXTO PANDÉMICO**

Neste tempo de pandemia, a Igreja pode apresentar-se como um caminho de grandes experiências e, ao mesmo tempo, possuindo uma grande responsabilidade de desenvolver o seu potencial terapêutico e de integração. Se o cristianismo quiser contribuir para uma terapia do mundo, ele próprio deverá submeter-se a uma terapia, isto é, a uma reforma<sup>89</sup>, pois «o lugar do encontro, porém, pode ser uma profunda experiência espiritual, – a experiência da “metanoia”, ou seja, de uma transformação, da passagem de uma vida a nível superficial para uma vida a nível profundo<sup>90</sup>.

Na mensagem para o quinquagésimo quarto Dia Mundial da Paz, o Papa Francisco, desafia ao cultivo de uma cultura do cuidado, sensibilizando para o surgimento de várias formas de nacionalismo, racismo, xenofobia e de guerras e, conflitos que semeiam morte e destruição após a vivência intensiva da pandemia. O Santo Padre, na sua mensagem, tem em conta que, o cuidado é uma forma de promover a dignidade e os direitos da pessoa. Com o surgimento das vacinas o Papa apela aos governantes e responsáveis políticos para tomarem as devidas medidas, de modo a garantirem o acesso às novas vacinas, não excluindo os prioritários, como os mais fragilizados e vulneráveis, mas também os mais pobres e descartados da sociedade<sup>91</sup>.

### **2.1. Conferência Episcopal Italiana**

A primeira notícia, que nos chega sobre a pandemia através da Conferência Episcopal Italiana, é dada através de uma nota do dia 24 de fevereiro de 2020, que nos posiciona «diante da disseminação do Coronavírus, das notícias das primeiras mortes, da necessidade de proteger a saúde pública, limitando ao máximo o perigo de contágio», pois

---

<sup>89</sup> Tomás Halik, «A pandemia como experiência ecuménica», em *Demolição e Reconstrução*, ed. Walter Kasper, George Augustin (Prior Velho: Paulinas, 2020), 70.

<sup>90</sup> Halik, «A pandemia como experiência ecuménica», 75.

<sup>91</sup> Francisco, «Mensagem para a Celebração do LIV Dia Mundial da Paz – A cultura do cuidado como percurso de paz», acedido a 20 de junho de 2023, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papafrancesco\\_20201208\\_messaggio-54giornatamondiale-pace2021.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papafrancesco_20201208_messaggio-54giornatamondiale-pace2021.html)

é preocupação fundamental, expressa na mesma nota, que a mesma sente «o dever de colaborar plenamente com as autoridades competentes do Estado e das Regiões para conter o risco de epidemia»<sup>92</sup>.

Perante o foco epidémico e a propagação descontrolada do vírus, no dia 1 de março o Governo emanou um novo decreto, que vigorara até o dia 8 de março, tendo como principal atenção três níveis: um primeiro nível respeitante aos países mais afetados; outro referente às províncias (Bergamo, Cremona, Lodi, Pesaro, Piacenza, Savona, Urbino) e regiões (Lombardia, Veneto e Emilia Romagna); e uma terceira em todo o território nacional<sup>93</sup>. Nestas regiões onde o foco epidémico está mais concentrado, foram estabelecidas restrições aos locais de culto, cuja abertura esteve condicionada à adoção de medidas, como evitar aglomerações de pessoas. Para D. Mario Delpini, Arcebispo de Milão, «o alarme dos médicos, as decisões das autoridades, as pressões dos *mídia*, mostraram-se extraordinariamente eficazes na luta para conter a propagação do vírus. Acrescenta ainda, o Cardeal Gualtiero Bassetti, Presidente da Conferência Episcopal Italiana, que este «é tempo de uma corresponsabilidade, na qual a Igreja traz a sua contribuição de oração, esperança e proximidade. Esta prova deve ser uma oportunidade para redescobrir uma solidariedade que reúne»<sup>94</sup>.

No dia 12 de março de 2020, a Conferência Episcopal Italiana, reage à situação pandémica, numa nota comunicativa, dando a conhecer a situação gravíssima que se vivia, tanto no plano sanitário como económico. Na mesma nota, transmitia-se um sentimento de responsabilidade, face às comunicações governamentais que surgiam, com o intuito de, primeiramente, se combater a propagação do vírus. A tomada de consciência, de que se vive uma emergência sanitária, é realçada pela presença de «hospitais sobrelotados, pessoal de saúde exposto na linha da frente. No que respeita ao plano económico, com enormes consequências para as famílias de todo o país, mais ainda para quem já está em dificuldade ou à beira da subsistência»<sup>95</sup>.

A Conferência Episcopal Italiana, vê o encerramento das igrejas como uma expressão de responsabilidade. Não que seja algo imposto pelo Estado, mas porque há um

---

<sup>92</sup> Cf. Conferência Episcopal Italiana, «Coronavirus: comunicato della Presidenza CEI», acedido a 13 de fevereiro de 2022, <https://www.chiesacattolica.it/coronavirus-comunicato-della-presidenza-cei/>.

<sup>93</sup> Cf. Conferência Episcopal Italiana, «Coronavirus: le misure del Governo. Piena collaborazione della CEI», consultado a 13 de julho de 2022, <https://www.chiesacattolica.it/coronavirus-le-nuove-misure-del-governo/>.

<sup>94</sup> Cf. Conferência Episcopal Italiana, «Coronavirus: le misure del Governo. Piena collaborazione della CEI».

<sup>95</sup> Cf. Conferência Episcopal Italiana, «Una Chiesa di terra e di cielo», consultado a 13 de julho de 2022, <https://www.chiesacattolica.it/una-chiesa-di-terra-e-di-cielo/>

sentimento desta mesma responsabilidade, que desperta o zelo e o bem-estar de toda a família humana, perante um vírus cujo ainda não havia muita informação.

Relembrava-se que a Igreja, apesar de também ela, ter de assumir as mesmas regras impostas pelo Governo, não deixaria de continuar presente nos seus muitos voluntários: Cáritas, paróquias, grupos, associações juvenis, Misericórdias, Confrarias... que trabalham para educar e ajudar os mais frágeis. Nesta mesma nota, a deram-se orientações aos sacerdotes, para que continuassem a celebrar a missa diariamente, tendo como intenção principal o povo de Deus. No que respeita à pastoral, que «se aproximassem dos irmãos, principalmente os mais necessitados».

O Decreto da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, datada de 25 de março, concedeu às Conferências Episcopais a faculdade de adiar as celebrações da Missa Crismal para outra data, colocando-se a hipótese de se realizar no ano seguinte, mantendo-se a conservação dos óleos sagrados do ano anterior.

Na nota da Presidência da Conferência Episcopal Italiana, apresentou um decreto da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, com o qual atualizou, por mandato do Santo Padre, as indicações e sugestões gerais já emanadas no decreto de 19 de março de 2020:

[Os] bispos e sacerdotes evitem a concelebração e celebrem os ritos da Semana Santa sem participação do povo, [...] para garantir o mínimo de dignidade na celebração, a participação de um diácono, dos que serviam no altar, bem como de um leitor, um cantor, um organista e possivelmente dois operadores para a transmissão [...]. O decreto pede que os fiéis sejam convidados a rezar em suas casas [...]. No que diz respeito às expressões de piedade popular e às procissões devem ser transferidas para uma data conveniente [...]. O decreto confere às conferências Episcopais a faculdade de transferir a celebração da Missa Crismal para outra data [...]. O decreto concede aos presbíteros de forma extraordinária a faculdade de celebrar a Santa Missa de Quinta-Feira Santa, sem a presença dos fiéis. Estabelece que o lava-pés e a procissão final da celebração sejam omitidos [...]. A Sexta-Feira Santa, o decreto pede que o Bispo introduza na oração universal uma intenção “pelos excluídos, pelos enfermos, pelos mortos” [...]. A Vigília Pascal deverá ser celebrada unicamente nas Catedrais e Igrejas Paroquiais. O decreto adia os batismos e prevê que somente a renovação das promessas batismais seja mantida<sup>96</sup>.

Com a publicação destas orientações, emanadas pela Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, é intensão da Conferência Episcopal Italiana, não somente dar a conhecer as ditas orientações, mas promover a ideia de família “Igreja

---

<sup>96</sup> Cf. Card. Robert Sarah, «Decreto: Em tempos de Covid-19 (II)», consultado a 13 de julho de 2023, [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccdds/documents/rc\\_con\\_ccdds\\_doc\\_20200325\\_decret\\_o-intempodicovid\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20200325_decret_o-intempodicovid_po.html)

doméstica”. Neste seguimento, surgem subsídios e ferramentas disponibilizadas às famílias, crianças e adolescentes. Diz-nos a D. Valentino Bulgarelli e Frei Marco Vianelli, que os subsídios por eles criados tratam-se apenas de,

ferramentas ágeis que permitem a quem está à força em casa a viver o tríduo pascal meditando na Palavra de Deus, aprofundando alguns temas da vida cristã (serviço, comunhão, dom, espera, alegria), enobrecendo as horas do dia realizando gestos concretos de ressurreição e redescobrimo a beleza de uma narração entre gerações.<sup>97</sup>

A resposta da Igreja Italiana, no começo da pandemia, foi feita através do apelo do Santo Padre, que convidou a recitar o Pai Nosso na quarta-feira, 25 de março ao meio-dia, todos juntos e, na sexta-feira, 27 de março, pelas 18 horas, anunciara um momento de oração no adro da Basílica de São Pedro, convidando a todos a participarem espiritualmente através dos meios de comunicação. Desta forma a Igreja Italiana, associada à Igreja Universal procurava responder à pandemia do vírus com a universalidade da oração, da compaixão e da ternura. Assim cultivava-se a ideia da importância da proximidade da Igreja com todos, principalmente daqueles e daquelas que experimentavam a solidão com maior intensidade<sup>98</sup>.

Sobre o Sacramento da Reconciliação surge uma nota da Penitenciaria Apostólica, que nos apela, tendo presente a situação pandémica, para a reflexão, urgência e centralidade do Sacramento. Este documento vem relembrar as diferentes formas do Sacramento e, ao mesmo tempo, reforçar a ideia de que a forma ordinária do mesmo é a absolvição individual. Já a absolvição coletiva se deverá usar em caso de perigo iminente. No entanto, pertence ao bispo diocesano, em comunhão com a Conferência Episcopal, indicar aos sacerdotes e aos penitentes as precauções prudentes, que devem adotar na celebração individual da reconciliação sacramental, tal como o exercício da celebração deverá ser realizado num lugar ventilado, fora do confessionário. A adoção de uma distância adequada, o uso de máscaras protetoras, sem prejuízo de absoluta atenção à salvaguarda do sigilo sacramental e necessária descrição, deverá ser tido em conta. Relembra ainda o mesmo documento que, ao bispo cabe determinar os casos de «grave necessidade nos quais

---

<sup>97</sup> Cf. Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, «La Chiesa domestica celebra la Pasqua», consultado a 13 de julho de 2022 <https://www.chiesacattolica.it/la-chiesa-domestica-celebra-la-pasqua/>

<sup>98</sup> Cf. Conferência Episcopal Italiana, «Rispondiamo alla pandemia con la preghiera», consultado a 14 de julho de 2022, <https://www.chiesacattolica.it/alla-pandemia-rispondiamo-con-la-preghiera-e-la-tenerezza/>

é lícito transmitir a absolvição coletiva».<sup>99</sup> Neste sentido, fala-se dos fiéis contagiados e que se encontram em perigo de morte nos hospitais, pelo que se aconselha estabelecer grupos de «capelães extraordinários dos hospitais», de modo que, se pudesse garantir a devida e necessária assistência espiritual, tanto dos enfermos como dos moribundos.

Na preparação para a Assembleia Geral, da Conferência Episcopal Italiana, o Conselho Episcopal Permanente, reunido em Roma de 21 a 23 de setembro, faz nota dos «meses imprevisíveis e chocantes» que viveram. As imagens que nos chegaram, através dos meios de comunicação social, nos mostraram os caixões anónimos, carregados em camiões militares. As restrições de liberdades, as atividades suspensas, os tradicionais pontos de encontro abandonados, nos davam conta de cidades desertas. Os esgotamentos dos hospitais, por falta de recursos físicos, como quartos, camas, ..., levaram a Igreja, em Itália, a abrir mão das suas instalações pastorais, para que fossem locais de acolhimento de vítimas, a tratar pelos médicos e enfermeiros. A Igreja transformou-se, quase que na realidade profética, precedida pelo Papa Francisco, num «hospital de campanha»<sup>100</sup>.

Na nota de imprensa da Conferência Episcopal Italiana, da reunião de 16 de abril de 2020, que se reuniu por videoconferência, sob a presidência do Cardeal Gualtiero Bassetti, atendendo o estado de isolamento social e, perante o agravamento do quadro pandémico na Europa, tendo como epicentro<sup>101</sup> a Itália, surge uma consciencialização que a pandemia veio provocar uma «rutura profunda com o passado, mesmo o mais recente». Nesta ordem de ideias, é tido em conta, que o tempo que se passara, tratava-se de um *Kairos*, visto como tempo de purificação, que trazia consigo oportunidades. Falava-se, portanto, num novo começo, despertado pela grande lição sobre o valor da vida, que inclui doença e fragilidade, pois a visão que se presenciava, mostrara a vulnerabilidade do ser humano face à doença.

Na perspetiva da Conferência Episcopal Italiana, o futuro será acompanhado pelo sofrimento e pela crise, que marcarão os anos seguintes, onde os mais pobres pagarão o preço novamente. Perante este quadro, emerge a experiência da fé como força moral. Também a criatividade, que faz com que a Igreja permaneça presente e aberta à reflexão

---

<sup>99</sup> Penitenciaria Apostólica, «Nota Acerca do Sacramento da Reconciliação na atual situação de pandemia – Eu estou sempre convosco», acedido a 21 de agosto de 2022, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/nota-acerca-do-sacramento-da-reconciliacao-na-atual-situacao-de-pandemia/>.

<sup>100</sup> Cf. Francisco, *O nome de Deus é Misericórdia* (Lisboa: Planeta, 2015), 63.

<sup>101</sup> Cf. Wikipedia, «Pandemia de Covid-19 na Itália», consultado a 19 de junho de 2022, [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandemia\\_de\\_COVID-19\\_na\\_It%C3%A1lia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandemia_de_COVID-19_na_It%C3%A1lia)

sobre os valores fundamentais como; a família, educação, sobriedade, comunidade e solidariedade» apontam para um horizonte do mundo pós-coronavírus.

Há uma preocupação da Igreja Italiana em responder às expectativas de muitas pessoas, com a estabilidade do sistema escolar e, para com a sustentabilidade económica das famílias em dificuldades, que não continuarão a ter condições económicas, face aos seus compromissos com a banca.

A 2 de maio de 2020, o cardeal Gualtiero Bassetti, Presidente da Conferência Episcopal Italiana, expressou a sua satisfação por se ter criado condições e, unido esforços, para o regresso da celebração de missas com o povo, embora que tenha sido de forma gradual, daí se falar da necessidade dum modelo, que expresse as diretrizes que tenham em conta as orientações do Ministério da Saúde com as práticas litúrgicas.

A mensagem evangélica não parou, face à pandemia, graças ao uso dos meios digitais. O presidente da Conferência Episcopal Italiana, numa carta dirigida aos bispos,

destaca a importância da envolvimento de todos, de modo, que se criasse «condições de abertura a novas formas de presença eclesial». É na mesma nota, que se nota uma preocupação considerável da presidência da Conferência Episcopal Italiana, por se notar «uma ausência generalizada de crianças e jovens», no regresso às celebrações litúrgicas e práticas pastorais. Ainda se apresenta a entrega de uma nova edição do Missal Romano, que virá «ajudar as comunidades cristãos a recuperar a consciência da verdade litúrgica, as suas necessidades e implicações, a sua fecundidade para a nossa vida». No que respeita ainda à celebração dos sacramentos, principalmente os de iniciação cristã, a mesma carta «recorda que não há impedimento à celebração com dignidade e sobriedade. [...] Para a Confirmação, além de garantir o cumprimento das diretrizes da saúde, nesta etapa a unção pode ser feita com um cotonete ou toalha a cada confirmação. A mesma atenção será necessária para as unções batismais e para o sacramento da Unção dos enfermos».<sup>102</sup>

Numa carta, datada de 31 de maio, direcionada aos sacerdotes de Roma, o Papa Francisco, reforça o sentimento expresso de tantas pessoas:

[S]ofremos a súbita perda de familiares, vizinhos, amigos, paroquianos, confessores, pontos de referência da nossa fé. Vimos os rostos desconsolados daqueles que não puderam acompanhar e dizer adeus aos seus entes queridos nas suas últimas horas. Vimos o sofrimento e a impotência dos profissionais de saúde que, exaustos, se consumiram em intermináveis dias de trabalho, preocupados por fazer face a tantas urgências. Todos sentimos a insegurança e o medo dos trabalhadores e voluntários que se expunham diariamente para garantir a prestação de serviços essenciais; e também para acompanhar e cuidar daqueles que, devido à sua exclusão e vulnerabilidade, sofriam ainda mais com as consequências desta pandemia. Ouvimos e vimos as dificuldades e inconvenientes do confinamento social: a solidão e o isolamento, especialmente dos idosos; a ansiedade, a angústia e o sentimento de não-proteção face à incerteza do emprego e da habitação; a violência e o desgaste nas relações. O medo ancestral do contágio voltou a atingir

---

<sup>102</sup> Conselho Permanente da Conferência Episcopal Italiana, «Comunicato finale del Consiglio Episcopale Permanente – sessione 3 novembre 2020», consultado a 15 de julho de 2022, [https://www.chiesacattolica.it/documentisegreteria/?fq%5Bwp\\_meta\\_cci\\_documento\\_anno\\_i%5D=2020](https://www.chiesacattolica.it/documentisegreteria/?fq%5Bwp_meta_cci_documento_anno_i%5D=2020).

duramente. Partilhamos também as preocupações angustiantes de famílias inteiras que não sabem o que pôr na mesa na próxima semana.<sup>103</sup>

Destaca ainda, na mesma carta, uma mudança no estilo de vida provocada pela pandemia:

[As] nossa formas habituais de nos relacionar, organizar, celebrar, rezar, convocar e até lidar com os conflitos foram modificadas e questionadas por uma presença invisível que transformou a nossa vida quotidiana em adversidade<sup>104</sup>.

Marcada pelas novas formas de pobreza, na sociedade, a Igreja, através da Caritas, multiplicou esforços para dar respostas a todas as famílias que, «apanhadas nas garras da usura devido ao superendividamento, aos migrantes que – na indiferença e no silêncio são obrigados a viverem em condições desumanas», a procuraram como recurso último da sua sobrevivência. O Papa Francisco, não ficando indiferente, perante o quadro de emergência social, «através do Dicastério para o Serviço de Desenvolvimento Humano Integral, doou 100 mil euros à Cáritas Italiana, para um importante primeiro socorro, nesta fase de emergência da propagação da infeção do Coronavírus, em todo o território italiano»<sup>105</sup>.

A 17 de outubro de 2020, a Conferência Episcopal Italiana, publicou um texto sobre o relatório da Cáritas Italiana, que deu conta dos graves efeitos económicos e sociais, provocada pela crise pandémica, com os indicadores a apontarem para as certezas de uma recessão económica. Os números mostram o surgimento de “novos pobres”, que recorrem à Caritas, pela primeira vez, à procura de ajuda. Para termos uma realidade concreta dos dados, a Cáritas nos dá a conhecer que no «período maio-setembro de 2019 e, comparando-o com o mesmo período de 2020, verifica-se que de um ano para o outro, passou-se de 31% para 45% de “novos pobres”». No seguimento deste estudo também podemos realçar que a Caritas diocesana, «destacou em quase todos os casos um aumento nas denúncias de emprego/trabalho e problemas económicos. Cerca de 75,7% relatam aumento nos problemas familiares, 62,8% na educação, 60% na saúde, também em termos de sofrimento

---

<sup>103</sup> Francisco, «Lettera Del Santo Padre Francesco ai Sacerdoti Della Diocesi Di Roma», acedido a 15 de julho de 2022, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2020/documents/papafrancesco\\_20200531\\_lettera-sacerdoti.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2020/documents/papafrancesco_20200531_lettera-sacerdoti.html).

<sup>104</sup> Francisco, «Lettera del Santo Padre Francesco ai Sacerdoti della Diocesi di Roma».

<sup>105</sup> Conferência Episcopal Italiana, «Coronavirus: dal Papa 100 mila euro a Caritas Italiana», acedido a 15 de julho de 2022, <https://www.chiesacattolica.it/coronavirus-dal-papa-100mila-euro-a-caritas-italiana/>.

psíquico e mental, e em termos de habitação». <sup>106</sup> Não ficamos por aqui, no relatório dá-se conta da existência de novas necessidades, apontadas como os «problemas de solidão, relacionamentos, mesmo com implicações conflituosas, ansiedade e depressão» <sup>107</sup>.

O Secretário-Geral da Conferência Episcopal Italiana, Monsenhor Stefano Russo, na sua saudação ao congresso «A Igreja italiana e a saúde mental. Pandemia do Covid-19», realçou que a «pandemia está colocando uma pressão sobre a nossa existência física e o nosso equilíbrio mental» Nesta perspetiva salientou a importância de se dar atenção àqueles que já sofrem de transtorno mental, de modo que «não aconteça que seja ele o primeiro a ser marginalizado e descartado dos tratamentos necessários». A Cáritas ainda se apresentou com vários projetos, para colmatar algumas necessidades que surgiram com a crise pandémica: «#TiChiamolo, para oferecer proximidade, mesmo que apenas por telefone; projeto “Mensagem na garrafa”, concebido para transmitir mensagens e poemas dos cidadãos juntamente com refeições para levar. [...]; #loRestoLibero, um evento nacional que apoia a Cruz Vermelha e a Cáritas Italiana com uma arrecadação de fundos através da plataforma GoFundMe» <sup>108</sup>.

A 18 de novembro de 2020, a Igreja Católica na União Europeia, representada pelos Presidentes das Conferências Episcopais dos Estados-Membros, enviaram uma mensagem de esperança e um apelo à solidariedade às instituições europeias e aos Estados-Membros. De realçar nesta mensagem a assertividade, quando se realça a realidade pandémica, que assolou as «nossas certezas e revelou a nossa vulnerabilidade e interdependência». É importante destacar a visão dos Presidentes das Conferências Episcopais dos Estados-Membros, quando afirmam que «o futuro da União Europeia não depende apenas da economia e das finanças, mas também de um espírito comum e de uma nova mentalidade». Mentalidade esta, que passa pela solidariedade, cuja é um princípio fundamental da Doutrina Social da Igreja. Relembrem ainda que a solidariedade, «está no centro do processo de integração europeia». Este apelo é feito, precisamente, para lembrar que a Igreja, durante o tempo da pandemia, esteve sempre próxima e solidária das pessoas, mas lembra que juntos possamos sair mais fortes desta crise.

Na Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo, a 20 de novembro, o Conselho Permanente envia uma mensagem, às comunidades cristãs, dando conta de que

---

<sup>106</sup> Conferência Episcopal Italiana, «Rapporto Caritas Italiana sulla pandemia», 17 de outubro de 2020, consultado a 15 de julho de 2022, [www.caritas.it](http://www.caritas.it).

<sup>107</sup> Cf. Conferência Episcopal Italiana, «Covid 19: nuovi poveri in aumento», consultado a 15 de julho de 2022, <https://www.chiesacattolica.it/covid-19-nuovi-poveri-in-aumento/>.

<sup>108</sup> Conferência Episcopal Italiana, «Covid 19: nuovi poveri in aumento».

o país está a «meio de uma nova onda planetária de infeções da Covid-19». Nesta altura, enfrentaram-se «grandes limitações preocupantes na vida quotidiana da população», nos mais variados níveis: pessoal, social, económico e financeiro. Na mesma carta, são destacados quatro contextos, que nos ajudam a perceber o sentimento vivido no desenrolar da pandemia: o tempo da tribulação, vivido no turbilhão de sentimentos de “desespero e dor”, provocado pelas infeções e mortes, expressos «nos rostos feridos e almas desfiguradas, necessitando de um calor humano»; o tempo da oração, realçando que «muitas famílias estarão no centro das orações individuais e comunitárias», daí que seja de realce importância manter a serenidade das famílias apostando, ou redescobrimo, o sentido das famílias como “Igrejas domésticas”; o tempo da esperança, onde se destacaram os «gestos de dedicação e generosidade, solidariedade e amor, por parte de crentes e não crentes» e, a consciencialização da vinda de um possível tempo de renascimento social, enraizado na fé bíblica e projetado para as periferias existenciais.

Chegando ao Advento, o comunicado final do Conselho Permanente, de 1 de dezembro, dá-nos conta da preocupação da Igreja em Itália, para além da continuidade da aplicação correta e concreta, das medidas sanitárias, já impostas na primeira vaga da pandemia, em março de 2020, para que houvesse, por parte dos párocos, uma organização do horários das celebrações do Natal, por forma que a presença dos fiéis nas celebrações, fosse bem distribuída e, para que o final das celebrações de Natal, ocorresse dentro do tempo do chamado “recolher obrigatório”. Com estas orientações damos conta, o quanto foi imprescindível, o contributo dos *mídia* na transmissão das celebrações litúrgicas, aquando do isolamento social. Para a Igreja em Itália, foi fundamental, no começo do tempo do Advento, o desafio de se ter presente duas palavras: a esperança e a proximidade. Diz-nos a o Monsenhor Stefano Russo, no texto de apresentação para o tempo de Advento de 2020 que,

a esperança cristã nos convida a não olhar para a história de forma fatalista, porque as suas raízes estão no próprio coração de Deus, mas nos convida a viver com coragem e confiança o nosso compromisso no mundo<sup>109</sup>.

É, com olhar posto na esperança cristã e, no contexto de uma profunda fratura sociológica, que o Papa Francisco inaugurou, no dia 8 de dezembro, o Ano de São José,

---

<sup>109</sup> Stefano Russo, «Camminiamo nella speranza», acedido a 14 de julho de 2022, <https://liturgico.chiesacattolica.it/camminiamo-nella-speranza-fratelli-tutti-55-2/>.

aquando do 150º aniversário da proclamação do Santo, como Padroeiro Universal da Igreja, ficando subentendido a necessidade de se falar do valor dos sentimentos, que ligam a estrutura familiar e, por sua vez, a sociedade. É intensão do Santo Padre, que se traga ao de cima, naquele momento, da importância das palavras: ternura, obediência, acolhimento, coragem... Face o rompimento e desgaste social, provocado pela pandemia, não seriam estas palavras necessárias para um religar e para o surgimento de uma nova esperança social? Continua o Papa Francisco a apostar no reflorescimento da sociedade, com o seu olhar preocupante na ameaça da «cultura do descarté». Diz-nos na Mensagem do Dia Internacional da Pessoa com Deficiência, a 3 de dezembro de 2020, que «esta cultura afeta especialmente as categorias mais frágeis, incluindo as pessoas com deficiência. [...] Existem atitudes de rejeição que, também por uma mentalidade narcisista e utilitária, conduzem à marginalização, sem considerar que, inevitavelmente, a fragilidade é de todos»<sup>110</sup>.

Em janeiro de 2021, uma esperança brota na sociedade. Sublinha-se, no comunicado final do Conselho Permanente, de 26 de janeiro<sup>111</sup>, «a importância da vacinação entendida como um gesto de amor a si e aos outros, mas também como um ato de confiança na reconstrução, no plano social», por forma a não danificar ainda mais o «tecido comunitário já dilacerado pela crise». A chave mestra, encontrada para restaurar o tecido social, fraturado pela pandemia, é a esperança! Apesar da esperança da vacinação, os Bispos de Itália, transmitem o sentimento de grande preocupação «pela incerteza que há no futuro, no que respeita à falta ou perda de trabalho, no desconforto psicológico, no surgimento de novas pobreza que esmagam famílias e empresas», não deixando de lado a preocupação na questão da educação. Neste contexto transmite-se a importância que as novas tecnologias tiveram, em todas as áreas, mas jamais poderá «substituir a riqueza do encontro e da presença pessoal. No que respeita à educação, alerta-se que as escolas «precisam ser apoiadas pela colaboração de todos». Nesta ordem de ideias destacaram as propostas educativas apresentado pelo Papa Francisco, a 12 de setembro de 2019, para que se trabalhe por um “Pacto Global pela Educação”. O objetivo deste projeto serve «para reavivar o compromisso para e com as novas gerações, renovando a paixão por uma educação mais aberta e inclusiva, capaz de ouvir com paciência, de diálogo construtivo e

---

<sup>110</sup> Francisco, «Mensagem para o Dia Internacional das pessoas com deficiência – 3 de dezembro de 2020», acessado a 15 de julho de 2022, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco\\_20201203\\_messaggio-disabilita.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20201203_messaggio-disabilita.html).

<sup>111</sup> Conferência Episcopal Italiana, «Consiglio Permanente del 26 gennaio: comunicato finale», acessado a 16 de julho de 2022, <https://www.chiesacattolica.it/consiglio-permanente-del-26-gennaio-il-comunicato-finale/>.

de compreensão mútua. Trata-se de unir esforços numa ampla aliança educativa, para formar pessoas maduras, capazes de superar a fragmentação e a oposição, e reconstruir o tecido das relações para uma humanidade mais fraterna»<sup>112</sup>. Com este intuito, o Papa Francisco, «convida as famílias, as comunidades, as escolas, as universidades, as instituições, as religiões, os governantes, os homens e as mulheres da cultura, da ciência, do desporto, os artistas, dos profissionais da *mídia*, toda a humanidade a assinar um Pacto Educativo comprometendo-se pessoalmente a empreender estes sete caminhos: colocar a pessoa no centro; ouvir as gerações mais novas; promover a mulher; responsabilizar a família; renovar a economia e a política e, cuidar da casa comum»<sup>113</sup>. Neste comunicado final, é dada orientação sobre o rito da paz na missa, na adoção de medidas para a contenção do vírus, «não parecendo apropriado, no contexto litúrgico, substituir o abraço ou o aperto de mão, por tocar-se nos cotovelos, neste momento pode ser o suficiente e mais significativo, olhar nos olhos um do outro e desejar o dom da paz, acompanhando-o com um simples arquear de cabeça - vénia».

Aquando da celebração do XXIX Dia Mundial do Doente, a 11 de fevereiro de 2021, a Conferencia Episcopal Italiana, publicou a Mensagem do Papa Francisco, com o intuito de sensibilizar para a prática pastoral, de especial atenção aos enfermos, destacando desta forma, a ideia que o Santo Padre quis realçar, que a «experiência da doença nos faz sentir a nossa vulnerabilidade e, ao mesmo tempo, a necessidade inata do outro». Neste sentido, para o Papa Francisco,

a doença tem sempre um rosto, e até mais do que um: o rosto de todas as pessoas doentes, mesmo daquelas que se sentem ignoradas, excluídas, vítimas de injustiças sociais que lhes negam direitos essenciais<sup>114</sup>.

Com estas palavras, o Sumo Pontífice, torna-se a voz primeira da Conferencia Episcopal Italiana, de que «os acessos aos cuidados de saúde nem sempre são garantidos aos idosos, aos mais fragilizados e vulneráveis, e nem sempre é justo»<sup>115</sup>. A solução para que esta injustiça deixe de acontecer está, segundo os olhos do Papa Francisco, na

---

<sup>112</sup> Congregação para a Educação Católica, «Pacto Educativo Global», acedido a 20 de julho de 2022, <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/vademecum-portuges.pdf>.

<sup>113</sup> «Pacto Educativo Global».

<sup>114</sup> Santa Sé, «Giornata malato» – a 20 de dezembro de 2020», acedido a 16 de julho de 2022, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/papafrancesco\\_20201220\\_giornata-malato.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/papafrancesco_20201220_giornata-malato.html).

<sup>115</sup> Santa Sé, «Giornata malato» – a 20 de dezembro de 2020», consultado a 16 de julho de 2022, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/papafrancesco\\_20201220\\_giornata-malato.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/papafrancesco_20201220_giornata-malato.html).

valorização da relação interpessoal e de confiança entre médicos, enfermeiros, profissionais e voluntários com aqueles que mais sofrem, de modo a acompanhá-los no caminho da recuperação. Através desta ideia, sublinha-se a necessidade de:

estabelecer um pacto entre necessitados e os que deles cuidam; um pacto baseado na confiança e no respeito mútuos, na sinceridade, na disponibilidade, para superar qualquer barreira defensiva, colocar a dignidade do paciente em primeiro lugar, proteger o profissionalismo dos profissionais de saúde e manter um bom relacionamento com os familiares dos pacientes.<sup>116</sup>

É prioridade do Papa Francisco, apostar no reflorescimento da sociedade, agora com o seu olhar presente nas sociedades do planeta, mas de uma forma mais particular, pelas mais fragilizadas. Estamos perante um Papa que se inquieta, pela necessidade que o desperta, em lutar por uma «Igreja feliz com rosto de mãe, que entende, acompanha e acaricia»<sup>117</sup>.

## **2.2. Conferência Episcopal Francesa**

Após as tomadas de decisões do Governo Francês, a Conferência Episcopal Francesa, estando consciente das perturbações advindas do estado pandémico, emanou informações, que recomendavam o cancelamento de reuniões, peregrinações e vigílias com mais de cem pessoas. Quanto à celebração das eucaristias e outros sacramentos, foram recomendadas medidas cautelares referidas como gestos de barreira. Com o intuito de preservar os mais frágeis e vulneráveis pela idade, e não só, foi aconselhado às pessoas com mais de setenta anos, estarem isentas das celebrações dominicais. Com estas indicações, a Conferência Episcopal Francesa, sentiu que, com as dificuldades de acesso aos sacramentos, constituíram um sofrimento para os fiéis. Com todas estas orientações primárias, houve uma forte indicação para que esta fração societária, dos mais vulneráveis, acompanhassem através dos meios de comunicação social, as mais variadas formas de oração pessoal e comunitária<sup>118</sup>.

---

<sup>116</sup> Santa Sé, «Giornata malato» – a 20 de dezembro de 2020».

<sup>117</sup> Francisco, «Incontro con i partecipanti al V Congresso della Chiesa Italiana», acedido a 16 de julho de 2022, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papafrancesco\\_20151110\\_firenze-convegno-chiesa-italiana.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papafrancesco_20151110_firenze-convegno-chiesa-italiana.html).

<sup>118</sup> Cf. Éric de Moulins-Beaufort, «Épidémie Covid-19 : recommandations de la CEF adressées aux évêques et aux responsables de mouvements et associations», consultado a 2 de agosto de 2022, <http://eglise.catholique.fr/espace-presse/communiqués-de-presse/495095-epidemic-covid-19-recommandations-de.cef-adressees-aux-eveques-aux-responsables-de-mouvements-associations/>.

Com o intuito de dar resposta à privação, da presença física dos sacramentos, houve a preocupação, por parte das dioceses de França, em se organizarem, de modo que se realizassem transmissões de orações e missas, principalmente por meio de redes sociais e plataformas como Youtube. Assim destacou-se a chamada MessesInfo, cuja missão foi tornar os tempos das missas acessíveis ao maior número de pessoas. Este site permitiu às pessoas a terem acesso ao anúncio das celebrações, acompanhadas ao vivo pela internet e, para os internautas saberem onde encontrar essas retransmissões. Foram desencadeadas várias iniciativas, tanto na internet e nas redes sociais, por forma a saciar a sede espiritual dos jovens, principalmente numa idade em que o isolamento e o confinamento podem ser vividos de forma particularmente dolorosa<sup>119</sup>.

Com o confinamento e as igrejas encerradas, os recursos financeiros, tanto das paróquias como das dioceses viram-se abaladas e, foi necessário mexer com a criatividade, de modo que, não faltassem os recursos gerados pela caridade, e com a finalidade da manutenção do exercício das igrejas, assim como, ao desencadear de processos de ajuda aos mais desprotegidos pela pandemia. Resultado deste processo foi o surgimento do *site* nacional, de cariz temporário, [quete.catholique.fr](http://quete.catholique.fr), com o intuito de cada fiel fazer a sua oferta de uma forma “simplificada, segura e anónima”.<sup>120</sup>

Neste tempo em que todos se encontram com a sua fragilidade, surge um pedido para que se superasse as divisões e, um convite à vivência em fraternidade, onde todos contam. Assim e, neste pedido, surge o desafio de, no dia 25 de março de 2020, se iluminar, em cada janela com uma vela, enquanto os sinos tocaram por dez minutos, num sinal de comunhão sentimental para com os defuntos, os enfermos e seus entes queridos. Mas também não esquecendo, que este gesto teria de soar também como um desejo pelo fim da pandemia. No decorrer deste acontecimento, cada um, em sua casa, estaria disposto a abrir a Bíblia e a ler o relato da anunciação<sup>121</sup>.

Com o decorrer da pandemia e, com o aproximar das celebrações da Semana Santa, a Conferência Episcopal Francesa, ofereceu meditações, de acesso online, ministradas por vários bispos franceses, para cada dia daquela semana, terminando no dia de Páscoa<sup>122</sup>.

---

<sup>119</sup> Cf. Conferência Episcopal Francesa, «Messe», consultado a 2 de agosto de 2022, <http://eglise.catholique.fr/glossaire/messe>.

<sup>120</sup> [https://donner.catholique.fr/quete/~mon-don?\\_cv=1](https://donner.catholique.fr/quete/~mon-don?_cv=1).

<sup>121</sup> Conferência Episcopal Francesa, «Rencontre de tous les évêques de France», consultado a 2 de agosto de 2022, <https://eglise.catholique.fr/glossaire/conference-des-eveques-de-france>.

<sup>122</sup> Cf. Conferência Episcopal Francesa, «Rameau», acedido a 3 de agosto de 2022 <https://eglise.catholique.fr/glossaire/rameaux>.

Não nos podemos esquecer que, também os serviços de televisão e rádio, contribuíram na transmissão das celebrações litúrgicas da Páscoa.

A Conferencia Episcopal Francesa, apresentou algumas propostas de celebrações litúrgicas, tanto para leigos como para sacerdotes, que celebraram sozinhos as celebrações pascais. As orações e leituras, foram colocadas à disposição, através do *site* [www.aelf.org](http://www.aelf.org). Estas propostas, e outras, foram resultado do Serviço Nacional da Pastoral Litúrgica e Sacramental da Conferência Episcopal Francesa.

Privados da presença nas celebrações pascais, os catecúmenos, viram adiada a administração do sacramento do Batismo, provocado pela interrupção das formações das etapas referentes ao ritual da Iniciação Cristã, assim como, à preparação do rito do Sacramento. Neste contexto, os “bispos enviaram mensagens aos catecúmenos a apoiá-los e a tranquilizá-los”<sup>123</sup>. De referir que na França, todos os anos são batizados milhares de adultos durante a Vigília Pascal.

Para o presidente do Conselho da Família e Sociedade, D. Bruno Feillet, Bispo auxiliar de Reims, inspirado na narrativa do Livro dos Génesis, «não é bom que o homem esteja só» (Gn 2,18), refere que todas as iniciativas geradas, face à pandemia, podem aliviar as desvantagens do isolamento, do afastamento social das famílias..., «mas nada pode substituir os encontros humanos». Para D. Bruno Feillet, “quanto mais velhos somos, menos usamos as redes sociais”, assim a dificuldade de enfrentar o isolamento, por parte dos mais idosos, se torne mais difícil. Nesta perspetiva, a oração de cada um poderá contribuir para o consolo e aproximação dos nossos corações uns dos outros<sup>124</sup>.

Perante o isolamento e a proibição do contacto com os mais idosos, com a preocupação de não haver uma maior propagação do vírus entre os mais vulneráveis, pergunta-se então o que fazer para se apoiar os idosos mais isolados? A solução encontrada passa por diversas metodologias, que vão desde a pastoral do telefone, cartas, partilha de fotos, desenhos, gravações de vídeos, músicas que puderam ser enviadas para os lares dos idosos, através do Ministério da Saúde de França.

A criação de um serviço de escuta anónimo para os católicos, num período de isolamento, composta por padres, diáconos, religiosos e leigos permitiu, no espaço de dois

---

<sup>123</sup> Monsenhor Rougé, «*Chers amis catéchumènes... »* : messages des évêques aux *appelés* de leur diocèse», acedido a 2 de agosto de 2022, <https://catechese.catholique.fr/actualites-initiatives/temoignages/311426-confinement-catechumenes-massege-evoques/>.

<sup>124</sup> Bento XVI, «Carta Apostólica, sob a forma de Motu Próprio, *Intima Ecclesiae Natura*», acedido a 16 de julho de 2022, [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu\\_proprio/documents/hf\\_ben-xvi\\_motu-proprio\\_20121111\\_caritas.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu_proprio/documents/hf_ben-xvi_motu-proprio_20121111_caritas.html).

meses, que fossem escutadas cerca de quatro mil pessoas. Algumas sofrendo de Covid-19, outras com pedidos de sacramentais, mas também para escutar cuidadores ou familiares enlutados. A tarefa primordial desta iniciativa foi a escuta ativa dos que viveram em dificuldade de vida. Pois «o primeiro cuidado é acolher as pessoas ao telefone, compreender as suas expectativas e encaminhá-las, se necessário, às estruturas diocesanas que correspondem às suas necessidades»<sup>125</sup>.

Segundo D. Delannoy, Bispo de Saint-Denis, «a Igreja Católica, mais do que nunca, está ao lado dos mais frágeis». Para o Presidente do Conselho para a Solidariedade e Diaconado, a humildade é a palavra-chave para uma Igreja acolhedora, onde cada um pode dar e oferecer em função do bem de todos. Desta forma, segundo D. Delannoy a humildade abre «as portas a uma verdadeira solidariedade»<sup>126</sup>. Nesta linha de pensamento, apela-se ao surgimento de uma sociedade, que não se deixe levar por uma vida vazia. Reforça ainda, com as palavras de São Paulo, «se me falta amor sou como um metal que soa, um címbalo que tine» (1 Cor 13, 1).

O primeiro registo de se falar em desconfinamento, em tempo pandémico, surge na reunião plenária da Conferência Episcopal Francesa, de 24 de abril de 2020, onde se lê:

[F]oi apresentado e discutido um plano de desconfinamento combinando o desejo resoluto de permitir novamente aos fiéis participarem dos sacramentos e um grande espírito de responsabilidade pela saúde. Será comunicado às autoridades públicas a partir de hoje para que o diálogo possa prosseguir, tanto a nível nacional como a nível local. [...] Os Bispos de França reiteram como lhes parece essencial que a vida eclesial possa recuperar o seu carácter plenamente comunitário ao mesmo ritmo da vida académica, social e económica do nosso país a partir do dia 11 de maio de 2020.<sup>127</sup>

O contrário acontece da parte do Governo Francês que, quatro dias depois, a 28 de abril de 2020, anunciara que as celebrações com a presença de fiéis, estariam interrompidas, mesmo que os lugares de culto permanecessem abertos. No que respeita aos funerais, estes poderiam ser celebrados nas igrejas e nos cemitérios, com a presença limitada de vinte pessoas. Perante este quadro os «Bispos de França incentivaram fortemente as famílias atingidas pelo luto a não renunciarem aos funerais religiosos, mesmo

---

<sup>125</sup> Conferência Episcopal Francesa, «Laïcs», acedido a 2 de agosto de 2022, <https://eglise.catholique.fr/glossaire/laics>.

<sup>126</sup> Bento XVI, «Carta Apostólica, sob a forma de Motu Próprio, *Intima Ecclesiae Natura*», acedido a 16 de julho de 2022, [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu\\_proprio/documents/hf\\_ben-xvi\\_motu-proprio\\_20121111\\_caritas.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu_proprio/documents/hf_ben-xvi_motu-proprio_20121111_caritas.html).

<sup>127</sup> Conferência Episcopal Francesa, «Assemblée Plénière», 2 de agosto de 2022, <https://eglise.catholique.fr/glossaire/assemblee-pleniere>.

que nem todos os membros das suas famílias pudessem estar reunidos»<sup>128</sup>. Perante o anúncio desta decisão e, após conhecimento da carta do Monsenhor Eric de Moulins-Beaufort ao Primeiro-ministro, datada de 15 de maio de 2020, o Juiz do Conselho de Estado, ordena ao Governo que se proceda ao levantamento da proibição geral e absoluta de reuniões em locais de culto e para que tal aconteça, se promovam medidas proporcionais aos riscos para a saúde e adequadas ao início do desconfinamento<sup>129</sup>. Nesta ordem de orientações, a Conferência Episcopal Francesa, expressou também vontade de haver um encontro com as autoridades públicas, nacionais ou locais, de modo a colocar em cima da mesa a «liberdade de culto, como um elemento constitutivo da vida democrática» e, ainda, a preparação da retoma às celebrações do culto com a presença dos fiéis, assim como, as atividades tanto catequéticas como as socio-caritativas. Com este pensar, a Igreja em França, com o olhar posto no Pentecostes, a 30 de maio, afirmava a necessidade urgente do «fim do severo confinamento em questões de vida litúrgica e sacramental»<sup>130</sup>.

É com o decreto, do Conselho de Estado, com despacho de 18 de maio e, publicado a 23 de maio de 2020, que o Governo de França, devolve à Igreja o direito de liberdade de culto<sup>131</sup>. Este decreto é acompanhado por uma série de orientações, que confirmam as medidas propostas pelos representantes dos seis principais cultos presentes em França, por forma a haver um desconfinamento, onde todos tiveram o seu parecer: Assembleia dos Bispos Ortodoxos de França; Conferência Episcopal de França; Conselho do Culto Muçulmano Francês; Consistório Central Israelita de França; Federação Protestante de França e União Budista de França<sup>132</sup>. Na sequência destes acontecimentos, é preciso destacar as propostas da Conferência Episcopal Francesa para o desconfinamento: «que a liberdade seja deixada a cada um dos responsáveis (bispos e sacerdotes) para determinar a data do reinício das Missas com assembleia. A Conferência Episcopal Francesa observa a recomendação do Governo, de iniciar as assembleias litúrgicas apenas a partir de 2 de junho [...]; o uso de máscara é obrigatório além dos 4 metros quadrados, bem como a lavagem

---

<sup>128</sup> Conferência Episcopal Francesa, «Conseil Permanet», acessido a 2 de agosto de 2022, <https://eglise.catholique.fr/glossaire/conseil-permanet>.

<sup>129</sup> Conferência Episcopal Francesa, «Conférence des évêques de France», acessido a 2 de agosto de 2022, <https://eglise.catholique.fr/glossaire/conference-des-eveques-de-france>.

<sup>130</sup> Conferência Episcopal Francesa, «Conférence des évêques de France».

<sup>131</sup> Cf. Conferência Episcopal Francesa, «Conférence des évêques de France».

<sup>132</sup> Ministère de L'Interieur, «Décret n° 2020-548 du 11 mai 2020 prescrivant les mesures générales nécessaires pour faire face à l'épidémie de covid-19 dans le cadre de l'état d'urgence sanitaire», acessido a 2 de agosto de 2022, <https://www.legifrance.gouv.fr/jorf/id/JORFTEXT000041865329>.

das mãos na entrada e na saída das igrejas e outros locais de culto»<sup>133</sup>. É ao longo deste processo de desconfinamento, no discurso de encerramento da Assembleia Plenária dos Bispos de França, em junho de 2020, que podemos constatar o ressurgir de um antigo tema teológico, um pouco esquecido, mas essencial para a nossa compreensão da Igreja e da sua missão, o da *Libertas Ecclesiae*<sup>134</sup>, a «liberdade da Igreja». Por vezes, o tema da liberdade da Igreja pode ser considerado como

uma exigência de uma autonomia arrogante em relação às mediações humanas que são as entidades políticas [...]. Não é para a Igreja a pretensão de escapar das leis das entidades políticas [...]. É sobretudo a exigência da liberdade de viver o amor de Deus e o amor ao próximo, de servir a cada ser humano, qualquer que seja a sua condição social [...]. A separação entre Igreja e Estado, estendida a todas as religiões, [...] reflete no facto de que o Estado deixa a Igreja de Cristo e, portanto, não apenas a Igreja Católica, mas as Igrejas Protestantes e Ortodoxa, e outras religiões para se organizarem como quiserem, enquanto a ordem pública é respeitada.<sup>135</sup>

Com este direito, a Igreja Católica, relembra ao Estado que, o mesmo está no seu direito de promulgar regras de saúde, mas também afirma que não reivindicou, para si, nenhum privilégio, mas o respeito pela dignidade de cada cidadão, pessoa livre, de acordo com a sua religião ou não religião. Fruto desta consciência, a Igreja mostrou que é capaz de implementar regras de precaução sanitárias, não só por medo do contágio, mas para servir o bem de todos pelos quais é responsável perante Deus.

Perante o surgimento da segunda vaga da pandemia da Covid-19, na Europa, no começo do mês de outubro de 2020, e com os números de infetados a atingirem as 30 mil infeções por dia, o Governo vê-se obrigado a impor regras sanitárias, começando pelo recolher obrigatório e pelo encerramento de todos os espaços comerciais abertos ao público<sup>136</sup>. Com estas medidas e, com a cerca das infeções a apertar mais, a Igreja volta novamente a ver posto em causa o direito da liberdade religiosa.

A Conferência Episcopal Francesa mostra-se indignada face ao indeferimento do seu pedido de contestação do decreto n.º 2020-1310 de 29 de outubro por violação da

---

<sup>133</sup> Conferência Episcopal Francesa, «Conférence des évêques de France», consultado a 2 de agosto de 2022, <https://eglise.catholique.fr/glossaire/conference-des-vevques-de-france>.

<sup>134</sup> Foi uma bula papal promulgada pelo Papa Gregório VII em 1079. Estabelecia que o Papado não deveria se submeter ao Império e ao mundo secular. Embora o papa não tenha sido eleito pelo império, a sua eleição esteve sujeita, até 1058, à aprovação do Imperador. A partir da promulgação da bula, a eleição do Papa ficou reservada exclusivamente ao colégio cardinalício.

<sup>135</sup> Conferência Episcopal Francesa, «Eucharistie», consultado a 2 de agosto de 2022, <https://eglise.catholique.fr/glossaire/eucharistie>.

<sup>136</sup> Euronews, «Segunda vaga de Covid-19 alastra na Europa», consultado a 17 de julho de 2022, <https://pt.euronews.com/2020/10/16/segunda-vaga-de-covid-19-alastra-se-na-europa>.

liberdade religiosa, pelo facto de se ter alegado apenas motivos de saúde<sup>137</sup>. Apesar dos bispos lamentarem a proibição imposta aos fiéis, de se ausentarem, mais uma vez, das celebrações religiosas, os mesmos apelam a que cada um obedeça às autoridades, invocando a posição de São Paulo à comunidade dos Romanos (Rm 13, 1). No entanto, este regresso às regras sanitárias, apresentam algumas “brechas” no que respeita ao culto. Permite a permanência das igrejas abertas e a receção de fiéis para meditar, orar, adorar o Senhor, assim como a receção dos sacramentos e, ainda, a permissão aos ministros do culto, a poderem receber os fiéis tanto nas igrejas como nas capelanias.

Na vivência de todo este ambiente pandémico e, ao mesmo tempo, de isolamento social, a Conferência Episcopal Francesa não se esquece de realçar a importância que teve e, continuam a ter, as novas tecnologias:

[P]ermitiu aproximar-nos, sem ser fisicamente e, assim, ultrapassar os diferentes, mais ou menos importantes, mal-entendidos e os incómodos que se agravam quando não vemos e que esquecemos [...]. A tecnologia não substitui aquilo em que a celebração comum nos faz voltar a mergulhar, a alegria da Esposa de Cristo despertada pelo seu Esposo, que estremece com a sua voz e vibra com a sua vinda, à qual o diálogo dos bispos, padres e diáconos com a assembleia eucarística nos dá a viver.<sup>138</sup>

Estas possibilitaram a experiência do encontro visual. Neste espaço cibernético, muitos foram os encontros e, ao mesmo tempo, descobriu-se um novo mundo do qual a Igreja estava muito ausente.

Com a segunda vaga da pandemia em curso e, por forma a se pensar num novo regresso ao culto religioso, com a presença dos fiéis, o Primeiro-ministro reuniu-se, a 16 de novembro de 2020, com os representantes das religiões, por forma a prepararem, em conjunto, os procedimentos necessários para um regresso ao culto religioso a partir de 1 de dezembro de 2020. A Conferência Episcopal Francesa apresentou um protocolo pormenorizado com vista ao retorno das atividades pastorais “presenciais”.

A surpresa e a tensão, gerada entre a Igreja de França e o Estado, surge aquando das declarações do Presidente da República, que anunciou o limite de trinta pessoas no exercício público do culto a partir do dia 29 de novembro daquele ano. Este anúncio, segundo a Conferência Episcopal Francesa, não estaria de «acordo com as discussões que

---

<sup>137</sup> Conferência Episcopal Francesa, «Demande de contestation pour violation de la liberté religieuse», 3 de agosto de 2022, <https://eglise.catholique.fr/glossaire/archeveque>.

<sup>138</sup> Conferência Episcopal Francesa, «Eucharistie», consultado a 2 de agosto de 2022, <https://eglise.catholique.fr/glossaire/eucharistie>.

ocorreram nas últimas semanas com os ministros envolvidos»<sup>139</sup>. Neste contexto, o Presidente da Conferência Episcopal Francesa, D. Éric de Moulins-Beaufort, «apelou ao Presidente da República para solicitar a revisão desta medida». Pois tratava-se de uma medida irrealista e inaplicável, totalmente desrespeitosa da realidade da prática religiosa dos católicos. Com esta regra sanitária os católicos abririam mão do momento fundamental da preparação para o Natal. De modo a não abrir mão desta orientação, a Conferência Episcopal Francesa decidiu submeter um recurso à liberdade religiosa ao Conselho de Estado, considerando que os Bispos têm o dever de garantir a liberdade de culto em França. Apesar de toda esta situação, houve uma reunião no dia 29 de novembro com alguns membros da Conferência Episcopal Francesa, cuja veio dar bons frutos, anunciados a 2 de dezembro tornando público a decisão do Governo em que a ocupação, dos lugares de culto deveriam variar consoante a capacidade dos edifícios. Uma decisão que agradou aos Bispos de França, uma medida que entrara em vigor a partir do dia 15 de dezembro. Para a Conferência Episcopal Francesa esta medida foi uma abertura ao diálogo construtivo entre a Igreja e o Estado.

Chegado o Natal de 2020, marcado pela crise de saúde, as Igreja em França organizaram-se para permitir a presença cautelosa de todos os fiéis que quiseram estar presentes nas celebrações daquele ano, tendo em atenção as regras propostas pelo Governo como o distanciamento social, a higienização das mãos e o uso de máscara.

Ao surgir o ano de 2021 e, tendo a situação da prática do culto presencial já resolvida, a Conferência Episcopal Francesa, dá realce importância a dar respostas às necessidades das famílias que foram alvo do desemprego e da exclusão social, fruto das diferenças sociais, que já existiam na sociedade pré-pandémica e, que viriam a agravar com a pandemia<sup>140</sup>.

### **2.3. Conferência Episcopal Espanhola**

Com a pandemia e, decretado pelo governo o estado de alerta em março de 2020, todas as igrejas em Espanha foram encerradas. As mesmas reabriram a partir do mês de maio, com a condição imposta de um terço da capacidade do espaço, e respeitando «as

---

<sup>139</sup> A Igreja Católica propôs no seu protocolo um espaço de 4m<sup>2</sup> à volta de cada fiel e uma ocupação parcial da igreja a 1/3 da capacidade habitual.

<sup>140</sup> Cf. Conferência Episcopal Francesa, «Conférence des Évêques de France», consultado a 2 de agosto de 2022, <https://englise.catholique.fr/glossaire/conference-des-vevques-de-france>.

recomendações sanitárias e segundo as disposições de cada diocese e comunidade autónoma»<sup>141</sup>.

Tendo presente o flagelo pandémico, há nota de que as Conferências Episcopais de Espanha e Itália e os secretários-gerais das Conferências Episcopais Latino-Americano (CELAM) reuniram-se sob a presidência de D. Miguel Cabrejos, Arcebispo de Trujillo e Presidente do CELAM e, através das partilhas das experiências, emergidas pela pandemia da COVID-19, tiveram presente os efeitos sociológicos e as respostas espirituais aos fiéis, numa abertura continuadora e presente da Igreja no mundo. Deste encontro destacaram-se a criatividade pastoral; a proximidade da Igreja, o surgimento de Igrejas domésticas, a preocupação especial pelos idosos, o acompanhamento dos defuntos e pelo luto, tiveram em conta as graves situações sociais e humanitárias que ocorreram. Destacou-se uma criatividade juvenil e a sua participação nas redes sociais. Contudo, não se pode esquecer que a pandemia acelerou a mudança dos tempos, e a transformação da forma de cuidado pastoral.<sup>142</sup> Daqui pode-se realçar, como ideia bem fincada da Igreja espanhola, que o compromisso social na Igreja não é secundário, mas algo que advém da sua própria natureza e missão. Este compromisso quer-se que seja transformador, das pessoas e de causas, em prol da erradicação da pobreza, denunciador das injustiças, que dê conforto e alívio nos sofrimentos e que seja capaz de oferecer propostas concretas, que ajudem a colocar em prática a mensagem transformadora do Evangelho<sup>143</sup>. Para além disto, destaca-se, neste tempo de pandemia, a atenção a ter em conta com os mais idosos, pois jamais se poderá considerá-los como um grupo descartado da sociedade. No discurso inaugural do Cardeal Omella, podemos notar a preocupação com a gravidade da situação, gerada em Espanha, também advinda de outros países, com o elevado número de perdas humanas, principalmente de idosos e com doenças crónicas. Das palavras do Cardeal, emana a solidariedade e o compromisso com todos os que sofrem as consequências económicas, sociais e trabalhistas.

Também a Conferência Episcopal Espanhola, nos faz chegar a informação de que se torna importante e, urgente, se trabalhar no projeto, «Global Compact Education»,

---

<sup>141</sup> Conferência Episcopal Espanhola, «Prensa» de 09 de fevereiro de 2020, consultado a 3 de agosto de 2022, <http://conferenciaepiscoapl.es/prensa/>.

<sup>142</sup> Conferência Episcopal Espanhola, «Reunión de los secretarios generales del CELAM, España e Italia sobre la crisis del COVID 19» acedido a 17 de outubro de 2022, <https://www.conferenciaepiscopal.es/reunion-de-los-secretarios-generales-del-celam-espana-e-italia-sobre-la-crisis-del-covid-19/>.

<sup>143</sup> Conferência Episcopal Espanhola, «La Iglesia Católica en España» (junho 2020), 22-23.

apresentado pelo Santo Padre. Para isto, diz o Papa Francisco, que será «necessário unir esforços numa ampla aliança educativa com o intuito de formar pessoas maduras, capazes de superar as fragmentações e contradições e, reconstruir o tecido de relações para uma humanidade mais fraterna»<sup>144</sup>.

Há uma clara preocupação com as desigualdades sociais. Refere ainda Omella que «o mundo estava há muito tempo fora de ajuste e esta pandemia só tornou visível e exacerbou o estado desproporcional de desigualdades económicas e de saúde, as gravíssimas consequências da destruição dos ecossistemas, o interesse egoísta e polarizador de populismo irresponsáveis...»<sup>145</sup> longe de nos comportarmos como uma verdadeira família humana.

O Arcebispo Arguello, secretário-geral da Conferência Episcopal Espanhola, numa entrevista coletiva online, reitera como chamada de atenção, que «somos forçados a pensar em como organizar o comum, o novo normal, como reorganizar a desaceleração. Em jogo estão a vida, os doentes, a segurança e a liberdade, as questões entre a saúde e a vida, a verdade, as faltas notícias, o bem comum e o princípio da subsidiariedade». Apela ainda referindo que a «pandemia nos despertou para o individualismo»<sup>146</sup>.

A Conferência Episcopal de Espanha deu a conhecer a «Instrução pastoral sobre o acompanhamento na morte e no luto. Anúncio da Vida Eterna. A celebração de funerais e sepulturas», como orientações pastorais nos rituais fúnebres. Este documento apresenta cinco pontos achados importantes: «o significado da morte do cristão; o significado dos funerais cristãos; o significado e importância do sepultamento e cremação; regras sobre sepultamento e cremação; e a pastoral por ocasião da doença, morte e funeral cristão»<sup>147</sup>. No que respeita às celebrações litúrgicas, em tempo de pandemia, surge a chamada de atenção que a liberdade religiosa não poderá ser suprimida, mesmo em estado de alerta, pois sobre este assunto o artigo 7 nada declara sobre as saídas de culto. Refere o secretário-geral da Conferência Episcopal Espanhola que, «em muitos lugares, os templos foram encerrados, mas a Igreja permaneceu aberta. Uma questão é o templo e outra é a vida da

---

<sup>144</sup> Conferência Episcopal Espanhola, «El Pacto educativo global», acedido a 3 de agosto de 2022, <https://www.conferenciaepiscopal.es/el-pacto-educativo-global/>.

<sup>145</sup> Conferência Episcopal Espanhola, «El Pacto educativo global».

<sup>146</sup> Conferência Episcopal Espanhola, «Entrevista colectiva al Arzobispo D. Luis Arguello», acedido a 3 de agosto de 2022, <http://conferenciaepiscoapl.es>.

<sup>147</sup> Conferência Episcopal Espanhola, «La Comisión Permanente se reúne el 29 y 30 de septiembre», acedido a 4 de agosto de 2022, <https://www.conferenciaepiscopal.es/la-comision-permanente-se-reune-el-29-y-30-de-septiembre-de-2020/>.

Igreja. Esta foi mantida por uma extraordinária criatividade pastoral». Ainda refere que a intervenção das autoridades policiais interrompendo os atos de culto não respeitou o artigo 11 do estado de alerta, em que as duas partes dialogam de modo a harmonizar decisões mais acertadas e não levadas à força no cumprimento de medidas, nem o artigo 16 da Constituição espanhola foi respeitado<sup>148</sup>. Neste contexto foi solicitado ao governo espanhol o regresso progressivo das celebrações eucarísticas com a presença de fiéis<sup>149</sup>.

De forma a gerar um maior compromisso entre a Igreja e a Sociedade, a Conferência Episcopal Espanhola criou uma página, por forma que o usuário possa encontrar as iniciativas de ajuda aberta a toda a sociedade.<sup>150</sup> A página estruturada com um mapa da diocese, permite ao utilizador, conhecer as principais ações que foram sendo realizadas. O objetivo da criação desta página foi a divulgação das ações, e do compromisso gerado entre a Igreja e a Sociedade perante o vírus. As ações desenvolvidas abrangeram os campos espiritual, social, caritativo, assistencial e educativo, dirigido a todos, mas com maior preocupação pelos enfermos, idosos e vulneráveis. Desta forma quis-se tornar visível, no mundo cibernético, a missão de uma Igreja que permanece aberta e atenta vinte e quatro horas por dia, ao longo de toda a semana, apesar da privação da deslocação às Igrejas físicas.<sup>151</sup>

É importante termos em conta a relevância que teve a reunião entre a Conferência Episcopal Espanhola e o Ministério da Educação, na qual se valorizou a importância do ensino religioso e a formação moral, tendo presente também o papel da escola como um serviço à sociedade.<sup>152</sup>

Note-se outra vertente importante, no papel da Igreja, em duas áreas sensíveis daqueles que sofrem. Designadamente a pastoral da saúde e o ministério prisional. Ainda em destaque o papel fundamental da Cáritas e das Mãos Unidas. Daí que haja, neste tempo pandémico, a necessidade de relembrar que a «Igreja está ao lado dos mais vulneráveis e

---

<sup>148</sup>1) É garantida a liberdade ideológica, religiosa e de culto dos indivíduos e das comunidades sem mais limitação, nas suas manifestações, que a necessária para a manutenção da ordem pública protegida por lei. 2) Ninguém será obrigado a declarar sobre a sua ideologia, religião ou crenças. 3) Nenhuma confissão terá carácter estatal. Os poderes públicos terão em conta as crenças religiosas da sociedade espanhola e manterão as necessárias relações de cooperação com a Igreja Católica e as demais confissões.

<sup>149</sup> Cf. Conferência Episcopal de Espanha, «Entrevista colectiva al Arzobispo D. Luís Arguello», acedido a 3 de agosto de 2022, <http://conferenciaepiscoapl.es>.

<sup>150</sup> Conferência Episcopal Espanhola, «Iglesia Solidaria», acedido a 20 de junho de 2023, [www.iglesiasolidaria.es](http://www.iglesiasolidaria.es) e #SomosIglesia24Siete.

<sup>151</sup> Cf. Conferência Episcopal Espanhola, «El compromiso de la Iglesia con la sociedad», acedido a 20 de junho de 2023, [www.conferenciaepiscopal.es](http://www.conferenciaepiscopal.es).

<sup>152</sup> Cf. Conferência Episcopal Espanhola, «Encuentro entre la CEE y el Ministerio de Educación », acedido a 20 de junho de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.es/encuentro-entre-representantes-de-la-cee-y-del-ministerio-de-educacion/>.

esquecidos, sem fechar as portas a todo aquele que chame por ela». <sup>153</sup> Com isto a Igreja em Espanha tem plena consciência da urgência, de que a sua missão não passa somente pelas palavras, mas pela urgência das ações em prol do próximo.

Na nota da conferencia de imprensa, da Comissão Permanente, podemos verificar a chamada de atenção que se faz, de que o papel do cuidado neste tempo pandémico, não cabe somente à Igreja, mas também aos dirigentes políticos, para que apresentem propostas concretas, para que se faça um caminho em conjunto em prol do bem comum. Neste contexto não esconde a existência de tensões ideológicas no seu interior. A partir desta ideia, apela-se a uma abertura de consciencialização, de que todos devem «exercer a responsabilidade cívica e o zelo recíproco, no espírito de generosidade, harmonia e amizade civil que brotam da fraternidade comum» <sup>154</sup>.

No relatório da Comissão Episcopal de Pastoral Social e Promoção Humana, apresentado à Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Espanhola, a 17 de novembro de 2020, concentra-se na situação em que se encontravam os grupos afetados e que receberam assistência pelos diversos departamentos eclesiais. A análise realizada, tem como ponto de partida, «olhar as pessoas na sua situação de “descarte”», inspirado na encíclica do Papa Francisco, *Fratelli Tutti*. Este relatório/análise acaba por ser, por outro lado, uma «síntese de respostas», que foram oferecidas nos diversos campos, político, económico e eclesial e, que transmite a realidade da pobreza e da marginalização. É, pois, perante o quadro das diversas necessidades, que o relatório se torna uma ferramenta útil para a missão evangelizadora da Igreja, perante as realidades sociais mais urgentes.

Face à pandemia, o relatório deu conta de um novo modelo social, submerso no relativismo, individualismo e a busca pelo lucro máximo, sem ter em conta os problemas que anteriormente já se faziam sentir com grande relevância, como o desemprego e a precariedade, com grande índice nas pessoas em situação de exclusão. Esta situação provocou um aumento de procura de ajuda na Cáritas, e levou a depararmos com uma realidade, que gerou feridas profundas na nossa sociedade: a limitação dos direitos; o aumento das desigualdades e o desligamento da moralidade, por falta de liderança social e política.

---

<sup>153</sup> Conferência Episcopal Espanhola, «La Iglesia Católica en España», acedido a 20 de junho de 2023, [www.conferenciaepiscopal.es/prensa/](http://www.conferenciaepiscopal.es/prensa/).

<sup>154</sup> Conferência Episcopal Espanhola, «La Comisión Permanente se reúne el 29 y 30 de septiembre », acedido a 4 de agosto de 2022, <https://www.conferenciaepiscopal.es/la-comision-permanente-se-reune-el-29-y-30-de-septiembre-de-2020/>.

Um outro sector afetado pela pandemia, segundo o relatório, foi o do turismo. Tendo em conta todas as restrições impostas nos hotéis, bares, restaurantes, comércio muitos foram os empresários que decidiram encerrar, de forma definitiva, os seus negócios pois, enfrentaram a realidade dura, da impossibilidade de pagarem as contas, e manterem o negócio aberto nas condições impostas, num tempo que parecia ser indeterminado. Esta realidade fez disparar o desemprego, pois é de notar que o sector da hotelaria e restauração gera milhares de postos de trabalho. A perda de emprego leva, por outro lado, à dificuldade das famílias em manterem o pagamento de rendas e, perdem-se as condições fundamentais, para se aceder à aquisição e permanência daquilo a que chamamos de lar.

Outra dificuldade enfrentada foi o acesso aos cuidados de saúde. Muitas foram as realidades de familiares, que tiveram de abandonar os seus empregos, para permanecerem em casa a cuidarem dos filhos, tendo em conta o encerramento das escolas, cujas, se viram obrigadas a uma rápida e improvisada adaptação curricular através de plataformas formativas on-line, o que provocou ainda mais as desigualdades já existentes no sistema educativo, não esquecendo também a assistência que foi necessária e urgente, para com as pessoas dependentes, que tinham, num ambiente pré-pandémico, estruturas sociais que davam respostas e, permitiam a estas famílias terem a possibilidade de acesso a certas condições de emprego. Nesta realidade, constatou-se que as famílias mais vulneráveis perderam as redes de apoio. Na *Fratelli Tutti* apela-se à igualdade de todos, com uma consciência de que nem «todos os seres humanos são iguais». Esta ideia submerge de uma sociedade «do importante cultivo consciente e pedagógico da fraternidade» (*Fratelli Tutti*, 104).

O relatório dá conta dos grupos que foram mais afetados pela pandemia como: os refugiados e migrantes; os sem-abrigo; vítimas de tráfico que vivem em situação irregular; os prisioneiros e suas famílias; profissionais da pesca; os transportadores de mercadorias; os feirantes e circenses; os ciganos.

No entanto e, perante tanta dificuldade, também é necessário ter-se em conta as respostas que foram sendo dadas no contexto da pandemia: as subvenções para os arrendamentos; redução dos impostos e taxas municipais; adiamento de juros. Constatou-se que era urgente uma promoção das políticas públicas de habitação e um sistema social público forte o suficiente, para fazer frente às necessidades sanitárias, educativas e sociais. Ajudas estas que se basearam numa vertente assistencialista, o que nos permite perceber que as mesmas foram insuficientes e tardias, ainda com crítica relativamente à sua gestão como dispersa e descoordenada. Uma forma de mostrar a realidade da existência de

crispação política, que dificultou a «correta planificação, resposta económica e sanitária em prol do bem comum»<sup>155</sup>.

Por outro lado, a resposta da Igreja no mesmo contexto, ofereceu respostas e iniciativas, apoiadas por diversos organismos e departamentos da Comissão Episcopal da Pastoral Social e Promoção Humana, que se intensificaram, inspiradas tanto pela Doutrina Social da Igreja, como pelas recomendações do Papa Francisco na *Fratelli Tutti*. Segundo o já referido relatório, as respostas da Igreja desdobraram-se num leque de necessidades básicas como: uma resposta assistencial na resposta com os bens de primeira necessidade; a atenção telefónica e on-line, que permitiu acompanhar os mais necessitados, e acolher os seus problemas; o acompanhamento das pessoas em situação de fragilidade/vulnerabilidade, dando-lhes coragem e transmitir o sentimento de esperança no meio de um ambiente de solidão; promoveu-se a assistência espiritual, assim como, atividades pastorais por via telemática; sentiu-se um aumento do voluntariado, sobretudo com a presença de jovens; o trabalho em rede com os diversos grupos eclesiais, entidades civis e administração pública, assim como, uma coordenação com os organismos internacionais; verificou-se uma acentuação da sensibilização, incidência e denuncia das situações de injustiça e violação dos direitos; houve um esforço por tornar visível, nos meios de comunicação social, os sem voz. Também é importante destacar a preocupação pela pastoral dos ciganos, principalmente em tentar responder às necessidades familiares, tendo como prioritário detetar os casos de vulnerabilidade; a pastoral do Mar, através dos centros *Stella Maris* ofereceu-se, tanto à tripulação como aos marinheiros, assistência laboral, social e espiritual; no que respeita às migrações, surgiram iniciativas de acolhimento e orientações para as famílias que solicitaram asilo em situação de sem abrigo. Com isto, destaca-se a criatividade pastoral e uma preocupação, em tornar a Igreja próxima de todos, assim como o surgimento de Igrejas domésticas. Sentiu-se uma preocupação especial pelos idosos, em acompanhar os defuntos e respetivos familiares em estado de luto, assim como do surgimento das graves situações sociais e humanitárias<sup>156</sup>. Esta proximidade também se realizou pela criação de uma página online, que apresenta um mapa dividido da diocese, que ofereceu a toda a sociedade, uma panóplia de iniciativas de ajuda, assim como informação de todas aquelas que foram sendo desenvolvidas em cada

---

<sup>155</sup> Conferência Episcopal Espanhola, «Relatório da Comissão de Pastoral e Promoção Humana à Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Espanhola», 15 de novembro de 2020, s.p

<sup>156</sup> Cf. Conferência Episcopal Espanhola, «Reunión de los secretarios generales del CELAM, España e Italia sobre la crisis del COVID 19», acedido a 21 de junho de 2022, <https://www.conferenciaepiscopal.es/reunion-de-los-secretarios-generales-del-celam-espana-e-italia-sobre-la-crisis-del-covid-19/>.

“parcela diocesana”.<sup>157</sup> Estas ações centraram-se na ajuda espiritual, social, caritativo, assistencial e educativo, com foque bastante acentuado nos enfermos, idosos e vulneráveis. Também com a criação do *hashtag* #SomosIglesia24Siete, comunicava-se e a visibilidade a missão de uma Igreja permanente, isto é, 24 horas por dia, sete dias por semana, ao dispor de todos e independentemente da abertura ou não das igrejas físicas.

#### 2.4. Conferência Episcopal Portuguesa

Em Portugal, a primeira nota emitida pelo Conselho Permanente da Conferência Episcopal, é datada do dia 2 de março de 2020, que nos dá conta da situação provocada pelo Coronavírus apelando à «serenidade e ao incremento da prevenção nos cuidados de higiene». É feito o convite a seguirem «estritamente as indicações e normas da Direção Geral de Saúde». Nesta nota dão-se algumas orientações tais como: «a comunhão na mão, a comunhão por intinção dos sacerdotes concelebrantes, a omissão do gesto da paz e o não uso da água nas pias de água benta»<sup>158</sup>.

Onze dias depois, no dia 13 de março, a Conferência Episcopal emite um comunicado dando indicações, em concordância com as autoridades de saúde, para que «os sacerdotes suspendam a celebração comunitária da Santa Missa até ser superada a atual emergência»<sup>159</sup>. Na mesma data é pedido a suspensão dos encontros de catequese e reuniões dos agentes pastorais, assim como a sugestão de se oferecer transmissões das celebrações via televisão, rádio ou internet.

A Comissão Nacional de Justiça e Paz, faz referência ao tempo da pandemia como uma oportunidade ao desafio da solidariedade social. Uma solidariedade que se empenha em zelar pelo bem comum excluindo as ideias do “salve-se quem puder” ou do “cada um por si”<sup>160</sup>.

Em Fátima, no dia 25 de março de 2020, o Cardeal D. António Marto, presidiu à celebração da Consagração ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria,

---

<sup>157</sup> Cf. [www.iglesiasolidaria.es](http://www.iglesiasolidaria.es)

<sup>158</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Nota do Conselho Permanente da CEP sobre a situação provocada pelo Coronavírus», acedido a 16 de junho de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/nota-do-conselho-permanente-da-cep-sobre-a-situacao-provocada-pelo-coronavirus/>.

<sup>159</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Comunicado de imprensa sobre a pandemia do Convid-19», acedido a 16 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/covid-19-comunicado-da-conferencia-episcopal-portuguesa/>.

<sup>160</sup> Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, «Uma pandemia, um desafio solidário», acedido a 16 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/uma-pandemia-um-desafio-a-solidariedade/>.

entre bispos portugueses, espanhóis e de mais vinte países, que se quiseram juntar à mesma celebração, para orarem tanto pelas vítimas diretas e indiretas da pandemia, como também pelos profissionais de saúde, pelas autoridades e por todas as famílias.

D. António Marto, na sua intervenção refere sob o modelo de oração que,

nesta hora única de sofrimento, (Deus) ajude a sua Igreja, inspire os governantes das nações, ouça os pobres e aflitos, exalte os humildes e oprimidos, cure os enfermos e pecadores, levante os desanimados, livre os cativos e prisioneiros e livre-nos da pandemia que nos atinge.<sup>161</sup>

Com esta mentalidade, a igreja sente em si, como sempre, um chamamento à preservação da vida humana. Desta forma e, chegando à Semana Santa, a Conferência Episcopal Portuguesa, dita algumas orientações, tendo como base o Decreto datado de 19 de março, da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, para que se tenham em conta que:

a celebração dos mistérios litúrgicos do Tríduo Pascal, sem a participação física dos fiéis, aconteça no cumprimento das deliberações das autoridades civis e de saúde e segundo a real possibilidade; os Bispos darão indicações para que na Igreja Catedral e nas Igrejas paroquiais, mesmo sem a participação dos fiéis, o bispo e os párocos celebrem os mistérios litúrgicos do Tríduo Pascal, avisando os fiéis da hora de início que julgarem mais oportuna, de modo a que se possam unir em oração nas respetivas habitações; as transmissões das celebrações litúrgicas são em direto, não gravadas, aliás como tem acontecido; o Bispo Diocesano tem a faculdade de adiar a Missa Crismal para uma data posterior; o Bispo Diocesano decidirá o que achar oportuno em relação à celebração dos mistérios litúrgicos do Tríduo Pascal nos mosteiros, seminários e comunidades religiosas, assim como a possibilidade de transferir para datas mais convenientes as expressões de piedade popular e as procissões que enriquecem os dias da Semana Santa e do Tríduo Pascal<sup>162</sup>.

A 25 de março, a mesma Conferência Episcopal, convida todos os fiéis a assistirem, através dos meios de comunicação social, a oração *Urbi et Orbi* que se realizou na Praça de São Pedro, na cidade do Vaticano, presidida pelo Papa Francisco e, à qual se associou a possibilidade, de quem assistisse, de receber indulgência plenária<sup>163</sup>, segundo os critérios estabelecidos para a receber.

---

<sup>161</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Consagração de Portugal ao Imaculado Coração de Maria», acedido a 16 de setembro de 2023, <https://www.santuariodesantarita.pt/consagracao-de-portugal-ao-sagrado-coracao-de-jesus-e-ao-imaculado-coracao-de-maria/>.

<sup>162</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Comunicado sobre a Semana Santa», acedido a 16 de setembro de 2023, [https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/wpcontent/uploads/CEP\\_Comunicado\\_SemanaSanta\\_2020-03-20.pdf](https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/wpcontent/uploads/CEP_Comunicado_SemanaSanta_2020-03-20.pdf).

<sup>163</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Comunicado: Oração do Papa Francisco a 27 de março», acedido a 16 de setembro de 2023, [https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/wpcontent/uploads/CEP\\_Comunicado\\_OracaoPapa\\_27marco.pdf](https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/wpcontent/uploads/CEP_Comunicado_OracaoPapa_27marco.pdf).

No dia 6 de abril surge um despacho n.º 4235-D/2020, do Ministério da Administração Interna, o qual concede liberdade de circulação aos ministros de culto, aquando da colocação de «cercas sanitárias», com o intuito da não propagação do vírus. No entanto e, tendo em consideração os ministros do culto estarem ao abrigo do exercício da liberdade religiosa, não se aplica aos mesmos, o n.º 3 do artigo 6.º do Decreto n.º 2-B/2020, de 2 de abril:

quando o exercício do seu ministério implique deslocações urgentes para fora do concelho de residência habitual, nomeadamente com vista à participação em celebrações de cariz religioso e de outros eventos de culto que não impliquem uma aglomeração de pessoas, bem como em atos fúnebres ou em casamentos urgentes<sup>164</sup>.

Com o estender da pandemia para uma 3.ª fase do estado de emergência, os Bispos portugueses, enviaram uma mensagem de solidariedade a toda a população portuguesa ressaltando a,

sua atitude de cuidada prevenção ao longo desta situação; reconhece em particular a forma como os cristãos seguiram as normas e orientações da Santa Sé, da Conferência Episcopal e das Dioceses; exprime a sua oração pelas vítimas desta epidemia e seus familiares; está solidária com os doentes infetados e com os que estão na linha da frente como os profissionais de saúde, as forças de segurança e os que trabalham nos lares e outras instituições sociais; reconhece o papel de presença constante dos capelães hospitalares junto dos doentes, médicos, enfermeiros e demais auxiliares de saúde [...], o Conselho Permanente está a preparar orientações gerais, em diálogo com as autoridades governamentais e de saúde, para quando terminar esta terceira fase do estado de emergência, com a retomada possível e gradual das celebrações comunitárias da Eucaristia e outras manifestações culturais<sup>165</sup>.

No dia 8 de maio de 2020, a Conferência Episcopal Portuguesa, emanou uma série de orientações para a celebração do Culto público no contexto da pandemia Covid-19<sup>166</sup>. Neste documento é dado a conhecer que,

o novo coronavírus continua a propagar-se em Portugal, já que estamos ainda no início desta pandemia. Na parte que lhe cabe, a Igreja tem a grave responsabilidade de prevenir o contágio da enfermidade, em coordenação com as legítimas autoridades governativas e de saúde». Apesar desta realidade, os Bispos portugueses orientam as

---

<sup>164</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Covid-19 – Despacho do Governo: Circular Ministros de Culto», consultado a 16 de setembro de 2023, [https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/wpcontent/uploads/Covid19\\_DespachoGoverno\\_CirculacaoMinistr osCulto.pdf](https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/wpcontent/uploads/Covid19_DespachoGoverno_CirculacaoMinistr osCulto.pdf).

<sup>165</sup> Conferência Episcopal Portuguesa «Comunicado Conselho Permanente», acedido a 17 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/comunicado-do-conselho-permanente-da-cep/>.

<sup>166</sup> Cf. Conferência Episcopal Portuguesa «Orientações da Conferência Episcopal Portuguesa para a acelebração do culto público católico no contexto da pandemia Covid-19», acedido a 17 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/orientacoes-da-conferencia-episcopal-portuguesa-para-a-celebracao-do-culto-publico-catolico-no-contexto-da-pandemia-covid-19/>.

dioceses para a retoma da participação comunitária na Liturgia, pois não se poderá descorar de se protegerem contra a infeção. Por isso, a Conferência Episcopal Portuguesa convida todos os fiéis a fazerem por si próprios todos os possíveis para limitar esta pandemia e propõe algumas medidas de proteção que dimanam da caridade fraterna.<sup>167</sup>

Na sequência desta informação, no que respeita à retoma da participação dos fiéis na liturgia, a Conferência Episcopal Portuguesa, envia para todas as dioceses, as medidas gerais para os atos litúrgicos nos templos e os cartazes, para afixação, de modo a se proceder à prevenção dos cuidados de saúde pública na frequência das Eucaristias<sup>168</sup>.

A pandemia veio obrigar-nos a uma mudança repentina dos hábitos de vida como, o ensino à distância, cujo veio acentuar as desigualdades, pois nem todas as famílias dispõem dos necessários meios informáticos; o aspeto positivo de se recorrer ao teletrabalho que no futuro «pode permitir a uma fácil conciliação do trabalho com a vida familiar ou evitar deslocações com o inerente custo ecológico e económico<sup>169</sup>. Num tempo em que, na Assembleia da República, se discutia a aprovação da legalização da Eutanásia<sup>170</sup>, o mundo deparara-se com o objetivo fundamental de salvaguardar vidas humanas. Um acontecimento contraditório, desperta para o desafio de, em cada olhar humano, sentir-se a necessidade de se descobrir o valor inestimável da vida humana. A redescoberta do papel da família, como célula integrante da sociedade e de proteção, sobretudo em fases de apoio em situações difíceis, foram um fator denominador na pandemia. A consciência das palavras do Papa Francisco, proferidas na homilia da Oração *Urbi et Orbi*, de que «ninguém se salva sozinho», acabou por provocar um eco gigantesco nos ambientes mais diversificados e em vários cantos do mundo.

No entanto espera-se, que a pandemia tenha como consequência, nos anos seguintes, o despontar de uma crise económica e social, das quais brotarão desemprego, e o agravamento da pobreza atingindo níveis elevados, já notados pelos pedidos de ajuda à Cáritas. Deste modo será urgente repensar o sistema económico e social<sup>171</sup>.

---

<sup>167</sup> Conferência Episcopal Portuguesa «Orientações da Conferência Episcopal Portuguesa para a celebração do culto público católico no contexto da pandemia Covid-19».

<sup>168</sup> Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, «Cartazes da Direção Geral da Saúde», acessido a 17 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/cartazes-dgs/>.

<sup>169</sup> Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, «Recomeçar e reconstruir», consultado a 17 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/recomecar-e-reconstruir/>.

<sup>170</sup> Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, «Nota da Conferência Episcopal Portuguesa a propósito da reprovação do referendo sobre a Eutanásia», acessido a 17 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/nota-da-conferencia-episcopal-portuguesa-a-proposito-da-reprovacao-do-referendo-sobre-a-eutanasia/>.

<sup>171</sup> Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, «Recomeçar e reconstruir», acessido a 17 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/recomecar-e-reconstruir/>.

No dia 15 de agosto, a Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, enviou uma carta aos Presidentes das Conferências Episcopais da Igreja Católica salientando logo que,

as circunstâncias o permitam, é necessário e urgente retomar a normalidade da vida cristã, que tem o edifício igreja como casa e a celebração da liturgia, particularmente da Eucaristia, como o “cume para o qual tende a ação da Igreja e, simultaneamente, a fonte de onde promana toda a sua força”<sup>172</sup>.

Esta orientação tem, por detrás, um alerta para que «a devida atenção às normas higiénicas e de segurança, não pode levar à esterilização dos gestos e dos ritos, à indução, ainda que inconsciente, de receio e insegurança nos fiéis»<sup>173</sup>. No entanto esta carta relembra, um fundamento litúrgico da Constituição *Sacrosantum Concilium*, n.º 22, que «as normas litúrgicas não são matéria sobre a qual as autoridades civis possam legislar, mas são da exclusiva competência das autoridades eclesiais»<sup>174</sup>.

A 13 de novembro de 2020, a Conferência Episcopal Portuguesa, emanou um documento com diretrizes para a proteção de menores e adultos vulneráveis, de modo a comunicarem um renovado compromisso, para que tudo seja feito para que os fiéis, desde jovens crianças, jovens e, não descuidando dos adultos mais vulneráveis, tenham a possibilidade de encontrar na Igreja, um ambiente que não colocará em causa a sua proteção e, por outro lado, onde se possa oferecer um encontro com Deus, com a sua Palavra e com a sua presença viva tão real na Eucaristia e, como fruto desta experiência, possam transmitir a sua graça e beleza sem qualquer obstáculos<sup>175</sup>. No mesmo documento os Bispos portugueses demonstram a intenção de «promoverem condutas que assegurem a todos um ambiente absolutamente seguro, transparente, alegre e cheio de esperança»<sup>176</sup>. Nas diretrizes apresentadas podemos encontrar cinco pontos inspiradores, cujos tiveram em conta o Magistério pontifício: a renovação do encontro com Cristo; a necessidade de uma especial atenção para os menores e mais vulneráveis; a urgência da promoção de formações

---

<sup>172</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Voltemos com alegria à Eucaristia», acedido a 17 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/voltemos-com-alegria-a-eucaristia/>.

<sup>173</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Voltemos com alegria à Eucaristia».

<sup>174</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Voltemos com alegria à Eucaristia».

<sup>175</sup> Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, «Celebrar e viver a fé em tempo de pandemia – Nota da Conferência Episcopal Portuguesa», acedido a 23 de junho de 2022, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/celebrar-e-viver-a-fe-em-tempo-de-pandemia-nota-da-conferencia-episcopal-portuguesa/>.

<sup>176</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Celebrar e viver a fé em tempo de pandemia – Nota da Conferência Episcopal Portuguesa».

específicas para aqueles que tem contacto direto com menores e adultos vulneráveis; encontrar mecanismos eficazes para tratarmos dos casos de abuso sexual de menores e adultos vulneráveis e, dar prioridade à prevenção de tais abusos, não somente dentro do ambiente eclesial, mas também na sociedade civil da qual a Igreja faz parte.

No mesmo dia, a Conferência Episcopal Portuguesa emite um documento, direcionado à Igreja em Portugal, no qual estão enumerados os desafios pastorais em tempo de pandemia. Diz-nos o documento que,

a Igreja procura discernir desafios pastorais e lançar alguma luz sobre o que vivemos [...]. O primeiro desafio que se coloca à Igreja e ao mundo é saber “habitar este silêncio”. Só assim conseguirá ouvir Deus que nos deixou ficar “sem palavras”, bem como o grito da terra e o grito da Humanidade.<sup>177</sup>

Há claramente, por parte dos Bispos portugueses, uma consciência de que a saúde não é igual para todos, pois vive-se e morre-se em «barcos muito desiguais». A solidão marca a sociedade, principalmente aqueles que vivem sós. «A solidão mata», referem os Bispos no mesmo documento, não descorando a ideia de que se vive numa sociedade onde os mais vulneráveis como os idosos, são descartáveis. Uma mentalidade para a qual se deve lutar de modo a todos, em sociedade cultivarmos a proximidade, o encontro e cuidado para com o próximo. Uma sociedade inclusiva onde todos contam. Numa expressão bem realista fica claro, no documento, o apelo de que «devemos isolar de nós o vírus e não o idoso, tornando-o desumanamente solitário. Sentir-se solitário é, o equivalente social, a sentir dor física. Como alternativa a esta situação, é preciso ter em conta, que o lugar que leva a vencer a solidão é a família. O encerramento das igrejas às celebrações comunitárias lança o desafio às famílias a que sejam Igrejas domésticas, não esquecendo a diversidade de tipo de família, mas a Igreja, sendo modelo de mãe abraça a todos. O apelo dos Bispos surge como uma provocação à promoção, de famílias que cultivem no seu seio, uma autenticidade espiritual, por forma a celebrarem e viverem a liturgia da palavra em pleno lar, sendo este, um campo de cultivo espiritual. O desafio, neste sentido, é o de se criar «uma pastoral com as famílias»<sup>178</sup>.

Inspirados pela Encíclica *Fratelli Tutti*, a Conferência Episcopal Portuguesa, apela à construção de uma fraternidade universal relembrando as palavras do Santo Padre:

---

<sup>177</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Desafios pastorais da pandemia à Igreja em Portugal», acedido a 30 de junho de 2022,

[http://conferenciaepiscopal.pt/v1/wp-content/uploads/CEP\\_DesafiosPastoraisPandemia.pdf](http://conferenciaepiscopal.pt/v1/wp-content/uploads/CEP_DesafiosPastoraisPandemia.pdf).

<sup>178</sup> Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, «Desafios pastorais da pandemia à Igreja em Portugal».

«Sonhemos como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a sua própria voz, mas todos irmãos» (*Fratelli Tutti*, 8).

Para os Bispos portugueses outro desafio é o de a Igreja se apresentar e saber comunicar através dos ambientes digitais aproveitando o seu lado positivo de,

aproximar, partilhar, construir laços e até “tocar” o coração do irmão», mas ao mesmo é colocado o alerta de «não se deixar perder a relação pessoal que, mesmo com a ajuda do digital, é possível e prioritária. Nada substitui a presença real, a conversa pessoal, a voz, a palavra que mexe com os sentidos<sup>179</sup>.

A preocupação com o cuidado na formação dos cristãos surge como outro desafio, pois «muitos cristãos ainda são “analfabetos do Evangelho”». Percebendo a liturgia, o cristão, irá viver a sua fé de uma perspetiva surpreendente. Nesta ordem de ideias, a liturgia é evangelizadora. Nota-se a preocupação da Igreja, em Portugal, ter como prioridade o acolhimento dos últimos, isto é, os que vivem nas periferias, não somente geográficas, mas existenciais. Esta deverá continuar a ser uma urgência evangélica, segundo o documento. Nesta ordem de ideias, somos chamados a descobrir Cristo nos mais vulneráveis. É assim, no despertar das mentes e dos corações que se dá a sinodalidade, que no pensar do Santo Padre será, «o modo de ser Igreja!», uma “Igreja em saída” que bebe nas suas origens e onde todos caminham juntos (*Evangelii Gaudium*, 20-23).

No final do documento, os Bispos apelam para que os jovens, sejam acolhidos com o conhecimento das novas tecnologias, sendo não somente um auxílio, mas uma mais-valia para os mais velhos, mas também realçando a importância da participação dos jovens nas Jornadas Mundiais da Juventude, cujos devem ser agentes de evangelização, como salienta o Papa Francisco (*Christus Vivit*, 136-178).

Na nota da Conferência Episcopal, emitida após a realização da 199.<sup>a</sup> Assembleia Plenária, se pode constar o alerta que é feito, para que os fiéis tenham em conta os cuidados, após a realização dos atos litúrgicos dos sacramentos. Alerta para que, «este comportamento responsável deve ser vivido após as celebrações litúrgicas mais festivas (Batizados, Comunhões, Crismas e Casamentos), evitando sempre as concentrações fora

---

<sup>179</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Desafios pastorais da pandemia à Igreja em Portugal», acedido a 30 de junho de 2022, [http://conferenciaepiscopal.pt/v1/wp-content/uploads/CEP\\_DesafiosPastoraisPandemia.pdf](http://conferenciaepiscopal.pt/v1/wp-content/uploads/CEP_DesafiosPastoraisPandemia.pdf).

das igrejas e nas próprias casas»<sup>180</sup>, pois coloca em causa o repentino aumento das infeções e podem “deitar por terra”, todo o trabalho que foi feito até ao momento. Esta orientação é lembrada num comunicado de imprensa, feito por D. José Ornelas, Presidente da Conferência Episcopal Portuguesa, quando é colocado em causa as celebrações de Natal dentro das Igrejas. D. José Ornelas afirmou que tudo é feito para que «*seja seguro celebrar na igreja*» e apelou a que, fora do templo, as pessoas «*tenham não se afastar dessa lógica*», seguindo as indicações da Direção Geral da Saúde»<sup>181</sup>.

A 18 de novembro, sai uma mensagem dos Presidentes das Conferências Episcopais da União Europeia às Instituições europeias e aos Estados membros, reafirmando o compromisso da Igreja, em continuar a trabalhar nos valores fundadores da Europa, como os de «solidariedade, liberdade, inviolabilidade da dignidade humana, democracia, estado de direito, igualdade e defesa e promoção dos direitos humanos»<sup>182</sup>. Na sequência destes princípios é lembrado ainda que,

um elemento crucial para a Igreja em tantos Estados Membros durante a pandemia é o respeito pela liberdade de religião dos crentes, em particular a liberdade de se reunirem para exercer a própria liberdade de culto, no pleno respeito pelas exigências de saúde. Isto torna-se ainda mais evidente se se considera que as obras caritativas nascem e estão também enraizadas numa fé vivida.<sup>183</sup>

A fim de celebrar então o Natal, é publicada uma nota do Conselho Permanente que nos dá conta das orientações anunciadas pelas autoridades civis e sanitárias:

permitir às famílias algum reencontro e celebração comum das próximas festas do Natal. E fazemos nossa a recomendação que as acompanha: que a alegria da festa e dos encontros familiares seja acompanhada de todas as cautelas, de modo que às festividades não suceda nova vaga de contágios com os consequentes sofrimentos e lutos.<sup>184</sup>

Note-se que é, para a Igreja em Portugal, um momento de júbilo, tendo em conta que as orientações anunciadas, permitiram celebrar, em assembleia, não apenas nas manhãs

---

<sup>180</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Celebrar e viver a fé em tempo de pandemia», acedido a 24 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/celebrar-e-viver-a-fe-em-tempo-de-pandemia-nota-da-conferencia-episcopal-portuguesa/>

<sup>181</sup> Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, «Esclarecimento da Conferência Episcopal Portuguesa sobre a celebração do Natal», acedido a 24 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/esclarecimento-da-cep-sobre-a-celebracao-do-natal/>

<sup>182</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Reencontrar a esperança e a solidariedade», acedido a 24 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/reencontrar-a-esperanca-e-a-solidariedade/>

<sup>183</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Reencontrar a Esperança e a solidariedade».

<sup>184</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Celebrar o Natal em tempo de pandemia».

dos dias de Natal, do Domingo da Sagrada Família (27 de dezembro) e da Solenidade de Santa Maria Mãe de Deus (1 de janeiro), mas também na véspera desses dias festivos e na tarde dos dias de Natal e de Ano Novo<sup>185</sup>.

Após as celebrações anteriormente previstas, a Conferência Episcopal dá nota «da gravíssima situação» que se vive, em janeiro de 2021, tendo sido decretado um novo confinamento a iniciar a 15 de janeiro, não havendo alteração na prática das celebrações eucarísticas e exequiais, mantendo-se as orientações de 8 de maio de 2020, emanadas pela Direção Geral da Saúde. No que respeita às celebrações de Batismo, Crismas e Matrimónios, as mesmas foram suspensas ou adiadas para um momento oportuno, ou quando a situação sanitária o permitisse<sup>186</sup>. No que respeita às catequese, a orientação foi para que se continuasse em formato presencial, tendo em atenção as normas sanitárias já emanadas. Digamos que se tratou de “um sol de pouca dura”, nove dias depois tendo em conta que a situação epidemiológica se agravou, a Conferência Episcopal, vê-se na “obrigação” de suspender a celebração pública da Eucaristia a partir de 23 de janeiro de 2021, bem como a suspensão de catequese e outras atividades pastorais que impliquem contacto, até novas orientações. As Dioceses de Angra e Funchal, das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, respetivamente, tiveram “carta branca” para emanarem orientações próprias<sup>187</sup>. Tendo em atenção esta orientação e, já experienciado o uso dos meios digitais, é sugerido a transmissão das celebrações em direito por via digital.

Na nota da Conferência Episcopal, de 5 de fevereiro de 2021, a mesma congratula-se com o início da vacinação para a Covid-19 no país, confiando na adesão de todos ao processo, de forma que rapidamente se recuperasse da situação pandémica que estávamos a viver<sup>188</sup>. No entanto nota-se o apelo, por parte da Igreja em Portugal, para que se proceda a um processo de vacinação justo, cuidado e transparente, «começando pelos mais

---

<sup>185</sup> Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, «Celebrar o Natal em tempo de pandemia».

<sup>186</sup> Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, «Comunicado do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa sobre o novo confinamento», acedido a 24 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/comunicado-do-conselho-permanente-da-cep-sobre-o-novo-confinamento-c-audio/>

<sup>187</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Comunicado da Conferência Episcopal Portuguesa», acedido a 16 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/comunicado-da-conferencia-episcopal-portuguesa-2/>.

<sup>188</sup> Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, «Nota do secretariado geral da Conferência Episcopal Portuguesa sobre o processo de vacinação», acedido a 26 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/nota-do-secretariado-geral-da-cep-sobre-o-processo-de-vacinacao/>

vulneráveis, mas também pelas pessoas que, nas mais diversas instituições sociais e de saúde, são fundamentais para o seu funcionamento»<sup>189</sup>.

No comunicado da Comissão Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa dá-se nota do regresso das celebrações litúrgicas com a presença dos féis, a partir do dia 15 de março, tendo como ponto orientador, as orientações emitidas pela mesma no dia 8 de maio de 2020. Mais se observa na nota da Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos, datada de 17 de fevereiro de 2021, cuja apresenta algumas orientações para a vivência da Semana Santa<sup>190</sup>. Contudo, D. José Ornelas, após a Assembleia Plenária da Conferência Episcopal, que decorreu em Fátima, entre 12 e 15 de abril, deixa bem vincada, a ideia de que, também em Portugal, a pandemia expôs a vulnerabilidade dos que são económica e socialmente mais frágeis, entre os quais os sem abrigo, os desempregados e os imigrantes, mas igualmente os setores empresariais e culturais. Mostrou o esforço realizado pelas instituições públicas e privadas em atender às necessidades daqueles que mais necessitavam.

Quero sublinhar, mais uma vez, o papel dos que diretamente têm cuidado dos que foram afetados pela crise, não só nos hospitais e outros serviços públicos, mas também nas casas de família e nos lares de idosos, muitos dos quais são instituições da Igreja, bem como o precioso contributo das comunidades eclesiais na ajuda próxima a quem carece de bens essenciais à vida.<sup>191</sup>

No entanto, a Igreja em Portugal, olhando para o percurso realizado, vê a pandemia como uma provocação à renovação e à inovação dos meios utilizados no caminho da evangelização, isto é, como uma oportunidade de mudança de paradigma. Reforçando esta ideia, podemos olhar para as palavras de D. José Ornelas que nos diz o seguinte:

Uma das lições deste ano foi certamente a criatividade acrescida de grupos de leigos ativamente empenhados na busca de novos caminhos para a vida da Igreja, nos seus serviços de formação, catequese, ajuda solidária e missão. Fatores como a utilização de novos meios de comunicação e a necessidade de poupar as pessoas de mais idade permitiram rejuvenescer muitos desses serviços. Sem serem substitutos da presencialidade que a vida eclesial pressupõe, estes meios têm sido importantes para

---

<sup>189</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Nota do secretariado geral da Conferência Episcopal Portuguesa sobre o processo de vacinação».

<sup>190</sup> Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos, «Nota aos Bispos e às Conferências Episcopais sobre as celebrações da Semana Santa de 2021», acedido a 27 de setembro de 2023, [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccdds/documents/rc\\_con\\_ccdds\\_2021\\_settimanasanta-2021\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_2021_settimanasanta-2021_po.html).

<sup>191</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Palavras de abertura da 200.ª Assembleia Plenária», acedido a 26 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/palavras-de-abertura-da-200-a-assembleia-plenaria-da-cep/>.

prosseguir, em tempo de pandemia, o essencial da missão da Igreja que é de ser presença de Deus na vida das pessoas e da sociedade, a partir da sua Palavra, dos laços de comunhão e partilha fraterna, para transformar o mundo e abri-lo à totalidade da vida que apenas o próprio Deus pode dar.<sup>192</sup>

Nesta perspetiva, nota-se um sentimento de esperança, tendo em conta a melhoria do estado do país, pois as vacinas acabaram por, em certa medida, fazer ressurgir a esperança de uma normalização da vida social e económica<sup>193</sup>.

Os Bispos de portugueses, colocam a sua atenção em dois documentos, publicados anteriormente pela mesma e, que ajudarão na concretização de linhas de orientação, para a Igreja em Portugal, no pós-pandemia: o primeiro, «Recomeçar e reconstruir: Reflexão da Conferência Episcopal Portuguesa sobre a sociedade portuguesa a reconstruir depois da pandemia Covid-19» e, o segundo, «Desafios pastorais da pandemia à Igreja em Portugal»<sup>194</sup>.

Apesar dos avanços e recuos das normas sanitárias, da vacinação e, de no início do ano de 2021, a Igreja em Portugal, se ter visto condicionada a abdicar das celebrações com a presença dos fiéis, em função de um trabalho pelo zelo e proteção para com todos, há notícias no mês de setembro, de que o retomar de uma vida “quase normal” estaria à vista, pois foi comunicado que,

tendo em conta a situação atual da evolução da pandemia, continuaremos a realizar as nossas celebrações e atividades pastorais com os devidos cuidados sanitários e de segurança, quanto à higienização, uso de máscaras e razoável distanciamento. Recomendamos que, com os devidos cuidados e observância das normas, sejam dignificadas as exéquias cristãs e se realizem as procissões e outras atividades pastorais, como a catequese e outros encontros.<sup>195</sup>

Uma perspetiva muito positiva também para um país que tinha o olhar posto, tanto na chegada dos Símbolos (Cruz e Ícone de Maria), a Portugal, com também no início da peregrinação dos mesmos, pelas dioceses portuguesas a partir do mês de novembro<sup>196</sup>.

---

<sup>192</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Palavras de abertura da 200.ª Assembleia Plenária».

<sup>193</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Comunicado final da 200.ª Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa», acedido a 26 de setembro de 2023

<sup>194</sup> Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, «Palavras de abertura da 200.ª Assembleia Plenária», acedido a 26 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/palavras-de-abertura-da-200-a-assembleia-plenaria-da-cep/>

<sup>195</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Comunicado da reunião do Conselho Permanente», acedido a 26 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/comunicado-da-reuniao-do-conselho-permanente-da-cep/>

<sup>196</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Comunicado da reunião do Conselho Permanente».

É a 30 de setembro, que a Conferência Episcopal Portuguesa, emite uma série de orientações, tomadas em conjunto com as entidades governamentais e, tendo presente os direitos à liberdade religiosa, que finalmente, dão conta de um ligeiro alívio da vida litúrgica, sempre com o apelo à coresponsabilidade de cada um:

Em relação às nossas assembleias litúrgicas, que são o coração pulsante da vida de fé, geradoras da comunhão eclesial e dinamizadoras do serviço e da missão, tendo em conta a evolução contextual, é tempo de ir retomando uma maior participação dos fiéis, abrandando de forma ponderada os distanciamentos e os limites impostos à lotação das nossas igrejas. Entretanto, as outras medidas de proteção – higienização das mãos e uso da máscara – devem manter-se<sup>197</sup>.

No final do ano de 2021 e, com o surgimento de uma nova variante da Covid-19, *Omicron*, surge um novo apelo dos Bispos portugueses, para que houvesse um cuidado redobrado colocando em prática, sempre que necessário, as medidas de proteção nos espaços litúrgicos, tais como o distanciamento, a higienização e o uso da máscara, previsto nas normas anteriormente usadas<sup>198</sup>, mas que o regresso ao cancelamento das atividades litúrgicas com a presença dos fiéis, estaria colocada de parte.

---

<sup>197</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Orientações da Conferência Episcopal Portuguesa sobre a liberdade responsável no culto e nas atividades pastorais», acessado a 26 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/orientacoes-da-conferencia-episcopal-portuguesaliberdade-responsavel-no-culto-e-nas-atividades-pastorais/>

<sup>198</sup> Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, «Comunicado do Conselho permanente da Conferência Episcopal Portuguesa», acessado a 26 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/comunicado-do-conselho-permanente-da-cep-lisboa-11-de-janeiro-de-2022/>

### 3. A PANDEMIA COMO OPORTUNIDADE: UMA APROXIMAÇÃO CONTEXTUALIZADA

#### 3.1. A pandemia uma oportunidade de viragem

A pandemia, provocada pelo vírus SARS-COV-2, veio apanhar o mundo de surpresa, mostrando a vulnerabilidade de todas as estruturais humanas e sociais. O ser humano acabou por conhecer a sua vulnerabilidade perante o inesperado e, por outro lado, acabou por ser, um desafio de mudança de paradigma, nos vários estratos da sociedade: económico, social e religioso. No pensamento de Leonardo Boff,

a pandemia do coronavírus nos revela que o modo como habitamos a casa comum é nocivo à sua natureza. A lição que nos transmite soa: é imperioso reformatar a nossa forma de viver sobre ela, enquanto planeta vivo [...]. Caso contrário, a própria Terra irá se livrar de nós, seres excessivamente agressivos e maléficos ao sistema-vida.<sup>199</sup>

A pandemia fez parar o planeta, que vivia no frenesim da globalização, e obrigou a uma reflexão sobre a urgência de se desenvolver práticas económicas, políticas e sociais, por forma a dar respostas positivas a um planeta que se mostra doente com os abusos cometidos a todos os níveis. Uma situação a que Boaventura de Souza Santos chamou «a cruel pedagogia do vírus»<sup>200</sup>.

Para o Papa Francisco, ao falarmos do «meio ambiente», temos a tendência de separar a relação entre a natureza e a sociedade que a habita. Esquecemos que também somos parte da natureza que habitamos e, nesta ordem de ideias, somos parte integrante desta natureza. Então, quando falamos da crise, não podemos distinguir entre uma crise ambiental e uma crise social. Aos olhos de Francisco podemos olhar para a pandemia como uma crise socioambiental (*Laudato Si*, 138-142). É a partir deste ponto de vista que, Alexandre Martins faz submergir o ensino social católico, desenvolvido pelo Papa Francisco, a *in-crise* e a *out-crise*, a crise que não é tão visível, com carácter latente, que acaba camuflada. Mas por outro lado a pandemia veio realçar uma *out-crise*, isto é, colocar a descoberto o que se vive numa sociedade de injustiças, onde o vulnerável nem sempre tem o seu lugar, e é muitas vezes esquecida a sua dignidade. Esta *out-crise*, ao colocar a descoberto estas situações, acaba também por se apresentar como um lugar

---

<sup>199</sup> Ribeiro, «A pandemia vista no contexto das necropolíticas e das espiritualidades libertadoras», 45.

<sup>200</sup> Ribeiro, 42-43.

de diálogo, tempo de oportunidade, reconstrução e reconfiguração, de uma sociedade mais equitativa, onde todos contam, tem o seu lugar e a sua dignidade, defendida pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, que refere que todos «nasceram livres e iguais e dignidade»<sup>201</sup>.

Uma perspetiva desta desigualdade que se viveu na pandemia nos é comunicada através de Pedro Vaz Patto, que nos diz que,

a União Europeia confronta-se hoje com aquele que é talvez o maior desafio da sua história: no combate à pandemia e à crise económica e social, deve agir como verdadeira comunidade, e não como simples conglomerado de interesses contrapostos em busca de compromissos<sup>202</sup>.

O inesperado acontecimento, acabou por provocar reações de defesa e, despertou várias medidas quer propostas, quer impostas, que tentaram, num primeiro momento, zelar pela segurança de todos, perante um ser invisível e que estaria por todo o lado. Este dado despertava uma sensação, cada vez maior, de insegurança perante o imprevisível. Foi óbvio o sentimento de descontrolo, a dado momento, nos líderes políticos da União Europeia, face à pandemia, como comenta Carlo Blengini:

Em março do ano passado [2020], emergiu um dramático momento de crise de solidariedade entre parceiros europeus: chocou-nos assistir às decisões dos Estados membros da EU, cada um por sua conta, que bloqueavam nas suas fronteiras carregamentos de material de proteção individual contra o coronavírus para ficarem com os equipamentos.<sup>203</sup>

Havia decisões a tomar, sobre esta situação, em que a Europa tinha de se mostrar unida face a um acontecimento mundial. Estes comportamentos criaram logo reação por parte da presidente da Comissão Europeia, Ursula Von der Leyen que, segundo Blengini, deu um “murro na mesa”, «chamando à atenção os parceiros ao fundamental: não existem fronteiras internas na União Europeia; os parceiros têm de se ajudar reciprocamente, ainda mais em momentos de necessidade»<sup>204</sup>.

Por outro lado, na Encíclica *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco, tem uma visão muito realista sobre o que está a acontecer nos mais diversos estratos sociais, assim como as

---

<sup>201</sup> Organização das Nações Unidas, «Declaração Universal dos Direitos Humanos», Artigo 1, acedido a 22 de dezembro de 2020, [https://www.ohchr.org/en/udhr/documents/udhr\\_translations/por.pdf](https://www.ohchr.org/en/udhr/documents/udhr_translations/por.pdf).

<sup>202</sup> Pedro Vaz Patto, «Novo Fôlego para a Europa?», *Nova Cidade* (abril 2021): 3.

<sup>203</sup> Carlo Blengini, «O Projeto Europeu é mais forte do que a Crise», *Nova Cidade* (abril 2021): 12.

<sup>204</sup> Blengini, 12.

consequências que estão no porvir da mesma. O pensamento de Francisco, acaba por ser um mote criado pela Comissão #daretocare, que refere que as orientações do Sumo Pontífice,

transmite-nos que estamos a assistir a um mundo que está a viver uma crise económica global, uma crise racial global, uma crise humanitária global. Esta crise requer uma nova resposta, uma nova perspetiva e, pensamos que o cuidar deve ser essa perspetiva<sup>205</sup>.

O cuidar é um verbo a ter em conta em todo este processo, de delinear prioridades face às nossas vidas, às vidas das comunidades e também das políticas. A prática do cuidar, ao contrário da mentalidade do descartável, nos ajuda a perceber que o futuro, tanto da humanidade como de cada ser humano, está na fraternidade universal. Nesta visão a pandemia surge como uma lição e uma exigência, para um ponto de viragem nos mais variados sectores sociais, económicos e políticos. Só se poderá sair da pandemia com um compromisso de oportunidades, pelas quais, nos tornaremos melhores, fruto das aprendizagens e dos erros cometidos no passado.

Em vários pontos da Encíclica *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco aponta caminhos como veículos de mudança num pós-pandemia. Será preciso combater a cultura mundial do descartável, na qual «as pessoas já não são vistas como um valor primário a respeitar e a tutelar, especialmente se são pobres ou deficientes, se ‘ainda não servem’ (como nascituros) ou ‘já não servem’ (como os idosos)» (*Fratelli Tutti*, 18). Nesta linha de pensamento, condena totalmente o desprezo pelos mais vulneráveis, que são muitas vezes usados pelas formas populistas, para atingirem os seus próprios interesses e, por outro lado são vítimas de alternativas liberais, que os colocam à mercê dos interesses económicos dos mais poderosos (*Fratelli Tutti*, 9-55). Em continuidade a esta ideia, Francisco propõe que se promova uma «cultura do encontro», em contraposição à «cultura do confronto». Ainda na mesma ideia, reforça que é necessário «repensar os nossos estilos de vida, as nossas relações, a organização das nossas sociedades e sobretudo o sentido da nossa existência» (*Fratelli Tutti*, 33). Neste sentido, para o Santo Padre, o caminho que contribui para uma viragem realista, consiste na caridade que é, por si só, o amor em movimento, em prol de um outro e, que por sua vez, gera um nós. É neste abraço, gerado pela caridade, que as sociedades farão submergir uma mudança nos corações humanos, que colocam por terra uma política que fomenta uma cultura individualista, cuja preocupação será sempre os

---

<sup>205</sup> Comissão #daretocare, «#DaretoCare», *Nova Cidade* (abril 2021): 24.

interesses económicos e o alimentar dos que já tem poder. Neste sentido, tendo presente a Doutrina Social da Igreja, na Encíclica *Fratelli Tutti*, o Sumo Pontífice, apresenta a caridade como um caminho para o desenvolvimento do amor social que é, por si só, uma «força capaz de suscitar novas vias para enfrentar os problemas do mundo de hoje e renovar profundamente, a partir do interior, as estruturas, organizações sociais, ordenamentos jurídicos» (*Fratelli Tutti*, 183). Francisco coloca-nos no caminho de soluções que, passam sobretudo pela «criação de organizações mundiais mais eficazes, dotadas de autoridade, para assegurar o bem comum mundial, a erradicação da fome e da miséria e a justa defesa dos direitos humanos fundamentais» (*Fratelli Tutti*, 172), relembra ainda, que será necessário reformar a Organização das Nações Unidas e, por outro lado, reformar a conjuntura económica e financeira internacional. Contudo, para o Papa, a solução está no princípio de subsidiariedade, inseparável do princípio de solidariedade, que «garante a participação e a ação das comunidades e organizações de nível menor, que integram de modo complementar, a ação do Estado» (*Fratelli Tutti*, 175).

A procura de respostas e de um antídoto, que fizesse prevalecer a imunidade de cada ser humano, foi o desafio colocado, desde o primeiro momento, à ciência exercida nos laboratórios farmacêuticos de todo o mundo. Enquanto isto, a forma encontrada, como resposta emergente, ao vírus SARS-COV-2, foram as medidas de contenção ao vírus, apresentadas pela Organização Mundial da Saúde.

## **3.2. Uma abordagem contextual**

### **3.2.1. Contexto Económico**

Com a pandemia a espalhar-se por todo o planeta, acabou também por gerar se uma crise no sistema económico, que poderia já ter sido “consertada” anteriormente. Podemos realçar a crise financeira que decorreu nos anos de 2007 e 2008, como uma oportunidade do paradigma económico, que poderia ter sido aproveitada para se gerar uma nova economia, assente em princípios éticos e com novas regulamentações, no que respeita ao sector financeiro (*Fratelli Tutti*, 170). Naquela altura, já se havia percebido dos critérios obsoletos que governavam o mundo e que, infelizmente, continuaram a governar. Isto veio a comprovar-se com a pandemia, como podemos verificar na ideia de Ladislau Dowbor, partilhada por Cláudio de Oliveira Ribeiro:

a pandemia revelou que o sistema económico no qual a sociedade está estruturada, mesmo com as variações entre os países e continentes, não atende às demandas da dignidade humana e dos direitos básicos das pessoas.<sup>206</sup>

Este modelo económico neoliberal, conduz a sociedade à vivência de um maior individualismo, e provoca uma maior competitividade que, por sua vez, gera uma sociedade afastada, tanto do sentimento da solidariedade, como do sentimento da empatia, tão necessário no combate face à pandemia. A permanência no modelo neoliberal, transforma cada ser humano num instrumento de produção e não de cuidado ou, como algo a preservar.

O Papa Francisco denuncia as políticas neoliberalistas afirmando que,

o mercado, por si só, não resolve tudo, embora, às vezes, nos queiram fazer crer neste dogma de fé neoliberal. Trata-se de um pensamento pobre, repetitivo, que propõe sempre as mesmas receitas perante qualquer desafio que surja. O neoliberalismo reproduz-se sempre igual a si mesmo [...] não resolve a desigualdade, sendo, esta, fonte de novas formas de violência que ameaçam o tecido social (*Fratelli Tutti*, 168).

É nesta mesma linha de pensamento que Han refere, que o regime neoliberal «singulariza as pessoas», e nos diz ainda, que «o regime neoliberal apropria-se da própria pessoa e transforma-a num centro de produção de eficiência superior. Deste modo a pessoa é incorporada no processo de produção»<sup>207</sup>. Para o filósofo, uma sociedade baseada na produção, acaba por se deixar dominar pelo medo da morte e, é através da acumulação de capital, que acabam por sentir que estão defendidos contra a morte. Na mesma linha, também surge o pensamento de Alexandre Martins, que comunga da ideia de João Nunes, quando realça que os modelos sociais e culturais atuais acentuam o individualismo e a competitividade nas relações humanas e, por sua vez, acabam por levar à «destruição de redes de solidariedade e empatia essenciais ao esforço conjunto que a resposta à COVID-19 tornou necessário»<sup>208</sup>. Para o Papa Francisco, a crise económica já não surge como uma novidade, pois já havia alertado com as encíclicas, *Laudato Si* e *Fratelli Tutti*, para o risco iminente de uma crise a todos os níveis, manifestando a necessidade de um profundo discernimento no tempo presente para a realidade necessitada de uma “revolução”, tendo presente a Doutrina Social da Igreja, como o balsamo para uma sociedade inspirada na igualdade de direitos e, tendo presente os mais fragilizados, como forma de romper

---

<sup>206</sup> Ribeiro, «A pandemia vista no contexto das necropolíticas e das espiritualidades libertadoras», 45.

<sup>207</sup> Cf. Han, *Do desaparecimento dos Rituais*, 16, 26, 54.

<sup>208</sup> Martins, «Desafios é ticos de uma crise mundial», 27.

protocolos, preconceitos e com doutrinas consolidadas<sup>209</sup>. Na Encíclica *Laudato Si'*, Francisco é a voz que comunica e denuncia o grande clamor do planeta e dos pobres. Para Tiago Correia, é fundamental termos consciência que,

há cada vez mais sinais e menos dúvidas de que a pressão simultânea dos países asiáticos e ocidentais sobre os recursos naturais é incontrolável para o planeta e que mudanças terão de acontecer nas expectativas de consumo e estilos de vida<sup>210</sup>.

Por outro lado, o Papa Francisco sublinha que,

a fragilidade dos sistemas mundiais perante a pandemia evidenciou que nem tudo se resolve com a liberdade de mercado e que, além de reabilitar uma política saudável que não seja sujeita aos ditames das finanças, devemos voltar a pôr a dignidade no centro e sobre este pilar devem ser constituídas as estruturas sociais alternativas de que precisamos (*Fratelli Tutti*, 168).

Diz-nos ainda, o Sumo Pontífice, que «a economia não pode mais recorrer a remédios que são um novo veneno, como quando se pretende aumentar a rentabilidade reduzindo o mercado de trabalho e criando assim excluídos» (*Evangelii Gaudium*, 204). Para Francisco, a economia individualizada e, concentrada nos lucros, acaba por ter repercussões graves no que respeita ao sistema ecológico. Colocam-se em risco os futuros recursos e a saúde ambiental, em prol do aumento de produção, colocando em perigo e em vias de extinção, grande parte das cadeias ecológicas (*Laudato si'*, 23-26). Este «modelo económico mata» e, leva à exclusão do outro como um mero instrumento que fica sujeito, a qualquer momento, à «globalização da indiferença e à cultura do descartável» (*Laudato si'*, 16). O Santo Padre relembra, o quanto a sociedade está esvaziada de rostos e de nomes, que personificam uma sociedade e, fruto desta economia, acabam identificados como meros recursos humanos, que não têm rosto nem nome, vendo apagada a sua identidade, em prol de um modelo económico, que absorve e reduz a dignidade das pessoas. Vemos uma crítica acentuada do Papa a este modelo económico, quando nos diz que, o modelo económico atual, cultiva o individualismo radical e este, é o vírus mais difícil de vencer. E a pandemia veio colocar a descoberto este flagelo. O intuito do Papa Francisco, é precisamente despertar consciências, para depois criar a unidade já perdida a fim de

---

<sup>209</sup> Cf. João Décio Passos, «Fratelli Tutti: uma Encíclica renovadora sobre as coisas novas e urgentes», *Horizonte* 19, n.º 59 (2021): 783-790, <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2021v19n59p782>.

<sup>210</sup> Tiago Correia, «Desigualdades Sociais e Pandemia», em *Um olhar sociológico sobre a crise COVID-19 em Livro*, ed. Renato Carmo, Inês Tavares, Ana Cândido (Lisboa: Observatório das Desigualdades, 2020), 29.

provocar um novo vigor, capaz de desenvolver uma cultura do cuidado e, ao mesmo tempo, uma espiritualidade ecológica<sup>211</sup>.

Vários foram os sectores da economia que foram afetados pela pandemia, como o sector do turismo, empresas de cruzeiros e transportes aéreos, a hotelaria e restauração. Com isto a pandemia acaba por se mostrar como uma bola de neve que, muito rapidamente se transformou numa avalanche, levando à sua frente o sector económico e os seus respetivos trabalhadores. Contudo, esta situação aparentemente desastrosa, surge também como uma oportunidade na construção de um novo caminho. É claro que se trata de um caminho que se vai construindo na lentidão, mas sempre tendo presente três verbos: renovar, inovar e reinventar. É óbvio que perante esta situação, será sempre necessária, ter presente a reconstrução da confiança dos consumidores nas várias frentes do sector económico<sup>212</sup>.

### **3.2.2. Contexto Social**

A situação de isolamento social, acabou por despontar situações problemáticas a vários níveis: mental, familiar, ainda para mais, nas zonas periféricas de vários países e continentes, onde se viveram em situações precárias, e ainda, aquelas pessoas que viveram em pleno estado de vulnerabilidade agravada pelas doenças crónicas já adjacentes:

[Os] tempos de incerteza podem, por um lado, rebentar com os muros erigidos em tempo onde reina a ideia de que as coisas são assim porque são, ou por outro lado, podem revelar uma dinâmica parecida com a de um regime ditatorial, obrigando à existência de uma verdade conveniente é estrutura, impedindo a crítica e recorrendo à ideia de estado de emergência, para além aumento ou a geração de desigualdades – o que já se vislumbra com a pandemia provocada pela COVID-19, com os mais pobres a ficarem numa situação muito mais precária daquela que já viviam antes<sup>213</sup>.

O sociólogo António Firmino da Costa observou ainda, quanto aos efeitos da pandemia:

[No] imediato, as evidências apontam, infelizmente, para o agravamento das desigualdades sociais no mundo e, na maior parte dos casos, em cada país. Primeira constatação: os mais desfavorecidos e vulneráveis estão a ficar ainda mais

---

<sup>211</sup> Faustino Teixeira, «Francisco y el desafio esencial del resurgimiento» 19, n.º 59 (2021): 491-492, <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/issue/view/1323>.

<sup>212</sup> Rodolfo Coppel, «A visibilidade limitada, um plano é mais necessário do que nunca» *Revista UNO* 34 (2020): 42, <https://www.revista-uno.com.br/numero-34/>.

<sup>213</sup> Pimenta *et al.*, 7.

desfavorecidos e mais vulneráveis. Não se encontram praticamente exemplos de sentido contrário<sup>214</sup>.

Um exemplo que veio ainda acentuar uma das grandes preocupações sociais, foi o facto de a violência doméstica se agravar pelo isolamento social, que levou milhões de pessoas às suas casas e transformá-las em ambientes laborais e, ao mesmo tempo, em certas situações, a partilharem o espaço comum com os agressores. Neste contexto podemos dizer, mais uma vez, que a pandemia veio colocar-nos à prova e, por conseguinte, mostrar o lado desumano das desigualdades sociais, colocando a descoberto o ser humano e a plena desorientação face aos atuais paradigmas. Podemos notar que a prioridade fundamental, em tempo de pandemia, deveria passar pela superação da vulnerabilidade de milhões de pessoas que vivem sem condições nem tampouco com dignidade.

A solidão foi um sentimento vivido por muitos, no entanto a resposta desta solidão passava pela ideia de que «estar longe passou a ser um ato de cuidado e afeto»<sup>215</sup>. No final de contas, todos experimentaram a vulnerabilidade, cada um à sua medida. Como nos diz José Maia, ao falar-nos da família nos tempos de hoje, «vivemos numa sociedade que quer ser inclusiva, mas tem tiques que mascaram a indiferença ou formas subtis de exclusão»<sup>216</sup>. Já para o Papa Francisco, «a sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos»<sup>217</sup>. No entender do Santo Padre, estamos mais sós neste mundo, onde se privilegia os interesses pessoais e, se vai desvanecendo a dimensão comunitária, tão útil à dimensão humana e social de cada um. Cada ser humano é ser de relação. Fechar-se em si, é degradar-se na região sombria da vida, que todos conhecemos como solidão. E é certo, a solidão coloca-nos no caminho da autodestruição e, por conseguinte, no caminho da morte. O caminho para o rejuvenescimento social passará, sem sombra de dúvidas, pela solidariedade, que por sua vez, desperta o sentido de pertença<sup>218</sup>.

O negacionismo veio despertar reações irracionais, perante um ambiente desolador e confuso, em que viveu a maior parte do globo terrestre. Semearam o desrespeito ao sistema das medidas preventivas (isolamento social, uso de máscara, higienização das mãos, distanciamento social etc.), acabando por resultar numa sabotagem cultural e social<sup>219</sup>.

---

<sup>214</sup> António Costa, «Desigualdades Sociais e Pandemia», em *Um olhar sociológico sobre a crise COVID-19 em Livro*, ed. Renato Carmo, Inês Tavares, Ana Cândido (Lisboa: Observatório das Desigualdades, 2020), 6.

<sup>215</sup> Ribeiro, «A pandemia vista no contexto das necropolíticas e das espiritualidades libertadoras», 45.

<sup>216</sup> José Maia, «O Patinho Feio ou o Lindo Cisne», *Nova Cidade* (abril 2021): 4.

<sup>217</sup> Righi, «Pandemia e Civilização: Reflexões sobre Religiosidade Latente dos Contágios», 83.

<sup>218</sup> Cf. Duque, «Religião, imunidade e hospitalidade» 49.

<sup>219</sup> Cf. Righi, «Pandemia e Civilização: Reflexões sobre Religiosidade Latente dos Contágios», 91.

No entanto, não podemos esquecer, que a pandemia foi um tempo desafiador e disciplinador, no qual todos beberam da mesma vulnerabilidade. A resposta à pandemia, provocada pelo SARS-COV-2, não foi a mesma em todo o globo. Alguns países conseguiram ter uma melhor resposta ao avanço do vírus, protegendo assim os mais vulneráveis melhor que outros países<sup>220</sup>. Tudo seria facilitado, se tivéssemos em conta que, quanto maior for o respeito pelo indivíduo, menor será o seu estado de vulnerabilidade nos diferentes contextos<sup>221</sup>. Nesta visão, podemos ter presente o que nos diz José António Llorente, «durante anos, talvez séculos, não nos sentimos tão desamparados, nem tão frágeis, nem provavelmente tão comprometidos e solidários como agora»<sup>222</sup>.

Tal como nos outros sectores, também no quadro social, a pandemia coloca a descoberto uma crise (*in-crise*), como foi referido anteriormente, já acontecia diariamente naqueles que «sofrem e morrem com a injustiça socioeconómica, a pobreza, a fome, o desemprego, a falta de acesso à saúde, as tragédias ecológicas que afetam os mais vulneráveis, o racismo, o sexismo e as guerras». É também, neste sentido social, que a *out-crise* permite mergulhar na *in-crise* e, deste modo, se poderá criar um antídoto eficaz para que o antigo normal não retorne, mas abra novos horizontes e, faça emergir uma nova realidade, na qual todos contam e todos têm o seu lugar<sup>223</sup>. É nesta dimensão que podemos citar o que nos afirma Rogério Reis quando nos diz que, «o reconhecimento da própria vulnerabilidade é o ponto de partida para uma construção maior, possibilitando a superação das próprias fragilidades»<sup>224</sup>. É também o que nos diz Maurício Righi; «as épocas de crise, como a nossa, abrem-se oportunidades inéditas de reflexão sobre os modelos vigentes, a sua adequação, razoabilidade e justiça»<sup>225</sup>. Neste sentido, será muito positivo, apresentar as tendências que surgiram ao longo da pandemia, como forma de solucionar, de forma positiva, a resposta face às várias dificuldades sociais, que foram surgindo com o decorrer do tempo. Assim, Ana Ariño, afirma que «não foram somente os contágios que dispararam mas também as desigualdades», mas vai mais além, realçando que ao longo da pandemia, foram surgindo soluções como: o teletrabalho, como forma de «descentralizar a atividade económica e potenciar uma mistura de usos mais diversificada», que por sua vez ajuda a

---

<sup>220</sup> Cf. Martins, «Desafios éticos de uma crise mundial»,16.

<sup>221</sup> Cf. Talita Morais, Pedro Monteiro, «Conceitos de vulnerabilidade humana e integridade individual para a bioética», *Revista Bioética* 25, n.º 2 (2017): 316, <http://dx.doi.org/10.1590/1983-80422017252191>.

<sup>222</sup> José Llorente, «O futuro que seremos» *Revista UNO* 34, (2020): 9, <https://www.revista-uno.com.br/numero-34/>.

<sup>223</sup> Cf. Martins, «Desafios éticos de uma crise mundial», 33-34.

<sup>224</sup> Morais, Monteiro, «Conceitos de vulnerabilidade humana e integridade individual para a bioética», 316.

<sup>225</sup> Righi, «Pandemia e Civilização»,76.

reduzir o tráfego; a adaptação dos escritórios às novas medidas de saúde e, por conseguinte, ao distanciamento social e à redução dos atendimentos presenciais; a cooperação social dos cidadãos, através do surgimento de «milhares de projetos de assistência a vizinhos»; a adoção de soluções digitais, que proporcionaram um contacto com as operações bancárias e comerciais, teleconsultas, com o intuito de favorecer a continuidade da vida social<sup>226</sup>. Numa época pandémica, abdicar do digital, seria muito prejudicial. O digital foi necessário, não só para manter postos de emprego, laços de ajuda, mas também para que todos os sectores sociais se pudessem reinventar. É preciso termos presente, a criação de plataformas digitais, que contribuíram para o ensino à distância, que permitiram aos países da União Europeia darem continuidade ao ano letivo escolar. Por outro lado, os vários sectores económicos e administrativos, foram rapidamente reorganizados com recurso maciço ao teletrabalho. O comércio eletrónico aumentou significativamente. No que respeita às relações familiares, sociabilidade, estas multiplicaram-se no recurso às videochamadas<sup>227</sup>.

O Sistema de Saúde surge muito fragilizado e vulnerável face à exigência de respostas necessárias em tempos de pandemia. Com isto, notamos um Sistema que não se encontra adaptado à realidade epidemiológica, social e demográfica dos países europeus. A falta de recursos humanos, sobretudo de profissionais de saúde, e o desequilíbrio na organização e divisão do trabalho, entre grupos profissionais, geraram um ponto fraco da resposta dos Sistemas de Saúde no decorrer da pandemia. Uma das soluções mais eficazes para responder às preocupações no momento da pandemia, foram o da criação de uma rede protocolar público-privadas. No entanto para Tiago Correia «a capacidade dos sistemas de saúde para lidar com a magnitude de contágios que tivemos com o SARS-CoV-2 será sempre limitada»<sup>228</sup>. Por outro lado, os materiais de autoproteção como máscaras, desinfetantes, esgotaram com muita facilidade, o que contribuiu para um rápido aumento do preço, levando ao crescimento das desigualdades na aquisição de tais materiais. Além do mais os mesmos tardaram em vir.

---

<sup>226</sup> Cf. Ana Ariño, «O futuro das cidades pós-COVID19» *Revista UNO* 34 (2020): 46, <https://www.revista-uno.com.br/numero-34/>.

<sup>227</sup> Cf. António Costa, «Desigualdades Sociais e Pandemia», em *Um olhar sociológico sobre a crise COVID-19 em Livro*, ed. Renato Carmo, Inês Tavares, Ana Cândido (Lisboa: Observatório das Desigualdades, 2020), 10-11.

<sup>228</sup> Tiago Correia, «Desigualdades Sociais e Pandemia», em *Um olhar sociológico sobre a crise COVID-19 em Livro*, ed. Renato Carmo, Inês Tavares, Ana Cândido (Lisboa: Observatório das Desigualdades, 2020), 28.

É precisamente com força e dinamismo, que o Papa Francisco apresenta a fraternidade e a amizade social, como um compromisso concreto que, na sua ótica, deverá «ir além dos meros discursos e das formalidades e assumir formas concretas que rompam com as fronteiras». Neste contexto, a Encíclica *Fratelli Tutti*, surge como uma chamada de atenção às consciências individualistas, para que saiam do referido «meu» mundo, rompendo os muros das desigualdades e dos preconceitos, por forma a resgatar-se o valor fundamental da vida e da convivência humana, sempre com o sentido de dignificar o outro em todas as suas dimensões. Nesta linha, fortalece-se a ideia de que, o amadurecimento pessoal não se constrói no isolamento, mas supõe ir além do individualismo e ir ao encontro do próximo. Isto é, daquele que necessita de cuidados, ultrapassando as barreiras do preconceito, pois o caminho é redescobrimos que a nossa vocação é estarmos ao serviço do amor, que por sua vez, se revela no cuidado para com o outro. Não nos podemos esquecer e, lembra-nos o Papa que, na pandemia, foram muitos os que deram, a própria vida em prol do «outro». Por tudo isto, será muito importante, enquanto comunidade social e, em nome daqueles que lutaram contra a flagelo pandémico, como forma de os homenagear, devolver a dignidade a todos aqueles que a perderam, fruto de cultura do lucro e do consumismo<sup>229</sup>. Em continuidade a esta ideia, o Sumo Pontífice, denuncia o modelo atual da globalização, pois este destrói a riqueza da singularidade própria de cada pessoa e de cada povo. Neste sentido, Ceci nos traz a posição de Metz, que afirma a necessidade de haver «uma revolução antropológica», cujo caminho é deixar-se “comover” pelo sofrimento do outro<sup>230</sup>. É com este sentimento que Francisco «denuncia o desprezo pelos vulneráveis operado por formas populistas de fazer política e também por formas liberais que se colocam ao serviço dos interesses económicos dos poderosos».<sup>231</sup> Nesta linha de pensamento, vemos que a pandemia da COVID-19, acabou por colocar a descoberto a fragilidade do modelo atual de sociedade e, acabou por provocar, ao mesmo tempo, um período de reflexão sobre a necessidade de repensar novas coordenadas, para o rumo de um novo recomeço civilizacional.

---

<sup>229</sup> Cf. Passos, «Fratelli Tutti: uma Encíclica renovadora sobre as coisas novas e urgentes», 791-795.

<sup>230</sup> Cf. Ceci Mariani, «Viver a esperança: uma reflexão sobre espiritualidade e mística em vista da manutenção da esperança a partir da *Fratelli tutti*», *Horizonte* 18, n.º 56 (2020): 850-851, <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2020v18n56p847>.

<sup>231</sup> Mariani, 853.

### 3.2.3. Contexto Religioso

Se todos tivéssemos a capacidade de perceber que o planeta Terra, é a nossa «casa comum», a começar pelos governantes, certamente, o Papa Francisco não teria necessidade de nos relembrar, na sua Carta Encíclica *Laudato si'*, sobre o cuidado da «casa comum», na qual relembra que esta foi sempre uma preocupação da Igreja desde sempre. Neste contexto diz-nos Francisco:

O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar [...]. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum (*Laudato si'*, 13)

Francisco “profetizara” que este cuidado, teria de ser um cuidado que abarcava a todos numa missão, que não seria apenas dos poderes políticos, económicos, culturais, mas de todos, porque todos corremos os mesmos riscos.

A pandemia surge num contexto, onde se sente a falta de harmonia entre todos os seres que habitam o planeta. Há que entender que o planeta, tem o seu próprio “organograma”, ao qual todos os seres vivos terão de saber respeitá-lo. Caso contrário, cada ser estará a sentenciar a sua própria morte ou, por outro lado, a morte de todos. Não nos podemos esquecer que a emergência sanitária, provocada pela rápida disseminação da COVID-19, levou a uma interrupção repentina das nossas vidas, transportando-nos a um confinamento doméstico, condicionando as liberdades públicas, em particular a liberdade religiosa na sua dimensão coletiva<sup>232</sup>.

Ao falar da pandemia no campo religioso, é preciso ter em conta, neste contexto, que a espiritualidade, aparece associada à valorização da vida em todas as suas esferas e dimensões, isto é, num espaço onde se gera uma consciencialização «social, de alteridade, coexistencialidade e cordialidade, humanização e integração cósmica»<sup>233</sup>. Acabamos por perceber, que toda esta abrangência, acaba por ser impulsionada pelo princípio ético, onde a vida é um bem a preservar, em todas as suas dimensões.

Perante o quadro devastador da pandemia, o ser humano é invadido pelo sentimento de impotência. Faz viver para além da vulnerabilidade humana, o sentimento da finitude. É perante este sentimento, que o ser humano, poderá lançar-se num campo de

---

<sup>232</sup> Cf. Moniz, «Pandemia na era secular: Liberdade religiosa em Portugal nos inícios do surto da COVID-19».

<sup>233</sup> Ribeiro, «A pandemia vista no contexto das necropolíticas e das espiritualidades libertadoras», *Ephata* 3, n.º 2 (2021): 55, <https://doi.org/10.34632/ephata.2021.9647>.

transcendência, confiando e depositando, toda a renovação total do cosmos, num ser transcendente. É no clima de tensão, entre a finitude e a transcendência, que surge o sentimento da empatia e da solidariedade. É aqui, onde cada ser humano descobre a sua verdadeira missão da experiência comunitária e relacional, oferecida pela religião, que possibilita fazer um caminho de descoberta, onde todos comungam, não somente da mesma igualdade e dignidade, mas também do mesmo destino<sup>234</sup>.

Perante a atualidade da pandemia, a Igreja também teve de agir como educadora e reguladora dos valores morais, que orientam a sociedade no caminho do serviço e da obediência, em benefício do bem comum. Nesta ordem de ideias, o campo religioso, do qual a Igreja tem uma grande margem de manobra, por se tratar do seu “terreno” de ação, apresenta um caminho de salvação, promessa apresentada por Deus desde os primórdios. Esta promessa desperta, no coração do Homem, a possibilidade da esperança, tal como é colocada na ciência. Face à obediência, que segundo Giorgio Agamben, é vista como uma submissão da Igreja aos poderes políticos, deixa uma crítica polémica, face ao confinamento dos cristãos porque, segundo o seu critério, se estaria a abdicar de uma cidadania religiosa, em prol de uma biopolítica rendida ao poder da medicina<sup>235</sup>. Com este pensar, destaca-se o que nos diz João Manuel Duque, em que a salvação da comunidade, perante o vírus, passaria por se criar uma imunização natural, isto é, uma comunidade em que se contaminam reciprocamente, cuja acabaria por superar a subjetividade individualista. Pois no seu campo de visão, uma sociedade que se isola e exclui o outro para não se contaminar, acaba por se autodestruir<sup>236</sup>.

Apesar das visões contrárias, foi vontade primeira do Papa Francisco, mostrar a todos uma Igreja presente no mundo, e que abrange todo o mundo, isto é, uma Igreja em saída com uma presença universal. A mensagem desta universalidade, ecoa ainda nos nossos ouvidos pelas palavras, «ninguém se salva sozinho»<sup>237</sup>. Na ideia de universalidade da Igreja, Francisco partilha com o mundo, que a vocação primordial da Igreja e, de todos crentes e não crentes, é à solidariedade. Para o Sumo Pontífice, não basta uma Igreja de pedras, mas que se sinta desafiada a ir além, ou seja, uma Igreja que permanece viva em cada homem e em cada mulher e, portanto, sempre aberta pelo sentimento da partilha e da

---

<sup>234</sup> Cf. Ribeiro, «A pandemia vista no contexto das necropolíticas e das espiritualidades libertadoras», 56.

<sup>235</sup> Cf. Giorgio Agamben, «A che punto siamo? L’epidemia come politica», *cit. apud* Duque, «Religião, imunidade e hospitalidade», 50.

<sup>236</sup> Cf. Duque, «Religião, imunidade e hospitalidade», 53.

<sup>237</sup> Francisco, «Homilia da Bênção *Urbi et Orbi*», acedido a 27 de outubro de 2022, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papa-francesco\\_20200327\\_urbi-et-orbi-epidemia.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papa-francesco_20200327_urbi-et-orbi-epidemia.html).

comunhão, partilhando as mesmas alegrias e esperança, tristezas e angústias que diz respeito a toda a humanidade. Nesta dimensão acolhedora do Santo Padre, as suas palavras não se encerram na imagem de um líder religioso, que partilha uma leitura espiritualista com os fiéis, cujas palavras vão muito além das barreiras das ideologias e, acabam por ir abrindo brechas de esperança no coração de todos. A intensão do Papa Francisco é apresentar a realidade, de que todos somos seres vulneráveis e que necessitamos de todos, para reconstruir uma humanidade capaz de dar a mão àquele que está mais vulnerável, ou seja, numa condição mais desfavorável e desprotegida de qualquer condição da vida. Isto só será possível, mediante uma cultura do encontro. Uma cultura cultivada na esperança, com o desafio de romper com a cultura do individualismo, que deverá começar nos líderes religiosos, que não devem olhar para si como intermediários, mas sim como mediadores e, cuja função, está na construção da fraternidade, da defesa e da justiça. Nesta perspetiva, o diálogo será sempre visto como uma ferramenta que não nega, mas congrega as diferenças. Pois Deus é também autor das diferenças. Este pensamento perpetua-se com a preocupação do cuidado, sobretudo com os mais vulneráveis e aqueles que perderam há muito a sua dignidade, vendo-se excluídos aos seus direitos como pessoas<sup>238</sup>. No olhar de Francisco, a pandemia, não somente coloca a descoberto as nossas inseguranças, mas acaba por ser um desafio a sairmos do nosso subjetivismo individualista e, proporcionarmos encontros de solidariedade. Com as palavras e gestos do Papa, ao longo da pandemia, foi-se percebendo o desejo de uma Igreja concreta, que manifesta a sua catolicidade numa Igreja «hospital de campanha», que não se entende a partir de cima, mas de baixo, ou seja, uma Igreja que está permanentemente ao lado dos esquecidos, abandonados e daqueles que não tem visibilidade perante os que têm poder<sup>239</sup>. Uma igreja não singular, mas de pluralidades, tanto de comunidades eclesiais como de comunidade humana. Desta forma, afirma-se a universalidade da Igreja. Mateus Bernardes defende que «a origem da universalidade da Igreja está na sua própria identidade, isto é, o fato de ter uma mensagem destinada a todos os povos». Esta ideia vem corroborar a que Kung já tinha expressado anteriormente, «a Igreja não existe nunca simplesmente para si mesma; desde as suas origens vive para os demais, para a humanidade, para o mundo»<sup>240</sup>, nunca perdendo a sua perspetiva escatológica. É neste sentido que a pandemia surge como uma oportunidade, para a Igreja

---

<sup>238</sup> Cf. Mariani, «Viver a esperança: uma reflexão sobre espiritualidade e mística em vista da manutenção da esperança a partir da *Fratelli tutti*», 857.

<sup>239</sup> Matheus da Silva Bernardes, «A Igreja Católica na pandemia», *Pensar-Revista Eletrónica da FAJE* 11, n.º 2 (2020): 73-74.

<sup>240</sup> Bernardes, 71.

Católica poder recuperar a sua opção primordial pelo pobre, isto é, pelos mais vulneráveis<sup>241</sup>.

Os encerramentos dos templos levaram à procura de novas metodologias para se proporcionar num ambiente doméstico, a continuidade da celebração da Eucaristia, mas também da oração pessoal e familiar. Através de vários meios digitais e de comunicação social, a Igreja teve se embarcar na nova «*ágora* digital» e aventurar-se num novo terreno pouco conhecido, por forma a continuar presente e a acompanhar todos, com maior incidência naqueles que viviam sozinhos, por forma a aliviar a sua solidão. Pois não podemos esquecer que a solidão mata<sup>242</sup>. Já o Papa Bento XVI havia valorizado o mundo digital como uma oportunidade de a Igreja estar. Diz-nos: «No ambiente digital, existem redes sociais que oferecem ao homem atual oportunidades de oração, meditação ou partilha da Palavra de Deus. Mas estas redes podem também abrir as portas a outras dimensões da fé»<sup>243</sup>. Com isto, a Igreja repensou em novas metodologias, e tomou consciência da urgência de uma quebra de paradigma, para poder reinventar-se e acompanhar os novos tempos. Contudo, é importante salientar, que a mudança de paradigma, não significa perder a sua identidade, nem significa perder a memória passada, isto é, a sua origem, nem perder o seu ponto de orientação, ou seja, para onde ela caminha, o seu futuro, a Nova Jerusalém. Na continuidade do aproveitamento do espaço cibernético, podemos beber das ideias de Valdil Stephani e Julio Brotto, que defendem a superação do templocentrismo, na utilização das novas tecnologias, pois estas contribuem para uma interação com a sociedade contemporânea. No seu pensamento, demonstram que as pandemias são boas oportunidades, para a renovação das instituições religiosas. Reforçam ainda a ideia de que, as religiões, ao usarem os *mídia*, estarão a caminhar no sentido de um novo paradigma, com novas formas de agir e interagir com a sociedade. Já havia acontecido também ao longo da história das pandemias, como a Peste Negra e a Gripe Espanhola, em que os paradigmas religiosos cristãos acabaram por ser quebrados. Por exemplo, a valorização das casas como Igrejas domésticas, fez retomar a prática cristã dos primeiros séculos, ou seja,

---

<sup>241</sup> Bernardes, «A Igreja Católica na pandemia», 69.

<sup>242</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Desafios pastorais da pandemia à Igreja em Portugal», acedido a 30 de junho de 2022,

[http://conferenciaepiscopal.pt/v1/wp-content/uploads/CEP\\_DesafiosPastoraisPandemia.pdf](http://conferenciaepiscopal.pt/v1/wp-content/uploads/CEP_DesafiosPastoraisPandemia.pdf).

<sup>243</sup> Bento XVI, «Redes sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização», Mensagem do Papa Bento XVI para o 47.º Dia Mundial das Comunicações Sociais, acedido a 7 de setembro de 2024, [https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/messages/communications/documents/hf\\_benxvi\\_mes\\_2013\\_0124\\_47th-world-communications-day.html](https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/messages/communications/documents/hf_benxvi_mes_2013_0124_47th-world-communications-day.html).

a casa passou a ser vivido, como um lugar sagrado<sup>244</sup>. Na opinião de Matheus Bernardes, a experiência da Igreja doméstica, no tempo da pandemia, ficou aquém daquilo que se poderia alcançar. Na sua perspectiva, esta experiência traduziu-se unicamente numa procura excessiva das celebrações clericalizadas. Sentiu-se também, na sua ótica, uma falta de estratégia pastoral, além de se continuar a assistir a comunidades muito dependentes dos ministros ordenados. Estas críticas, desafiam todos os agentes de pastoral, por forma a poderem repensar em estratégias eficazes, que possam levar a uma conversão pastoral, pois só desta forma se conseguirão comunidades abertas à evangelização<sup>245</sup>.

---

<sup>244</sup> Cf. Stephanini, Brotto, «A quebra de paradigmas religiosos em tempos de pandemia: dos templos para as casas e para as mídias», 61-69.

<sup>245</sup> Bernardes, «A Igreja Católica na pandemia», 68.

## CONCLUSÃO

O aparecimento do vírus SARS-COV-2, causador da doença COVID-19, apareceu China, mais propriamente na cidade de Whuan. Um acontecimento que se pensava circunscrito ao continente asiático e que, rapidamente se alastrou pelos vários continentes, fruto da era globalizada em quem vivemos. Falamos de um vírus que foi detetado no final do ano de 2019 e só foi dado conhecimento pelas autoridades da China em começos de 2020.

A Organização Mundial de Saúde, ainda numa função moderadora, tentou entender e manter a calma perante o aparecimento do novo vírus. Esta calma durou muito pouco até ao ponto de se constatar o rápido alastramento do vírus por todo o mundo.

Os Decretos, emanados pelo Estado, transmitiam uma insegurança, instabilidade e, por vezes, uma desorientação face ao aparecimento do vírus em cada país. Com as mortes que foram surgindo em grandes números, o mundo acabou por perceber que vírus não era algo leve e de fácil trato. O Estado de calamidade e, posteriormente, Estado de Emergência foram decretados em todos os países. Medidas de autoproteção foram declaradas como obrigatórias. O Estado procurou políticas orientadoras que estabelecesse um controlo da transmissão do vírus, mas rapidamente viu-se, por um lado, a braços com os direitos da liberdade, assentes na Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações em 10 de dezembro 1948. Estes direitos foram exigidos pela sociedade e, pelas várias instituições sociais e religiosas, a determinado momento. Manter a ordem e impedir a transmissão do vírus mostrou-se uma tarefa nada fácil. Por outro lado, as correntes negacionistas vieram também dificultar toda a situação, inclusive o cumprimento das regras obrigatórias de autoproteção, a ideia que se tratava de uma “gripezinha”, invadiu as redes sociais, provocando resistências às medidas de combate ao vírus.

O Sistema de Saúde mostra-se fragilizado e vulnerável perante a urgência de respostas rápida que se exigiam. O Sistema de Saúde Europeu, não estava adaptado nem preparado para fazer frente a uma realidade epidemiológica, social e demográfica dos países europeus. As faltas de recursos humanos, sobretudo de profissionais de saúde, foram reveladoras do fraco investimento nos Sistemas de Saúde. O Estado, viu-se obrigado a criar redes protocolares público-privadas, por forma a dar resposta ao emergente e elevado número de casos de infetados. Se com esta situação os governantes não investirem nos

Sistemas de Saúde, no futuro, certamente iremos cair no mesmo erro, depararemos com um Sistema de Saúde com limitada resposta face a uma epidemia/pandemia.

Para manter o controle sobre a disseminação do vírus, foram necessários diálogos com as várias instituições sociais e religiosas. Um desafio que nem sempre foi fácil, em certos casos, gerando em certos países climas de tensão entre Estado e Instituições Religiosas, no caso da França.

Há que referir que as instituições religiosas se mostraram abertas ao diálogo contínuo e profícuo com o Estado. Gerou-se um clima de obediência de modo a fazer prevalecer a "boa-fé", de que tudo fariam em prol de um bem maior. Algumas Conferências Episcopais adiantaram-se no encerramento das Igrejas, face ao surgimento do decreto governamental, como o caso da Conferência Episcopal Portuguesa. Neste seguimento, os encerramentos das Igrejas, surgiram como convite e uma oportunidade no ressurgimento das igrejas domésticas.

A medicina remou contra a maré para perceber a composição do novo vírus e, preocupou-se em dar resposta eficaz no combate ao vírus. Somente com o estudo de uma nova vacina poderia oferecer a imunização das pessoas perante o vírus. É necessário lembrar que se trata de um vírus mortífero, que causou morte a milhões de pessoas em todo o planeta. No entanto e, fazendo uma retrospectiva face a outras pandemias do passado, como a peste negra ou a gripe espanhola, constatamos que a pandemia provocada pelo vírus Sars-Cov-2 não foi tão destrutiva.

O meio digital foi uma ferramenta que se tornou eficaz em tempo de pandemia e, ao mesmo tempo, mostrou-se como uma oferta de oportunidades para uma viragem de paradigmas. As celebrações litúrgicas, transmitidas através do meio digital, abriu à Igreja uma oportunidade de presença como comunidade em tempo de pandemia. A crítica face a este facto não tardou para os defensores de que a comunidade se realiza presencialmente. O teletrabalho foi solução para várias empresas, mas não para todos, principalmente para os trabalhos presenciais. As escolas readaptaram-se com plataformas digitais, como o ensino à distância, por forma a manter o ano letivo.

Não podemos esquecer que a pandemia fez emergir fragilidades e vulnerabilidades em todos os sectores: social, político, económico e religioso. As desigualdades que pré-existiam, foram agravadas com o flagelo pandémico. A economia sofreu um colapso e com ela os trabalhadores. Sobretudo os mais vulneráveis com baixas condições laborais. O turismo, a restauração, o sector da cultura, foram os que mais sentiram o declínio das suas

empresas. As desigualdades manifestaram-se em todas as esferas sociais agravando ainda mais dos que já as sofriam antes da pandemia.

A solidão foi o sentimento que mais marcou, sobretudo os mais idosos e doentes que se viram privados no contacto com familiares e amigos.

A interpretação do Papa Francisco, em plena Praça de São Pedro, vazia, inseriu toda a humanidade dentro da “grande barca” da humanidade onde nas grandes tempestades, todos tomamos consciência da nossa realidade. Precisamos uns dos outros, porque todos somos vulneráveis e, é face a esta vulnerabilidade, que mergulhamos na certeza de que «ninguém se salva sozinho». A voz do Santo Padre foi fundamental, não somente para os crentes, mas para não crentes que, viram nas suas palavras o despertar de um amanhecer repleto de esperança. Alastraram-se correntes de solidariedade por toda a parte.

Se os Estados tivessem consciência das suas políticas obsoletas; se a economia não se centrasse mais na produção do que na dignidade do trabalhador, olhando para ele como mero instrumento de produção; se as sociedades olhassem mais para a vivência da caridade, como o amor em movimento, que dignifica a pessoa, retirando-a da vulnerabilidade e inserindo-a no patamar da dignidade humana, certamente a forma como recebemos a pandemia teria sido muito diferente.

A pandemia da COVID-19 foi, sem margem para dúvidas, para além de uma prova de resistência a todos nós, também uma oportunidade de viragem. Oportunidade de repensar as novas estruturas sociais, políticas, económicas e até religiosas. A pandemia é um convite à mudança de paradigmas, oferecendo desafios para o surgimento de novos estilos de vida e, alertando para o cuidado do nosso planeta, principalmente para o uso abusivo dos recursos naturais do planeta que colocam em causa a nossa vida e a vida de todos os seres.

É de notar que este estudo não se trata de um caminho completo. Falar da pandemia da COVID-19, é ao mesmo tempo, dispor-se a percorrer uma longa estrada, que ainda não está terminada. É certamente um instrumento de ajuda para reflexão às várias estruturas governamentais, sociais e religiosas.

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes e documentos

- Bento XVI. «Carta Apostólica sob a forma de Motu Próprio – *Intima Ecclesiae Natura*», acessido a 16 de julho de 2022, [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu\\_proprio/documents/hf\\_ben-xvi\\_motu-proprio\\_20121111\\_caritas.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu_proprio/documents/hf_ben-xvi_motu-proprio_20121111_caritas.html).
- \_\_\_\_\_. «*Redes sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização*», Mensagem do Papa Bento XVI para o 47.º Dia Mundial das Comunicações Sociais, acessido a 7 de setembro de 2024, [https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/messages/communications/documents/hf\\_benxvi\\_mes\\_20130124\\_47th-world-communications-day.html](https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/messages/communications/documents/hf_benxvi_mes_20130124_47th-world-communications-day.html).
- Conferência Episcopal Espanhola. «Reunión de los secretarios generales del CELAM, España e Italia sobre la crisis del COVID 19» acessido a 17 de outubro de 2022, <https://www.conferenciaepiscopal.es/reunion-de-los-secretarios-generales-del-celam-espana-e-italia-sobre-la-cri-sis-del-covid-19/>.
- \_\_\_\_\_. «El compromiso de la Iglesia con la sociedad», acessido a 20 de junho de 2023, [www.conferenciaepiscopal.es](http://www.conferenciaepiscopal.es).
- \_\_\_\_\_. «El Pacto educativo global», acessido a 3 de agosto de 2022, <https://www.conferenciaepiscopal.es/el-pacto-educativo-global/>.
- \_\_\_\_\_. «Encuentro entre la CEE y el Ministerio de Educación», acessido a 20 de junho de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.es/encuentro-entre-representantes-de-la-cee-y-del-ministerio-de-educacion/>.
- \_\_\_\_\_. «Entrevista colectiva al Arzobispo D. Luís Arguello», acessido a 3 de agosto de 2022, <http://conferenciaepiscopal.es>.
- \_\_\_\_\_. «Entrevista colectiva al Arzobispo D. Luís Arguello», acessido a 3 de agosto de 2022, <http://conferenciaepiscopal.es>.
- \_\_\_\_\_. «Iglesia Solidaria», acessido a 20 de junho de 2023, [www.iglesiasolidaria.es](http://www.iglesiasolidaria.es) e [#SomosIglesia24Siete](https://twitter.com/SomosIglesia24Siete).
- \_\_\_\_\_. «La Comisión Permanente se reúne el 29 y 30 de septiembre», acessido a 4 de agosto de 2022, <https://www.conferenciaepiscopal.es/la-comision-permanente-se-reune-el-29-y-30-de-septiembre-de-2020/>.
- \_\_\_\_\_. «La Comisión Permanente se reúne el 29 y 30 de septiembre », acessido a 4 de agosto de 2022, <https://www.conferenciaepiscopal.es/la-comision-permanente-se-reune-el-29-y-30-de-septiembre-de-2020/>.
- \_\_\_\_\_. «La Iglesia Católica en España», acessido a 20 de junho de 2023, [www.conferenciaepiscopal.es/prensa/](http://www.conferenciaepiscopal.es/prensa/).
- \_\_\_\_\_. «Reunión de los secretarios generales del CELAM, España e Italia sobre la crisis del COVID 19», acessido a 21 de junho de 2022, <https://www.conferenciaepiscopal.es/reunion-de-los-secretarios-generales-del-celam-espana-e-italia-sobre-la-cri-sis-del-covid-19/>.
- \_\_\_\_\_. Relatório da Comissão de Pastoral e Promoção Humana à Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Espanhola, 15 de novembro de 2020, s.p
- Conferência Episcopal Francesa. «Messe», consultado a 2 de agosto de 2022, <http://eglise.catholique.fr/glossaire/messe>.

- \_\_\_\_\_, «Rameau», acedido a 3 de agosto de 2022  
<https://eglise.catholique.fr/glossaire/rameaux>.
- \_\_\_\_\_. «Assemblée Plénaria», 2 de agosto de 2022,  
<https://eglise.catholique.fr/glossaire/assemblee-pleniere>.
- \_\_\_\_\_. «Conférence des évêques de France», acedido a 2 de agosto de 2022,  
<https://eglise.catholique.fr/glossaire/conference-des-eveques-de-france>.
- \_\_\_\_\_. «Conférence des évêques de France», consultado a 2 de agosto de 2022,  
<https://eglise.catholique.fr/glossaire/conference-des-eveques-de-france>.
- \_\_\_\_\_. «Conseil Permanet», acedido a 2 de agosto de 2022,  
<https://eglise.catholique.fr/glossaire/conseil-permanet>.
- \_\_\_\_\_. «Demande de contestation pour violation de la liberté religieuse», 3 de agosto de 2022, <https://eglise.catholique.fr/glossaire/archeveque>.
- \_\_\_\_\_. «Eucharistie», consultado a 2 de agosto de 2022,  
<https://eglise.catholique.fr/glossaire/eucharistie>.
- \_\_\_\_\_. «Laïcs», acedido a 2 de agosto de 2022,  
<https://eglise.catholique.fr/glossaire/laics>.
- \_\_\_\_\_. «Rencontre de tous les évêques de France», consultado a 2 de agosto de 2022, <https://eglise.catholique.fr/glossaire/conference-des-eveques-de-france>.
- Conferência Episcopal Italiana. «Coronavirus: comunicato della Presidenza CEI», acedido a 13 de fevereiro de 2022, <https://www.chiesacattolica.it/coronavirus-comunicato-della-presidenza-cei/>.
- \_\_\_\_\_. «Covid 19: nuovi poveri in aumento», consultado a 15 de julho de 2022, <https://www.chiesacattolica.it/covid-19-nuovi-poveri-in-aumento/>.
- \_\_\_\_\_. «Consiglio Permanente del 26 gennaio: comunicato finale», acedido a 16 de julho de 2022, <https://www.chiesacattolica.it/consiglio-permanente-del-26-gennaio-il-comunicato-finale/>.
- \_\_\_\_\_. «Coronavirus: le misure del Governo. Piena collaborazione della CEI», consultado a 13 de julho de 2022, <https://www.chiesacattolica.it/coronavirus-le-nuove-misure-del-governo/>.
- \_\_\_\_\_. «Rapporto Caritas Italiana sulla pandemia», 17 de outubro de 2020, consultado a 15 de julho de 2022, [www.caritas.it](http://www.caritas.it).
- \_\_\_\_\_. «Una Chiesa di terra e di cielo», consultado a 13 de julho de 2022, <https://www.chiesacattolica.it/una-chiesa-di-terra-e-di-cielo/>.
- Conferência Episcopal Portuguesa. «Nota do Conselho Permanente da CEP sobre a situação provocada pelo Coronavírus», acedido a 23 de outubro de 2022, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/nota-do-conselho-permanente-da-cep-sobre-a-situacao-provocada-pelo-coronavirus/>.
- \_\_\_\_\_, «Esclarecimento da Conferência Episcopal Portuguesa sobre a celebração do Natal», acedido a 24 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/esclarecimento-da-cep-sobre-a-celebracao-do-natal/>.
- \_\_\_\_\_, «Reencontrar a esperança e a solidariedade», acedido a 24 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/reencontrar-a-esperanca-e-a-solidariedade/>.
- \_\_\_\_\_. «Cartazes da Direção Geral da Saúde», acedido a 17 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/cartazes-dgs/>.
- \_\_\_\_\_. «Celebrar e viver a fé em tempo de pandemia – Nota da Conferência Episcopal Portuguesa», acedido a 23 de junho de 2022, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/celebrar-e-viver-a-fe-em-tempo-de-pandemia-nota-da-conferencia-episcopal-portuguesa/>.

- \_\_\_\_\_. «Comunicado Conselho Permanente», acessido a 17 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/comunicado-do-conselho-permanente-da-cep/>.
- \_\_\_\_\_. «Comunicado da Conferência Episcopal Portuguesa», acessido a 16 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/comunicado-da-conferencia-episcopal-portuguesa-2/>.
- \_\_\_\_\_. «Comunicado da reunião do Conselho Permanente», acessido a 26 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/comunicado-da-reuniao-do-conselho-permanente-da-cep/>.
- \_\_\_\_\_. «Comunicado de imprensa sobre a pandemia do Covid-19», acessido a 16 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/covid-19-comunicado-da-conferencia-episcopal-portuguesa/>.
- \_\_\_\_\_. «Comunicado do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa sobre o novo confinamento», acessido a 24 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/comunicado-do-conselho-permanente-da-cep-sobre-o-novo-confinamento-c-audio/>.
- \_\_\_\_\_. «Comunicado do Conselho permanente da Conferência Episcopal Portuguesa», acessido a 26 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/comunicado-do-conselho-permanente-da-cep-lisboa-11-de-janeiro-de-2022/>.
- \_\_\_\_\_. «Comunicado sobre a Semana Santa», acessido a 16 de setembro de 2023, [https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/wpcontent/uploads/CEP\\_Comunicado\\_SemanaSanta\\_2020-03-20.pdf](https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/wpcontent/uploads/CEP_Comunicado_SemanaSanta_2020-03-20.pdf).
- \_\_\_\_\_. «Comunicado: Oração do Papa Francisco a 27 de março», acessido a 16 de setembro de 2023, [https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/wpcontent/uploads/CEP\\_Comunicado\\_OracaoPapa\\_27marco.pdf](https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/wpcontent/uploads/CEP_Comunicado_OracaoPapa_27marco.pdf).
- \_\_\_\_\_. «Consagração de Portugal ao Imaculado Coração de Maria», acessido a 16 de setembro de 2023, <https://www.santuariodesantarita.pt/consagracao-de-portugal-ao-sagrado-coracao-de-jesus-e-ao-imaculado-coracao-de-maria/>.
- \_\_\_\_\_. «Covid-19 – Comunicado da Conferência Episcopal Portuguesa», acessido a 23 de outubro de 2022, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/covid-19-comunicado-da-conferencia-episcopal-portuguesa/>.
- \_\_\_\_\_. «Covid-19 – Despacho do Governo: Circular Ministros de Culto», consultado a 16 de setembro de 2023, [https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/wpcontent/uploads/Covid19\\_DespachoGoverno\\_CirculacaoMinistrosCulto.pdf](https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/wpcontent/uploads/Covid19_DespachoGoverno_CirculacaoMinistrosCulto.pdf).
- \_\_\_\_\_. «Desafios pastorais da pandemia à Igreja em Portugal», acessido a 30 de junho de 2022, [http://conferenciaepiscopal.pt/v1/wp-content/uploads/CEP\\_DesafiosPastoraisPandemia.pdf](http://conferenciaepiscopal.pt/v1/wp-content/uploads/CEP_DesafiosPastoraisPandemia.pdf).
- \_\_\_\_\_. «Nota da Conferência Episcopal Portuguesa a propósito da reprovção do referendo sobre a Eutanásia», acessido a 17 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/nota-da-conferencia-episcopal-portuguesa-a-proposito-da-reprovacao-do-referendo-sobre-a-eutanasia/>.
- \_\_\_\_\_. «Nota do Conselho Permanente da CEP sobre a situação provocada pelo Coronavírus», acessido a 16 de junho de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/nota-do-conselho-permanente-da-cep-sobre-a-situacao-provocada-pelo-coronavirus/>.
- \_\_\_\_\_. «Nota do secretariado geral da Conferência Episcopal Portuguesa sobre o processo de vacinação», acessido a 26 de setembro de 2023,

- <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/nota-do-secretariado-geral-da-cep-sobre-o-processo-de-vacinacao/>. «Orientações da Conferência Episcopal Portuguesa para a celebração do culto público católico no contexto da pandemia Covid-19», acedido a 17 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/orientacoes-da-conferencia-episcopal-portuguesa-para-a-celebracao-do-culto-publico-catolico-no-contexto-da-pandemia-covid-19/>.
- \_\_\_\_\_. «Orientações da Conferência Episcopal Portuguesa sobre a liberdade responsável no culto e nas atividades pastorais», acedido a 26 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/orientacoes-da-conferencia-episcopal-portuguesa-liberdade-responsavel-no-culto-e-nas-atividades-pastorais/>.
- \_\_\_\_\_. «Palavras de abertura da 200.ª Assembleia Plenária», acedido a 26 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/palavras-de-abertura-da-200-a-assembleia-plenaria-da-cep/>.
- \_\_\_\_\_. «Recomeçar e reconstruir», consultado a 17 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/recomecar-e-reconstruir/>.
- \_\_\_\_\_. «Uma pandemia, um desafio solidário», acedido a 16 de setembro de 2023, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/uma-pandemia-um-desafio-a-solidariedade/>.
- Congregação para a Educação Católica. «Pacto Educativo Global», acedido a 20 de julho de 2022, <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/vademecum-portuges.pdf>.
- Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos. «Nota aos Bispos e às Conferências Episcopais sobre as celebrações da Semana Santa de 2021», acedido a 27 de setembro de 2023, [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccdds/documents/rc\\_con\\_ccdds\\_2021\\_settimanasanta-2021\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_2021_settimanasanta-2021_po.html).
- Conselho Permanente da Conferência Episcopal Italiana. «Comunicato finale del Consiglio Episcopale Permanente – sessione 3 novembre 2020», consultado a 15 de julho de 2022. [https://www.chiesacattolica.it/documentisegreteria/?fq%5Bwp\\_meta\\_cci\\_documento\\_anno\\_i%5D=2020](https://www.chiesacattolica.it/documentisegreteria/?fq%5Bwp_meta_cci_documento_anno_i%5D=2020).
- Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida. «La Chiesa domestica celebra la Pasqua», consultado a 13 de julho de 2022. <https://www.chiesacattolica.it/la-chiesa-domestica-celebra-la-pasqua/>.
- Euronews. «Segunda vaga de Covid-19 alastra na Europa», consultado a 17 de julho de 2022, <https://pt.euronews.com/2020/10/16/segunda-vaga-de-covid-19-alastra-se-na-europa>.
- Francisco, PP. *Gaudete et exsultate*. Prior Velho: Paulinas, 2018.
- \_\_\_\_\_. *Christus Vivit*. Prior Velho: Paulinas, 2019.
- \_\_\_\_\_. *Evangelii Gaudium*. Lisboa: Paulus, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Fratelli Tutti*. Prior Velho: Paulinas, 2020.
- \_\_\_\_\_. *Laudato Si'*. Prior Velho: Paulinas, 2015.
- \_\_\_\_\_. *O nome de Deus é Misericórdia*. Lisboa: Grupo Planeta, 2016
- \_\_\_\_\_. «Mensagem para a Celebração do LIV Dia Mundial da Paz – A cultura do cuidado como percurso de paz», acedido a 20 de junho de 2023, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papafrancesco\\_20201208\\_messaggio-54giornatamondiale-pace2021.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papafrancesco_20201208_messaggio-54giornatamondiale-pace2021.html).

- \_\_\_\_\_. «Homilia da Bênção *Urbi et Orbi*», acedido a 27 de outubro de 2022, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papa-francesco\\_20200327\\_urbi-et-orbi-epidemia.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papa-francesco_20200327_urbi-et-orbi-epidemia.html).
- \_\_\_\_\_. «Incontro con i partecipanti al V Congresso della Chiesa Italiana», acedido a 16 de julho de 2022, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papafrancesco\\_20151110\\_firenze-convegno-chiesa-italiana.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papafrancesco_20151110_firenze-convegno-chiesa-italiana.html).
- \_\_\_\_\_. «Lettera Del Santo Padre Francesco ai Sacerdoti Della Diocesi Di Roma», acedido a 15 de julho de 2022, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2020/documents/papafrancesco\\_20200531\\_lettera-sacerdoti.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2020/documents/papafrancesco_20200531_lettera-sacerdoti.html).
- \_\_\_\_\_. «Mensagem para o Dia Internacional das pessoas com deficiência – 3 de dezembro de 2020», acedido a 15 de julho de 2022, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco\\_20201203\\_messaggio-disabilita.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20201203_messaggio-disabilita.html).
- João Paulo II, PP. *Salvifici Doloris*. Prior Velho: Paulinas, 1984.
- Ministère de l'Interieur. «Décret n° 2020-548 du 11 mai 2020 prescrivant les mesures générales nécessaires pour faire face à l'épidémie de covid-19 dans le cadre de l'état d'urgence sanitaire», acedido a 2 de agosto de 2022, <https://www.legifrance.gouv.fr/jorf/id/JORFTEXT000041865329>.
- Monsieur Rougé. «Chers amis catéchumènes... » : messages des évêques aux « appelés » de leur diocèse», acedido a 2 de agosto de 2022, <https://catechese.catholique.fr/actualites-initiatives/temoignages/311426-confinement-catechumenes-massege-evoques/>.
- Moulins-Beaufort, Éric de. «Épidémie Covid-19 : recommandations de la CEF adressées aux évêques et aux responsables de mouvements et associations», consultado a 2 de agosto de 2022, <http://eglise.catholique.fr/espace-presse/communiqués-de-presse/495095-epidemic-covid-19-recommandations-de-cef-adressees-aux-eveques-aux-responsables-de-mouvements-associations/>.
- Organização das Nações Unidas. «*Declaração Universal dos Direitos Humanos*», Artigo 1, acedido a 22 de dezembro de 2020, [https://www.ohchr.org/en/udhr/documents/udhr\\_translations/por.pdf](https://www.ohchr.org/en/udhr/documents/udhr_translations/por.pdf).
- Organização Mundial da Saúde. «Histórico da Pandemia de Covid-19». Acedido a 16 de outubro de 2022. <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>.
- Santa Sé. «Coronavirus: dal Papa 100 mila euro a Caritas Italiana», acedido a 15 de julho de 2022, <https://www.chiesacattolica.it/coronavirus-dal-papa-100mila-euro-a-caritas-italiana/>.
- \_\_\_\_\_. «Giornata malato» – a 20 de dezembro de 2020», acedido a 16 de julho de 2022, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/papafrancesco\\_20201220\\_giornata-malato.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/papafrancesco_20201220_giornata-malato.html).
- \_\_\_\_\_. «Rispondiamo alla pandemia con la preghiera», consultado a 14 de julho de 2022, <https://www.chiesacattolica.it/alla-pandemia-rispondiamo-con-la-preghiera-e-la-tenerezza/>.

## Estudos e Ensaios

Arantes, Ana. *A morte é um dia que vale a pena viver*. Alfragide: Oficina do Livro, 2019.

- Ariño, Ana. «O futuro das cidades pós-COVID19» *Revista UNO* 34 (2020).  
[https://ideaspt.llorenteycuenca.com/wpcontent/uploads/sites/9/2020/07/200722\\_UNO34\\_PT3\\_pliegos.pdf](https://ideaspt.llorenteycuenca.com/wpcontent/uploads/sites/9/2020/07/200722_UNO34_PT3_pliegos.pdf).
- Bernardes, Matheus da Silva. «A Igreja Católica na pandemia». *Pensar-Revista Eletrônica da FAJE* 11, n.º 2, 2020, 64.
- Blengini, Carlo. «O Projeto Europeu é mais forte do que a Crise». *Nova Cidade* (abril 2021): 12.
- Comissão #daretocare. «#DaretoCare». *Nova Cidade* (abril 2021): 24.
- Coppel, Rodolfo. «A visibilidade limitada, um plano é mais necessário do que nunca» *Revista UNO* 34 (2020). <https://www.revista-uno.com.br/numero-34/>.
- Correia, Tiago. «Desigualdades Sociais e Pandemia». Em *Um olhar sociológico sobre a crise COVID-19 em Livro*, editado por Renato Carmo, Inês Tavares, Ana Cândido. Lisboa: Observatório das Desigualdades, 2020.
- Costa, António. «Desigualdades Sociais e Pandemia». Em *Um olhar sociológico sobre a crise COVID-19 em Livro*, editado por Renato Carmo, Inês Tavares, Ana Cândido. Lisboa: Observatório das Desigualdades, 2020.
- Duque, João Manuel. «Religião, imunidade e hospitalidade». *REVER* 22, n.1 (2022): 47-58. <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2021vol22ila4>.
- Halík, Tomás. *O Tempo das Igrejas vazias*. Prior Velho: Paulinas, 2021.
- Han, Byung-Chul. *Do desaparecimento dos Rituais*. Lisboa: Relógio D'Água, 2019.
- Hervieu-Lèger, Danièle. «O peregrino e o convertido – a religião em movimento». Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- Kasper, Walter, George Augustin. *Demolição e Reconstrução*. Águeda: Paulinas, 2020.
- Ladaria, Luís. «Carta *Samaritanus Bonus*», acessado a 27 de agosto de 2023, [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20200714\\_samaritanus-bonus\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20200714_samaritanus-bonus_po.html).
- Llorente, José. «O futuro que seremos». *Revista UNO* 34 (2020).  
[https://ideaspt.llorenteycuenca.com/wpcontent/uploads/sites/9/2020/07/200722\\_UNO34\\_PT3\\_pliegos.pdf](https://ideaspt.llorenteycuenca.com/wpcontent/uploads/sites/9/2020/07/200722_UNO34_PT3_pliegos.pdf).
- Maia, José. «O Patinho Feio ou o Lindo Cisne». *Nova Cidade* (abril 2021): 4.
- Mariani, Ceci. «Viver a esperança: uma reflexão sobre espiritualidade e mística em vista da manutenção da esperança a partir da *Fratelli tutti*». *Horizonte* 18, n.º 56, (2020), 847-859. <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2020v18n56p847>.
- Martins, Alexandre A. «Desafios éticos de uma crise mundial: Uma crise latente, sua manifestação (COVID-19) e confrontos a partir da ético social católica». *Ephatha* 3, n.º 2 (2021):13-37. <https://doi.org/10.34632/ephata.2021.9709>
- Moniz, Jorge Botelho. «Pandemia na era secular: Liberdade religiosa em Portugal nos inícios do surto da COVID-19». *Revista angolana de ciências* 3, n.º 2 (2021): 277-302. <https://doi.org/10.54580/R0302.02>.
- Morais, Talita, Pedro Monteiro. «Conceitos de vulnerabilidade humana e integridade individual para a bioética». *Revista Bioética* 25, n. 2 (2017): 311-319, <http://dx.doi.org/10.1590/1983-80422017252191>.
- Paços, João Décio. *A Pandemia do Coronavírus: Onde estivemos? Para onde vamos?*. São Paulo: Paulinas, 2020.
- Passos, João Décio. «Fratelli Tutti: uma Encíclica renovadora sobre as coisas novas e urgentes». *Horizonte* 19, n.º 59 (2021): 782-801. <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2021v19n59p782>.
- Patto, Pedro Vaz. «Novo Fôlego para a Europa?». *Nova Cidade* (abril 2021): 3.

- Piazenza, Mauro. «Nota Acerca do Sacramento da Reconciliação na atual situação de pandemia – Eu estou sempre convosco», acessido a 21 de agosto de 2022, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/nota-acerca-do-sacramento-da-reconciliacao-na-atual-situacao-de-pandemia/>.
- Pimenta, C., E. Capoano, P. Costa, V. de Sousa. «Nem a morte nos une: o futuro da humanidade no pós-COVID-19». *Holos* 3 (2021): 7. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/73836/1/NEM%20A%20MORTE%20NOS%20UNE.pdf>.
- Quintanilha, A. Fiolhais, C. Moedas, C. Clemente, M. Pinto, F. Louçã, F. Sousa, G. Neves, J. Gameiro, J. Jorge, L. Silva, M. Crato, N. Teixeira, N. Simas, P. *Pensar o Futuro*. Lisboa: Porto Editora, 2020.
- Ribeiro, Cláudio de Oliveira. «A Pandemia vista no contexto das necropolíticas e das espiritualidades libertadoras». *Ephata* 3, n.º 2 (2021): 39-70. <https://doi.org/10.34632/ephata.2021.9647>.
- Ribeiro, Manuel. «Eis o desafio», acessido a 03 de junho de 2022, <https://diocesebm.pt/noticias/eis-o-desafio-artigo-de-opiniao-do-pe-manuel-ribeiro>.
- Righi, Maurício G. «Pandemia e Civilização: Reflexões sobre a Religiosidade Latente dos Contágios». *Ephata* 3, n.º 2, (2021): 71-98. <http://doi.org/10.34632/ephata.2021.9707>.
- Russo, Stefano. «Camminiamo nella speranza», acessido a 14 de julho de 2022, <https://liturgico.chiesacattolica.it/camminiamo-nella-speranza-fratelli-tutti-55-2/>.
- Sarah, Card. Robert. «Decreto: Em tempos de Covid-19 (II)», consultado a 13 de julho de 2023, [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccdds/documents/rc\\_con\\_ccdds\\_doc\\_20200325\\_decreto-intempodicovid\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20200325_decreto-intempodicovid_po.html).
- Stephanini, Valdir, Julio Cezar de Paulo Brotto. «A quebra de paradigmas religiosos em tempos de pandemia: dos templos para as casas e para as mídias». *PLURA* 12, n.º 1 (2021): 63. <https://doi.org/10.29327/256659.12.1-5>.
- Teixeira, Faustino. «Francisco y el desafío esencial del resurgimiento». *Horizonte* 19, n.º 59 (2021): 491-492. <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/issue/view/1323>.
- Wikipedia. «Pandemia de Covid-19 na Itália», consultado a 19 de junho de 2022, [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandemia\\_de\\_COVID-19\\_na\\_It%C3%A1lia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandemia_de_COVID-19_na_It%C3%A1lia).